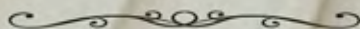


SANDRA NATIVIDADE

MEMÓRIAS DA IGREJA BATISTA PIONEIRA EM SERGIPE

João Heleodoro do Nascimento
Mário Barreto França

(ESBOÇOS)



EDIÇÃO COMEMORATIVA
AOS 110 ANOS DE ORGANIZAÇÃO
DA PIB DE ARACAJU
1913-2023.

SANDRA NATIVIDADE

MEMÓRIAS DA IGREJA BATISTA PIONEIRA EM SERGIPE

JOÃO HELEODORO DO NASCIMENTO
MÁRIO BARRETO FRANÇA
(ESBOÇOS)



VOL. I

EDIÇÃO COMEMORATIVA AOS 110 ANOS DE
ORGANIZAÇÃO DA PIB DE ARACAJU - 1913-2023.



Criação Editora

Aracaju, 2023

Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei de Regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome do autor, título da obra, editora, edição e paginação. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.619/1998) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação e capa

Adilma Menezes

Revisão de texto

Shirley Rocha

N278m Natividade, Sandra.

Memórias da Igreja Batista Pioneira em Sergipe: Edição comemorativa aos 110 anos de organização da PIB de Aracaju - 1913-2023 – Volume 1 / Sandra Natividade; Prefácio de Sônia Maria de Azevedo Viana. – 1. ed. – Aracaju, SE : Criação Editora, 2023.

312 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-8413-387-1

1. Igreja Batista. 2. João Heleodoro do Nascimento. 3. Mário Barreto França. 4. Memória. 5. Sergipe. I. Título. II. Assunto. III. Autora.

CDD 250:981.41

CDU 348.86(813.7)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes – CRB-8 8846

*“Ora ao Rei dos séculos, imortal,
invisível,
Ao único Deus seja honra e glória para
todo o sempre. Amém.”*
I Tm. 1.17

*Dedico esta obra a
Othon Ávila Amaral, intelectual de
mente privilegiada, destaque entre
os pesquisadores Batistas do Brasil,
meu ilustre companheiro de Conselho
Editorial em O Jornal Batista/RJ.*

GRATIDÃO



A Deus por me conceder chegar ao final desta obra.

À memória dos meus queridos pais, José e Hilda Natividade pelo legado de retidão.

A Othon Ávila Amaral, amigo insofismável gratidão pela sugestão desta publicação.

À Gércia do Nascimento Mendonça (i.m.), sem a qual não chegaria aos familiares do saudoso João Heleodoro do Nascimento, seu pai, gratidão que se estende aos descendentes com os quais mantive contato: Emerson Mendonça Góes Silva, Joadi Silveira Mendonça Gomes, Mirian Mendonça Queiroz e Jamlix Garcez Nascimento Mendonça.

Aos familiares do saudoso poeta Mário Barreto França, especialmente pastor Mário Barreto França Filho e Marluce de Souza França.

Ao pastor Israel Pinto Pimentel, sempre comigo nas caminhadas literárias.

À professora Ycléa Cervino, por sua disponibilidade em servir, o SEC é uma instituição privilegiada em tê-la no corpo docente.

À Maria José Mota Rocha, pela declamação espontânea da poesia do Mário, no Núcleo dos Lares, ação que fez diferença.



À congreira jornalista Shirley Rocha, presidente da ALV, por ser instrumento de Deus na largada final.

À minha eterna professora Yvone Mendonça de Sousa, congreira da ALV a quem agradeço pelo carinho e atenção.

Ao caríssimo confrade Cleiber Vieira, presidente da ASI, pela visão de águia, meu contínuo apreço.

A congreira professora doutora Sônia Maria de Azevedo Viana, presidente da UBE, prefaciadora desta obra toda estima e gratidão.

Ao pastor Manassés Ferreira Lima, gratidão pelo substancial comentário.

Ao confrade professor doutor Francisco Diemerson, presidente da ALA, pelo incentivo e afeto sempre demonstrados.

Ao ministério pastoral da PIB de Aracaju na pessoa do presidente Paulo Sérgio dos Santos e a membresia que amo a todos e a cada um, minha gratidão.

Aos meus amigos e amigas de todas as épocas, esses que me acompanham porque tem consciência de que juntos podemos construir mais. A vocês meu amor e gratidão.

Aos meus manos da família nuclear amores que não esqueço Pedro Neto, Rose, Elizabete e Teresa e aos sobrinhos pelo afeto demonstrado.

À Criação Editora na pessoa da proprietária Adilma Menezes, empresa que escolhi para trabalhar meus livros desde 2007.

Minha estima e atenção aos confrades dos seguimentos: ASI, ALV, ALA, IHGSE e UBE.



ABREVIATURAS E SIGLAS USADAS NESTA OBRA

ABM	Aliança Batista Mundial
ALA	Academia de Letras de Aracaju
ALV	Academia Literária de Vida
ASI	Associação Sergipana de Imprensa
CEMAS	Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense
CAB	Colégio Americano Batista
CC	Cantor Cristão
CPB	Casa Publicadora Batista
CBB	Convenção Batista Brasileira
BWA	Baptist World Aliance
ESI	Escola de Sargentos de Infantaria
EUA	Estados Unidos da América
HCC	Hinário para o Culto Cristão
OJB	O Jornal Batista
PL	Partido Liberal
Pr.	Pastor
PIB	Primeira Igreja Batista
PIBA	Primeira Igreja Batista de Aracaju
SEC	Seminário de Educação Cristã
SETEBASE	Seminário Teológico Batista Sergipano
UBE	União Brasileira de Escritores
UMB	União de Moços Batista
IHGSE	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
JUERP	Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira

PREFÁCIO



“É preciso ler essa nossa história não com os olhos, mas com a memória e a emoção”.

(Machado de Assis)

O convite para prefaciар esta obra, que comemora os 110 anos da PIB/Aracaju, trouxe-nos honra e desafio, possibilitando ampliação de conhecimentos sobre a jornada inédita dos pioneiros da Igreja Batista em Aracaju narrada pela escritora e pesquisadora Sandra Natividade, na perspectiva das categorias da História Oral e da Memória. Cercada por uma plêiade de ilustres representantes da historiografia Batista, Sandra preenche uma lacuna necessária para o registro historiográfico dos feitos e ações daqueles que se tornaram notáveis por suas obras; ícones de um tempo vivido no contexto das tensões e oportunidades que os fizeram ultrapassar barreiras para construir referências que jamais poderão ser esquecidas.

Nessa perspectiva, reconhecemos a importância dessa obra singular que desvela e realça o papel dos fundadores da Primeira Igreja Batista de Aracaju como instituição religiosa promotora de progresso espiritual e consolidação de valores perenes, que transformam e referenciam modos de agir, pensar, sentir, contribuindo para educar a sociedade, renovando, de forma permanente, os princípios que orientam a fé cristã.

Para uma escritora extraordinária como Sandra Natividade, madura nos princípios da fé cristã e no domínio das



concepções que direcionam a pesquisa no âmbito da historiografia Batista, produzir esta obra resgatando a memória guardada entre as dobras virtuosas de um tempo pleno de possibilidades, tornou-se missão inescapável por sua alma semeadora dessa sabedoria, que acende a flama iluminadora dos lugares onde as fontes cristalinas fluem à espera dos que estão ávidos por conhecer o passado, ressignificando o presente para promover um futuro mais pacífico e esperançoso.

Desde o começo da leitura experimentamos um desejo quase incomensável para descobrir, de pronto, ao virar uma página, ou superar um parágrafo, todas as circunstâncias vividas pelos memoráveis, verdades abrigadas no passado das coisas feitas e que, na leve tensão da leitura, a todo momento mobiliza, interroga, informa e encanta.

A memória que dialoga com a história da Igreja Batista em suas diversas faces e modos de realização torna evidente, no cuidado de ver, ouvir e entender, aquilo que se guarda como princípio constituinte da nobreza que habita a intimidade de cada ser vivo com sua identidade particular, mas que reflete, sem dúvida, as interferências do contexto social e coletivo. Vemos isso em Buzzi, (2002, p. 83)

O olho se realiza no cuidado de ver, o ouvido no cuidado de ouvir, o coração no cuidado de desejar e a inteligência no cuidado de entender! A identidade humana se realiza no cuidado pastoral de hospedar-se no real que o olho vê, que o ouvido ouve, que o coração deseja, que a inteligência compreende.

Tudo aquilo que o olho pode ver, o coração pode sentir e a inteligência pode entender, somente se torna substantivo na



formação da identidade humana à medida que criamos pausas abertas que nos proporcionam ressignificar a realidade; uma realidade que não é una, mas múltipla e se expressa em seus modos, ao mesmo tempo diversos e particulares, para cada um de nós, conforme nossas expectativas, contextos sociais, interesses, cultura, valores. Esses elementos que vão compondo nosso ser social nascem das interações propiciadas pelo ambiente familiar, florescem nas instituições educativas e religiosas e vicejam na sociedade.

Assim, para início de conversa, fazendo emergir o dulçor de pequenas lascas da memória, podemos chancelar a fortuna literária da obra de Sandra Natividade, como pesquisadora perita em ultrapassagens, porque sabemos que nada para ela, em tempo algum, representa ou representou barreira e sempre foi infinita a sua capacidade de resistir e criar asas para sobrevoar, atravessar obstáculos e alçar horizontes novos para desenhar, por seu querer maior, percursos infinitos sobre um passado que guarda ainda muitas histórias acerca da fundação da Primeira Igreja Batista de Aracaju, primeira organizada no Estado.

Dessa forma, guiados pelas palavras tecelãs da autora, protagonizamos com os pioneiros desse primeiro volume, a obra em suas origens, como testemunhas da engenhosa fábrica de histórias de vida humana, pessoal e coletiva. História que agora passa a ser de todos, acesa pelas lembranças rememoradas que se alinharam para indicar os percursos reveladores do que se fez no passado e se estendeu, claro como água de fonte limpinha, fertilizando novas confabulações necessárias para tecer o presente e futuros em amplas e flexíveis continuidades.

Dois grandes homens se revelam sob o olhar investigativo e rigoroso, e a escuta atenciosa e delicada de Sandra Nativi-

dade que define “*as histórias são multifacetadas, com beleza própria, que por si só engrandecem famílias, povo e pátria*” (p. 29). No livro, transparece no processo de rememoração, pela mediação de testemunhas especiais, além das realidades pessoais e familiares dos pesquisados, uma memória mais ampla como “lembrança coletiva” que, segundo Halbwachs (2013), reflete toda uma rede de relações sociais e significados culturais próprios de um determinado contexto e época.

É justamente a capacidade de lembrar que permite ao ser humano conhecer as suas origens e reminiscências, salvando o passado da desmemória e do esquecimento, esclarecendo o presente, não apenas com a rigidez categórica e objetiva da investigação científica guiada pelo movimento da pesquisa, sobretudo pelo mérito de uma pesquisadora rigorosa e ao mesmo tempo sensível, cuja maestria singular, na regência das informações coletadas, contribuiu para conjugar as circunstâncias vislumbradas na tessitura dos contextos, revelando enredos, personagens e cenários inéditos que integraram a vida real. A obra expõe pedaços da existência colados à geografia e à arquitetura social dos espaços ocupados e que Sandra, habilmente, ajuntou, com a sua narrativa cativante que nos fez atravessar com ela os tempos idos, para referenciar uma face significativa da história, até então, desconhecida.

A palavra de Sandra Natividade, mais que testemunha de fecunda memória de dois grandes homens, João Heleodoro e Mário Barreto, notáveis por suas obras vinculadas ao ministério religioso, resulta do seu respeito pela História da Igreja Batista, da sua ética invulnerável, do seu cuidado humano com as fontes onde colhe o frescor das águas limpas, que ao beber nos dão mais sede. Julgamos que não caberia a outro, senão a Sandra Natividade, demarcar esse caminho das



fontes luminosas, caminho permeado de barreiras e atalhos, para inaugurar o privilégio de iluminar os valores perenes da sua Igreja, em dias que carecem, como nunca, de essenciais renascimentos. Sandra não usa a palavra apenas como uma ferramenta ímpar de comunicação, mas como pedaços do mais nobre sentimento, inspirada pelo amor de Deus, por sua fé inabalável e por sua razão motivadora como farol da mais humana sabedoria.

Vamos, então, aos destaques da narrativa memorialística que instigará a sede dos leitores e a vontade de conhecer, mais e mais, o caminho dessas fontes que Sandra Natividade iluminou, trazendo à tona com perícia exemplar parte importante da historiografia Batista, cuja compreensão exige mais que uma leitura atenta, exige consciência aberta, respeito e sentimento pelo esplendor da memória desbravada.

O livro de Sandra – “Memórias da Igreja Batista Pioneira em Sergipe” – ao ser identificado como volume 1, desperta no leitor, além de novas expectativas, a vontade de não ancorar agora, mas seguir viagem pelo reino do tempo que dará acesso às experiências vividas no breve instante de sua duração. Diz Santo Agostinho (Confissões XI, 20 I), que “*Não existem, propriamente falando, três tempos: o passado, o presente e o futuro, mas somente o vigor de três presentes: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro*”. Sandra Natividade fica devedora, creditada por seus leitores para novas revelações sobre um passado que se fará presente por sua incansável busca de elucidação, instigada que foi, como ela mesma confidencia, pela “*preciosa inteligência de Othon Ávila Amaral*” (p. 31).

O livro, que se divide em dois capítulos, trata da história de vida, família, obras, desafios e oportunidades de dois gran-



des nomes memoráveis da Igreja Batista: João Heleodoro do Nascimento, integrante da primeira diretoria da PIBA (1913), e Mário Barreto França (1923), bisneto do ilustre vulto da nossa história, Tobias Barreto de Menezes. No entanto, podemos afirmar que não se trata apenas da memória de dois importantes personagens, mas, especialmente, dos acontecimentos que propiciaram o nascimento da Igreja Batista em Sergipe.

A introdução contempla, como apropriado, uma visão de síntese, cuja objetividade necessária vai definindo o perfil dos dois pioneiros, além de contextualizar aspectos históricos importantes como a formação da UMB – União de Moços Batistas e a citação de nomes daqueles que participaram da primeira diretoria da igreja.

O primeiro capítulo é dedicado a João Heleodoro do Nascimento como um dos pioneiros a integrar a Diretoria Executiva da Igreja Batista mais antiga de Sergipe. Destaca-se nesse capítulo a fertilidade dos encontros com Gércia do Nascimento Mendonça e Joadi Silveira Mendonça, respectivamente filha e neta de Heleodoro, que se constituíram em fontes especiais de pesquisa como guardiãs da história da família. Dados, ilustrações, fotos fazem parte da narrativa histórica de Sandra, cujo vigor científico lhe permite anteceder os primórdios de fundação da PIB. Desse modo, detalha primorosamente a jornada de vida de Heleodoro e de sua família, entrelaçando uma narrativa de vida particular e coletiva entre as mudanças desafiadoras e a criação da grande família composta por oito filhos. Nessa perspectiva, destaca-se a produção das condições sociais e econômicas que favoreceram, pelo empenho de Heleodoro, no trabalho evangelístico de base para que houvesse a organização de uma Igreja Batista em Pinheiros/ES. É importante observar a valorização que Sandra evidencia e



confere à exaustiva participação de dona Emília, esposa de Heleodoro, presença diligente no projeto de evangelização e cuidado com a família.

Outra perspectiva que não podemos negligenciar, sobre o trabalho de Sandra, diz respeito à riqueza de documentos e fotos ilustrativas, a maioria recolhidos de álbuns de família, que embelezam e trazem detalhes inéditos dos eventos importantes vividos pelas famílias contempladas nesta obra.

No segundo capítulo conhecemos a história de Mário Barreto França, denominado “príncipe dos poetas evangélicos”, descendente do ilustre sergipano Tobias Barreto, que na percepção de Sandra precisaria ser mais divulgado e reconhecido pela beleza e singularidade dos poemas que caracterizam e compõem, inclusive o Hinário Cristão. A autora, cita GHEDIN e FRANCO fazendo a pertinência de *“destrinchar a complexidade do real no singular sem perder de vista e sem deixar de ter como horizonte a totalidade daquilo que aparece como particular”* (p. 90), enfatizando isto na obra. Órfão desde muito cedo, Mário foi criado até os cinco anos de idade pela bisavó Mafalda e, depois por sua Tia Calíope e seu marido Benevides, vivenciando múltiplas experiências no seio das famílias que o acolheram precocemente, após o falecimento dos seus pais.

A perícia descritiva de Sandra Natividade promove mais que conhecimento, eleva a alma do leitor a um estado de encantamento pela fartura dos detalhes que nos permite nítida recomposição dos cenários arquitetônicos enraizados na geografia dos municípios do extremo norte, onde Mário viveu sua infância e juventude, realçando o conjunto de residências, casas de funcionários e gerente, armazéns, galpões... A autora descreve com rara sensibilidade e delicadeza:



A experiência de uma infância exclusivamente no campo foi para o menino Mário motivo de descoberta indizível, a farta pescaria à margem do rio Juruá, com caniço ou tarrafa, o cuidado com o rico jardim e a grande horta da Tia Zui, a reunião após o jantar com os priminhos em volta da grande mesa iluminada com a luz fraca dos dois lampiões a querosene ouvindo histórias (...) As noites ficavam mais graciosas quando os visitantes de seus tios tocavam instrumentos transformando o Seringal numa grande festa...

Constatamos que a infância com Tia Zui foi um tempo muito bom, farto e bem vivido por Mário Barreto, protegido e bem cuidado por seus tios. Porém, com a morte do tio, surgiu para o menino Mário uma outra etapa de vida retornando à cidade de Recife para experimentar um tempo antagônico, hostil e carente de providências que a família não poderia atender naquele momento.

No entanto, a vida é, sobretudo, a inquietude, a lacuna, a incompletude a ser constantemente preenchida, e em meio aos desafios e adversidades nascem as possibilidades de mudança e renovação. A partir dessa fase de muitas dificuldades, consolidase o fortalecimento da fé cristã, criando espaço para o início de um processo de conversão, – da tia Calíope e de Mário Barreto –, que aos dez anos de idade passou a compreender e aceitar os ensinamentos e doutrinas da fé professada pela Igreja Batista.

Entre viagens e mudanças Mário desenvolveu seus estudos e, chegando a Aracaju, participou das homenagens feitas pelo então governador ao seu bisavô Tobias Barreto. A partir de então, viveu um período pleno de buscas e realizações, - ingressou na carreira militar, servindo ao exército brasileiro, casou-se, foi pai, professor, jornalista, concluiu



o Curso de Direito e dedicou sua rara inspiração literária à produção de poesias que declamava nos recitais e saraus para os quais era convidado especial, além das ministrações do Evangelho de Cristo em boa parte dos estados brasileiros. Assim, produziu vasta obra que ultrapassou as fronteiras do país, migrando por Angola, Moçambique, Estados Unidos, sendo reconhecido como “o príncipe dos poetas evangélicos”. Para deleite antecipado dos leitores, transcrevo abaixo amostra de dois dos inúmeros e belos poemas de Mário Barreto:

MEUS DIAS DE MENINO

Faz tempo já!... Mas a memória,
Aos embates da sorte e do destino,
Revive na minha alma a humilde história
Dos meus dias de menino...

Na rua do meu bairro proletário,
A bola, os papagaios e os piões
Eram, para nós outros, o estrelário
De um mundo de folguedo e de ilusões...
(...)

NÃO TE ARREPENDERÁS!

De haver a tua língua refreado
Para não proferires cousas más,
Ou cometeres faltas e pecados
– Não te arrependerás!

De haver formado de outros bons conceitos,
Ou de não ir da inveja e orgulho atrás;
De lutar pelo império do Direito,
– Não te arrependerás!
(...)



Os leitores poderão se deleitar não só com as poesias de Mário Barreto, mas também com as preciosidades iconográficas que enriquecem esta obra, entre as quais as cópias das capas dos livros e a transcrição dos inúmeros e belíssimos poemas de Mario Barreto que, a meu ver, merecem pauta de relançamento por sua beleza, doçura e particular importância no contexto da literatura evangélica.

Recomendamos que a leitura deve ser pausada e atenta, demorando-se onde o seu coração pousar, totalmente cativado, pois cada palavra fornecerá as pistas para conhecer o espírito sensível e terno de um homem acostumado às ordenações da racionalidade, que impera, como deve ser, em seus atos profissionais, sem, no entanto, cercear a sua vocação literária e o seu extraordinário talento para compor poesias.

Por fim, reafirmamos o valor historiográfico incomensurável desta obra que abre as cortinas da memória de vida e trabalho de dois grandes pioneiros da Igreja Batista em Sergipe, e nos conduz de forma inteligente e singular a pensar sobre as questões de ontem que repercutem ainda no tempo presente, delineando uma nova perspectiva de compreensão sobre a emergência dos acontecimentos vividos, entre dificuldades, resistências, persistências, lutas e superações dos que contribuíram para fundação da Primeira Igreja Batista em terras sergipanas.

Almejamos que Sandra Natividade continue iluminando o caminho das fontes especiais e nos convide novamente para beber dessa água que dá mais sede, por vicejar novas referências, histórias e memórias, necessárias para que se reconheça a grandeza da existência humana e a singularidade de suas memoráveis experiências e produções, que ultrapassam a finitude do tempo.

SANDRA NATIVIDADE

*E o fim de todas as nossas explorações será chegar ao lugar
de onde partimos e conhecê-lo então pela primeira vez”*
(BARTHES, 1996).

Sônia Maria de Azevedo Viana

Professora Doutora, Escritora

Presidente da União Brasileira de Escritores - UBE Núcleo Aracaju

Membro da Academia de Letras de Aracaju - ALA

MEMÓRIAS DA IGREJA BATISTA PIONEIRA EM SERGIPE



Ainda que não pareça, escrever sobre vultos que compuseram a memória de um povo ou época, é sempre um gigantesco desafio. Ainda assim a autora deste trabalho enfrentou com muita galhardia e estilo nos brindando com uma leitura rica em informação histórica e pródiga de bons testemunhos que edificam caracteres e aconselha as gerações emergentes.

Fui incumbido honrosamente de lê-lo e confesso que quando soube que era um apanhado de informações biográficas de um poeta notavelmente conhecido e laureado no meio evangélico e outro ilustre desconhecido, com registro apenas de ter sido primeiro tesoureiro da história da Primeira Igreja Batista de Aracaju, não me sentir entusiasmado. No entanto, ao iniciar a leitura, sendo bafejado pelo hálito benfazejo do estilo claro e estimulante da autora, apaixonando-me pela didática da autora e principalmente pelo objetivo da obra que salta aos olhos dos leitores que consomem avidamente as lições das entrelinhas.

E qual é esse objetivo redentor de amenidades? O nobre mister de não deixar cair no mar do esquecimento aqueles que durante toda vida, carregaram e praticaram um lema a ferro e fogo, que serviu como pedra de fundamento para os seus contemporâneos e gerações pósteras. Este século vive de cobrir de idolatria figuras nocivas e insignificantes, basta ver quem são os famosos da atualidade, bem como do passado recente. Não quero citar nomes para não ser desagradável e



aético, mas recentemente, uma cantora de rock faleceu e foi eldorado pela mídia, não sendo nada mais nada menos do que uma apologeta da pornografia em sua música.

Sandra Natividade, na contramão dos valores midiáticos, buscou resgatar e trazer a lume, os valores intrínsecos de pessoas simples que em vasos de barro estiveram perfumando o mundo em seu tempo terreal.

Os dois personagens deste livro perfazem exemplo do que me refiro. Foram pessoas comuns, que nasceram em condições desfavoráveis, mas viraram o jogo da vida com a simples e infalível receita de andar com Deus e por Ele agir em quaisquer circunstâncias. A isso se deveu o sucesso dos dois personagens: João Heleodoro do Nascimento e Mário Barreto França, esse último com uma atividade pública trazida dos céus com a qual se notabilizou que era a arte homérica de escrever poemas, e assim fez para a Glória de Deus.

Creio que a lista do livro de hebreus referente aos heróis da fé não é exaustiva, mas sim exemplificativa, todavia os mais recentes precisam de ser trazidos à tona e não serem soterrados no lixo da história. Minha oração é que outras pessoas possam levantar-se com a disposição dessa autora, de ressuscitar os vultos da história do evangelho que deram ao mundo uma contribuição na construção de um mundo melhor.

Por derradeiro, encerro esse breve comentário dizendo que todo herói tem nome, o anonimato é próprio dos que não se acompanham de Deus. João Heleodoro do Nascimento e Mário Barreto França, foram servos do Deus Altíssimo e com Ele andavam e doravante fazem parte da minha lista de heróis.

Manassés Ferreira Lima

Advogado, Pastor, Professor do SETEBASE

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
Memórias da Igreja Batista Pioneira em Sergipe	25
Introdução	29

Capítulo 1

HELEODORO, UM DOS PIONEIROS NA DIRETORIA DA IGREJA BATISTA MAIS ANTIGA DE SERGIPE	33
Caminho percorrido pelo Personagem	40
Mudança para a Bahia	44
Mudança para o Espírito Santo	45
Fac-Símiles	59
Galeria de Fotos.....	63

Capítulo 2

MÁRIO BARRETO FRANÇA - A PARTIR DE ARACAJU	85
Mário Barreto França - Um Pouco da sua Trajetória e Legado.....	90
Breve Estada no Extremo Norte.....	94
Belém, novo Domicílio	98
Retorno ao Recife	100
Tempo Difícil	102
A Conversão de Calíope	102
Como Aconteceu a Conversão de Mário	109
Estudando no Colégio Americano Batista	112
Encontro Inusitado	116
Obstinação e Busca por Melhores dias	117

Aracaju e sua Importância na Vida de Mário	122
A Vida de Mário ainda em Aracaju.....	143
Incurções de uma Vida Vitoriosa.....	151
Poetizar e Evangelizar, seu Limite.....	165
Poetizando.....	174
Conjunto Icarai.....	178
Recordações de um Tempo.....	180
O Ocaso	183
ANEXO I.....	187
Alguns Poemas de Mário Barreto França	
ANEXO II.....	235
Da Obra Poesias Evangélicas Publicação de 1946	
ANEXO III	257
Poesias do Livro “Dias e Noites”, (1881), de Tobias Barreto de Menezes, Bisavô de Mário Barreto França	
ANEXO IV	267
Transcrição dos Poemas Manuscritos, 1923	268
Fac-Símiles.....	272
Resgate de Algumas Capas de seus Livros	274
ICONOGRAFIA.....	277
REFERÊNCIAS E FONTES.....	283
Sobre a Autora	
SANDRA NATIVIDADE.....	287

INTRODUÇÃO



Pensar é viver a história, o pesquisador vive isto em cada detalhe. No início as dificuldades inerentes a um percurso direcionado pelo objeto que propicia a causa. A historiografia Batista por exemplo mostra memórias inapagáveis, como espelho, os destemidos que saíram da Inglaterra, foram a Holanda 1608, depois alguns voltam para a Inglaterra onde participam e organizam a Primeira Igreja em solo inglês, fato ocorrido em 1612. No Brasil igualmente a história foi notável, imigrantes sulistas derrotados na Guerra de Secessão, ou Guerra Civil Americana (1861-1865) desembarcaram no Brasil com o objetivo de reconstruir a vida e suas fortunas. O fato de muitos deles professarem a religião evangélica corroborou para o início da denominação Batista no Brasil, tendo seu marco fundacional como Primeira Igreja Batista em 10 de setembro 1871, em Santa Bárbara do Oeste, São Paulo/SP, interessante e verdade é que alguns ou quase todos não dominavam fluentemente o português, mas o impasse foi sanado. A denominação se instalou à época na megalópole mais representativa do país e daí para todos os demais Estados do Brasil.

No geral as histórias são multifacetadas com beleza própria que por si só engrandecem famílias, povo e pátria. Em Sergipe a narrativa da denominação Batista chegou em sua capital Aracaju, pelo implemento de fiéis da Primeira Igreja



Batista de Penedo/AL, organizando em 19 de setembro de 1913, a Primeira Igreja Batista de Aracaju. A instituição na capital de todos os sergipanos, teve sua implantação com poucos recursos e membros; enfrentou dificuldades de acomodação passando por casas alugadas, mas a membresia tinha uma certeza, Deus concederia uma casa onde pudesse realizar os cultos, certeza que se configurou com a aquisição do imóvel próprio, a casa de oração. No consciente coletivo daquele novo grupo, pulsava o firme pensar, uma igreja que promovesse o genuíno evangelho de Jesus Cristo, que pregasse a palavra e instasse fiéis a todo o tempo.

Na primeira diretoria vale realçar nomes de três oficiais valorosos: Horácio Gomes de Araújo - pastor, Alice Privat - secretária e João Heleodoro do Nascimento¹ - tesoureiro. Ali apenas o início da denominação Batista em Sergipe com pouco menos de 20 membros. O tempo passou a oração, o pensar e o agir fez a denominação Batista forte porque esteve firmada na palavra da verdade, a Bíblia Sagrada. Nesta história mais adiante, surge outro memorável pioneiro Mário Barreto França, bisneto do ilustre vulto nacional o sergipano Tobias Barreto de Menezes; Mário um juvenzinho que aportou por estas plagas acompanhando sua tia Calíope, era aquele que se tornaria no futuro o grande **poeta evangélico brasileiro**. Mário Barreto, veio residir em Aracaju com objetivo específico, em atenção a convite do governador do Estado para sua família. Mário, um líder por natureza, fez parte da PIB de Aracaju, seu trabalho empreendido junto aos jovens

¹ Apesar da Certidão de Casamento emitida em Aracaju constar seu nome como João Heleodoro, ele assinava seu nome como João Heliodorio. Razão pela qual seguimos todo o tempo a Certidão (p. 60).



da década de 1920, mais especificamente do ano de 1925, o fez entregar uma lista contendo 34 nomes de moços e moças que desejavam organizar-se em União de Moços Batistas - UMB. Com a iniciativa do jovem, notava-se o esforço que valorizava a atuação dos jovens na promoção e divulgação do Evangelho em Sergipe.

A ideia para escrever esta obra veio do eminente amigo Othon Ávila Amaral, dono de preciosa inteligência, grande intelectual, autor fenomenal, comumente lhe atribuo ser patrimônio da denominação Batista neste país, membro que enaltece o Conselho Editorial de O Jornal Batista; o nome desse escritor até onde pude observar é citado em 53 obras, entendendo ser Othon um pesquisador que enaltece a literatura e historiografia Batista brasileira. Atenta à provocação do Othon inicie a pesquisa sobre Mário Barreto França, em 2014, entretanto alguns percalços avizinham-se, e a caminhada ficou lenta só chegando a bom termo neste 2023. Conclui a obra, mesmo assim, acompanhada por João Heleodoro do Nascimento um gigante que participou da primeira diretoria da Piba, 1913. Interessante observar que a família Heleodoro e o próprio Mário comungam em fatos comuns, suas vidas se entrelaçam, eles se conheceram em Aracaju e continuaram regando essa amizade encontrando-se, posteriormente, em Pinheiros/ES, de onde não mais se perderam de vista. Portanto, não devo mais este livro ao bom Othon Amaral, está entregue.

A atuação contributiva desenvolvida (por João Heleodoro do Nascimento/1913 e por Mário Barreto França/1923) faz parte de marcos indelévels nos âmbitos de gestão, estímulo e produtividade, labor de dois líderes em fases distintas que demonstraram exercícios esmerados permeados por zelo e direção. Heleodoro e Mário, seja na dedicação dos destinos



financeiros da instituição Piba, ou no cultivo da amizade e comando firme junto a seus iguais, os jovens. A dupla dinâmica em décadas distintas pertenceu a membresia da mesma igreja em Aracaju e quis Deus que houvesse um reencontro em outras plagas quando a família crescida de Heleodoro continuou nutrindo elos de amor e carinho pelo, então, poeta evangélico Mário Barreto França. A vida é assim nos proporciona encontros memoráveis, inesperados e importantes.

Reputo o trabalho dos pioneiros como um renovo de Deus para a salvação de muitos em Aracaju, por extensão em Sergipe, no Brasil e no mundo. De Aracaju saíram ao longo dos anos membros, líderes, pastores, missionários, inclusive no trabalho transcultural que fizeram a diferença país afora projetando-se em lugares longínquos, assim, entendemos o agir do Espírito Santo e a expressão: ...“e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até nos lugares mais distantes da terra.” At. 1.8/b. Deus usa os seus como quer, onde quer e quando quer, portanto, só nos cabe agradecer tamanha demonstração de amor. Heleodoro e Mário fizeram parte dos primórdios de uma fase laboriosa da PIB de Aracaju. A partir deles faço votos que futuramente conheçamos sintética e paulatinamente outros que nos precederam no trabalho mais importante da vida do ser humano nesta terra, promover o Ide proclamando o nome do Salvador Jesus.

A autora



CAPÍTULO 1



HELEODORO,
UM DOS PIONEIROS NA DIRETORIA
DA IGREJA BATISTA MAIS ANTIGA DE SERGIPE





Sem este início com Gércia do Nascimento Mendonça, seria de todo difícil chegar ao saudoso João Heleodoro do Nascimento seu pai, numa história que me proponho a contar, mesmo enfrentando lenta caminhada investigativa fato experimentado e inerente a quem tem interesse em registrar os feitos de um tempo. Lendo Franz Rudio, destaquei o texto: “O interesse por um assunto de pesquisa pode ser motivado por diversas razões: curiosidade intelectual, desejo de ampliar o conhecimento científico, tentativa de resolver uma questão de ordem prática, ganho financeiro etc”. (RUDIO, 1978: 92). Reservei como foco as demandas: maior curiosidade, ampliação do conhecimento e esclarecer questão de ordem prática. Essas as razões para escrever o trajeto de um abnegado, probo que trabalhou com eficácia visando manter sua prole com árduo labor.

Era 04 de novembro de 2018, visitou a cidade de Aracaju Gércia do Nascimento Mendonça, uma simpática anciã à época com 100 anos acompanhada, pelo fato da longevidade, naturalmente por familiares. O rápido encontro de poucas horas com Gércia, aconteceu na PIB de Aracaju, quando depois de longos anos voltou para rever a casa onde residiu em Aracaju na Rua Maruim e sua igreja. Era manhã de domingo, ela e os familiares foram acolhidos e apresentados calorosamente na Primeira Igreja Batista de Aracaju por Flávio



Amorim (pastor auxiliar da igreja) que ministrava naquela manhã. Gércia, voltou no culto da noite esbanjava felicidade por voltar à terra natal na companhia de familiares - seus filhos - Franklin, Sandra, o neto Emerson Mendonça Góes Silva e da amiga Maria Conceição Meireles Guimarães. Não que Gércia seja pioneira da denominação Batista em Sergipe, pois nasceu cinco anos após a organização da denominação Batista em Sergipe, mas a centenária nasceu em Aracaju, frequentou e teve a Primeira Igreja Batista de Aracaju como sua igreja. Para os anais da PIB de Aracaju, organizada em 19 de setembro de 1913, a vinda de Gércia em 2018, ano de celebração dos 105 anos da instituição ficará marcada com a visita da filha centenária de um dos pioneiros de sua diretoria. A visita de Gércia, portanto, permanecerá na memória afetiva dos que congregam na instituição, pois a partir dali a memória do seu genitor João Heleodoro ganhou nova direção suscitando esta pesquisa. A história Batista registra que “Os primeiros Oficiais da Piba” foram: Horácio Gomes de Araújo, dona Alice Privat e João Heleodoro¹ - pastor, secretária e tesoureiro, respectivamente. O encontro com Gércia não rendeu, à época, fartos acréscimos sobre a vida do pai, entretanto, buscando informações com Emerson Mendonça, esse doou a foto de João Heleodoro (seu bisavô), fato que preencheria qualquer ávido memorialista de alegria.

¹ NATIVIDADE, Sandra Maria. *A Saga dos Pioneiros Batistas em Sergipe (1913-2003)*. Aracaju/SE: Gráfica J. Andrade, 2007, p. 34.





João Heleodoro
Arquivo: Emerson Mendonça Góes Silva

A Saga continuou, mas a comunicação cessou, se perdeu no tempo. Então, descobri Joadi, neta de Heleodoro, mas sem querer incomodar fiquei um tempo silente sem, todavia, tirar os olhos da pesquisa. Mesmo não conseguindo retomar a comunicação com familiares a pesquisa continuava latente, não estava claro, mas tinha certeza que algum dia retomaria o fio condutor. Finalmente, porém de forma pesarosa, na manhã de 04 de junho de 2022, recebi através de Joadi, informação sobre o falecimento de Gércia, um susto, a mulher de fé recebeu seu último chamamento. Deus é o nosso dono e aprovou a ele convocá-la, praticamente dois meses antes de completar 104 anos (- 09 de setembro de 1918 + 02 de julho de 2022).

Tentando resgatar a memória dos pioneiros da denominação Batista em Sergipe, surgiu uma luz, Joadi Silveira



Mendonça Gomes, neta de Heleodoro, a *priori* fonte para a pesquisa que eu precisava até, naturalmente, onde ela tivesse conhecimento sobre a história de seu avô. O interessante em pesquisa é a interação, assim, um pouco adiante, mais duas netas vem a corroborar Mirian Mendonça Queiroz e Jamliz Garcez Nascimento Mendonça, então três netas me deram subsídios foram extraordinárias, concedendo preciosas informações sobre um passado de ricas memórias. Pesquiso a denominação há reiterados anos e todos os indícios me são importantes. Consequentemente, a pesquisa me levou a descobrir uma amizade antiga da família Heleodoro com o poeta Mário Barreto França. Ainda em Sergipe laços de estima unem o poeta à família Heleodoro e deste modo, a construção da obra foi se estabelecendo. Mário residiu em Aracaju e participou da mesma instituição religiosa que Heleodoro e família, foi contemporâneo de seu filho José Nascimento Mendonça, estudaram no mesmo Colégio, participavam alegremente dos grupos que os identificava por faixa etária, inclusive, brincadeiras, esportes e os banhos de praia.

A mudança geográfica não os distanciou, eis que Mário e a família de Heleodoro não perderam o contato, mesmo quando a família do ancião foi para o leste do Brasil eles não se distanciaram. Mário os encontrava quando de seus compromissos nas Conferências Evangelísticas em igrejas, pois sempre era convidado para eventos dessa natureza.





1922 – De pé no sentido horário: diácono Antero Cunha, Adolpho Santiago, Jeremias Lima, prof. Jucundino de Souza Andrade e Francisco Costa. Sentados mesma ordem: rev. Euthychio Vasconcellos, sra, Stapp, missionário C. F. Stapp e rev. Félix Joaquim de Moraes. Arquivo da autora.

São líderes precursores da denominação Batista no Estado. Entendo, resguardando a cronologia 1922, ter vivido João Heleodoro nessa época da foto. Certamente uma liderança que presenciou tempo de trabalho árduo da denominação em Aracaju e por extensão Sergipe.

Quando se estuda a história da denominação Batista em Sergipe existe a nítida percepção de que além do exterior, notadamente dos EUA através dos seus muitos missionários, os estados brasileiros cooperaram de várias maneiras para a expansão da denominação. Houve sem qualquer dúvida, significativa parcela de contribuição para que agências da denominação fossem paulatinamente organizadas. Elucido especialmente com o mapa do país para explicitar que os personagens especialmente abordados nesta obra vieram de Alagoas e Pernambuco, estados sempre presentes no que designo cooperação ilustrada para o crescimento e propagação do Evangelho de Cristo através da PIB de Aracaju.





Mapa do Brasil com destaque aos Estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe

CAMINHO PERCORRIDO PELO PERSONAGEM



João Heleodoro foi o primeiro tesoureiro da PIB de Aracaju em 1913. Descende o personagem do casal Cosmo Vieira dos Santos e Maria Fortunata da Conceição que constituiu uma família composta por seis filhos sendo, quatro homens e duas mulheres. Nasceu em Camaragibe/AL em 1876, foi batizado pelo missionário Salomão L. Ginsburg ainda em Alagoas. Heleodoro é o que se pode dizer um evangelista nato. Jonas um de seus oito filhos, em casa, contava muitas histórias sobre ele e guardava com esmero um exemplar do livro que comprou sobre o missionário responsável por batizar Heleodoro. O livro sob o título “Um judeu errante no Brasil”, autobiografia do Salomão Ginsburg (1867-1927), polonês de nascimento, missionário no Brasil, ministrava o Evangelho de Cristo, visitava o país, sobretudo o nordeste brasileiro, fun-



dou o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil - STBNB em Recife/PE e criou o Cantor Cristão, hinário das igrejas da denominação Batista.



Jonas, filho de Heleodoro, aos 94 anos.
Arquivo de Mirian Mendonça Queiroz.



Edições da obra, datadas de 1931 e 1970 respectivamente.

Heleodoro, jovem de porte elegante era guarda de segurança, trabalhava uniformizado, fez curso no Rio de Janeiro para se aperfeiçoar melhor. Ao término voltou para Aracaju como policial, foi escalado pela corporação dando seu expediente diário na frente do Palácio do Governo na cidade de Aracaju². Naturalmente que não detinha grandes fortunas, mas vivia folgadamente.

Eis que o moço conheceu uma jovem muito simpática, Emília Mendonça, filha³ de Antônio Albuquerque Mendonça e Andrelina Mendonça, ela nasceu em 1889 na cidade de Propriá/SE, enamoraram-se “e como o tempo não era de se perder tempo” começaram a fazer planos para o casamento. Emília, de família socialmente vinculada à classe média alta, seu genitor de profissão engenheiro, não nutria simpatia na concretização do casamento entre João e Emília.

Deste modo, o jovem casal enfrentou relutância por parte da família da noiva, tudo por explícito preconceito, pois João Heleodoro apesar de ter profissão definida e manter-se financeiramente equilibrado, tinha como agravante para a família da jovem Emília, ser negro e “crente ou protestante” como designavam na época. Afrontando a relutância existente os moços casaram-se na cidade de Aracaju em 06 de maio de 1911. João Heleodoro do Nascimento com 35 anos de idade e Emília Mendonça 22 anos.

² Informação prestada pela neta Mirian Mendonça Queiroz, Linhares/ES, 07abr2023

³ NOTA EXPLICATIVA: a filiação de Emília, em sua Certidão de Casamento difere da encontrada na Certidão de Casamento de sua irmã de (pai e mãe) de nome Esther Mendonça, registro ocorrido no Cartório do Sexto Ofício na cidade Aracaju, em 05 de julho de 1907, onde consta os nomes dos pais como: Antônio de Albuquerque Mendonça e Andrelina Carolina de Novaes.



Antonio Albuquerque de Mendonça, pai de Emília
Álbum da família

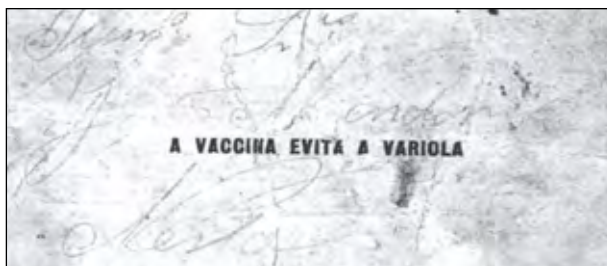
A família de Emília não professava a mesma fé. O casamento ocorreu serenamente, entretanto Emília ficou um tanto quanto à margem, sem receber e/ou visitar familiares, havia uma proibição porque os pais não foram de acordo com o casamento. Como todo o início e sem assentimento da família de Emília o casal sentiu dificuldades naturais; mas tudo foi suplantado, pois João Heleodoro sempre muito trabalhador seguiu em frente vivendo tranquilamente com sua esposa. Com o passar do tempo houve o imperativo maior, procurar melhoria, pois a família crescia e as necessidades como se presume, certamente avolumavam-se. Considerando o Ciclo do Cacau na Bahia como período de boa produção, notadamente nas décadas de 10 e 20 do século XX, o destemido casal resolveu sair de Aracaju/SE em 1928.



MUDANÇA PARA A BAHIA

A viagem de Aracaju a Ilhéus/BA transcorreu de navio. Para a saída do Estado, houve vacinação das crianças, tudo como requeria o protocolo de viagens.

Serviço Sanitário do Estado de Sergipe
VACCINA ANTI-VARIOLICA
N. 15394
Filsto que foi vacinado prouzo o
Sr. *Jonas Mendonça* de 5 a de idade.
natural de *Sergipe* residente f. *Alvares* n. 292
Numero de escafricacões *duas* no braço *esquerdo*
Aracaju, 19 de *Julho* de 1928
Dr. Kappa Solera
Medico



Carteira de vacinação contra a Variola do filho Jonas.
Comprovante de que saiu de Aracaju em 1928.

Daí, a família finalmente instalou-se no sul da Bahia, Heleodoro tinha 52 anos e toda a força para o trabalho, então rumou com sua prole radicando-se em Pirangi atual Itajuípe, região Cacaueira próxima a Ilhéus e Itabuna distante de Salvador há aproximados 423,3 km. Vislumbrando esse contexto ele mudou-se de Aracaju para a Bahia, a família crescia a olhos vistos, pois saiu de Aracaju com sete filhos: José Nascimento Mendonça, João Nascimento Mendonça, Jason Nascimento

Mendonça, Gércia Nascimento Mendonça, Jonas Nascimento Mendonça, Jair Nascimento Mendonça, Joel Nascimento Mendonça. Jacy Nascimento Mendonça (a mais nova) foi a única que nasceu em território baiano.

Já dizia com toda propriedade o escritor Euclides de Cunha que:

“O sertanejo, é antes de tudo, um forte. Não tem o raquismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário”. (Euclides de Cunha, Os Sertões, 1902)

Heleodoro fez de igual forma trabalhou de “sol a sol”, ação peculiar aos fortes como bem mencionou Cunha em Os Sertões. Homem de muita fé era um crente fervoroso ministrava o evangelho de Cristo com compromisso, levando muitos ao conhecimento da santa palavra de Deus. Sempre foi bem relacionado com todos: amigos, irmão de fé, autoridades, pastores e pregadores do evangelho de forma geral. Heleodoro, tinha foco e não temia trabalho, foi justamente pelo labor que conseguiu se estabilizar economicamente.

MUDANÇA PARA O ESPÍRITO SANTO



Posteriormente, por volta de 1947, a família mudou-se definitivamente para o Espírito Santo região atualmente conhecida como Sudeste do Brasil; naquele tempo, o Espírito Santo⁴

⁴ Fundado em 1551.



fazia parte da então região Leste – junto com Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Sergipe. À época o local onde a família Heleodoro passaria a se estabelecer pertencia ao município de Conceição da Barra.

Essa história por si só se justifica e aos poucos houve a construção – o trajeto da família Heleodoro –, que felizmente teve a opção de escolher, reputo como providência de Deus em favor daquele pioneiro. O saudoso Joel Nascimento Mendonça⁵ (filho de Heleodoro) contava que seu irmão de prenome Jason (sob a alcunha de Jackson), foi o primeiro da família a iniciar a migração indo em busca de melhores dias chegando a adentrar mata fechada onde nunca pensou estar, num município que só passou a existir oficialmente bem depois, viajou e deixou a família sem qualquer notícia do seu paradeiro por um ano. Os familiares ficaram apreensivos, em polvorosa sem conhecimento do que poderia ter ocorrido. É que Jason soube da existência de lotes de terras disponibilizadas no Governo do presidente Getúlio Vargas anos 1930-1945. A viagem resoluta do filho de Heleodoro ao Leste ocorreu mais especificamente de 1937- 1945 período considerado como Estado Novo. Ele se empolgou com o que lhe pareceu mais próximo, o Estado do Espírito Santo, adquirindo diretamente do Estado os lotes, se estabelecendo na região norte daquele Estado.

O leitor encontrará citações como: Barrinha, Pinheiros e Montanha, à época da chegada de Heleodoro no Espírito Santo ele conheceu de perto essas localidades, mas é bom frisar que todas pertenciam ao Município de Conceição da Barra. Continuarei citando Barrinha que certamente sairá de cena tão somente quando acontecer a oficialização do Município de

⁵ Informação prestada pela neta Joadi Silveira Mendonça Gomes, Campos/RJ.



Pinheiros⁶, fato que também ocorrerá com o então povoado de Montanha, depois da oficialização, Município de Montanha⁷. Em números atuais Pinheiros está há aproximados 285km da capital Vitória, portanto, Jason estava distante da casa de seus pais na Bahia. Depois de um ano ausente, para alegria dos familiares surge Jason, informando haver se estabelecido no Estado do Espírito Santo identificando, enfim, seu real paradeiro influenciando o genitor a mudar-se definitivamente para aquele Estado, pois os lotes estavam reservados. Sem perder tempo Jason voltou ao Espírito Santo levando consigo Joel (seu irmão mais novo dos homens), contando à época 17 anos. O objetivo de Jason levar seu irmão Joel consigo era para que ele pudesse ver de perto a extensão dos lotes.



No sentido horário: Jason e seu irmão Joel (Joel nesta foto já com 28 anos).
Álbum da família

⁶ Pinheiros – conhecida como a Capital da Fruta, fundada oficialmente em 22 de abril de 1964; pt.m.wikipédia.org. Acessado em abril /2023.

⁷ Vilarejo elevado à categoria de sede de distrito em 1953 como Montanha “nome do córrego” que está à beira da cidade e passa por entre as montanhas de pedra que a circundam. Denominado oficialmente como Município de Montanha em 22/12/1963. www.pt.m.wikipédia.org



O trabalho de Jason em gerenciar tudo, foi de fato extenuante, pois o local necessitava de abertura das matas visando construção das casas iniciais de pau-a-pique (madeira, cipó e barro), naquela época, década de 1940, não havia outro jeito. Posteriormente com tudo arrumado e as casas de forma habitável, voltou Jason para buscar seus pais e os familiares que pudessem ir.

Naquela ocasião que Jason, o pioneiro dessa saga se estabeleceu nas plagas do Leste do Brasil, foi presumivelmente tempo do expressivo movimento de interiorização do país, visando maior ocupação de espaço territorial e produtividade. Situação propícia a uma apreciável movimentação ocasionando acatada migração populacional, fato esperado e que concorreria para o desenvolvimento e crescimento populacional ocupando considerável extensão de terra, favorecendo implantação de fazendas, plantação e cultura da terra, criação de animais, redundando em prosperidade demográfica para o país.

Quando João Heleodoro, se estabeleceu inicialmente em Montanha estava envelhecido e um tanto doente, quanto aos filhos adultos, criados com educação e muita dignidade. Heleodoro praticamente foi levado pela família, estava cansado, entretanto, enfrentou o novo e não menor desafio para viver nas terras conhecidas e adquiridas por Jason, essas, com lotes extensos tudo executado pelo tirocínio dos filhos. No início as construções erigidas nos lotes eram rudimentares, depois com o trabalho competente que gostavam de realizar, construíram residências bem estruturadas. Mesmo Heleodoro e Emília encarando as limitações próprias da idade avançada e também pela faina que sempre enfrentaram, seguiram em frente.



No vilarejo de Montanha, Heleodoro, reuniu forças para acompanhar o pastor Ayde Ferreira Gomes da Igreja Batista de Montanha numa compromissada evangelização que se propuseram a fazer, as dificuldades enfrentadas quanto ao transporte não os impediu de montados em suas respectivas mulas, percorrerem longos trajetos proclamando o evangelho de Cristo. O vilarejo crescia a olhos vistos e o pastor Ayde um obstinado pelo evangelho, não se intimidava, Deus enviou Heleodoro para lhe fazer companhia, um amigo-irmão com visão de Reino, formando assim dupla imbatível na divulgação e proclamação do Evangelho naquelas cercanias. Cumprida a evangelização em Montanha que em números atuais está há aproximados 333km da capital Vitória. O Pastor Ayde contando com a colaboração aguerrida de Heleodoro concentrou esforços para uma nova empreitada, agora a organização de uma agência do Evangelho na povoação denominada Barrinha (antecessora de Pinheiros). Heleodoro sempre se destacou por sua lisura e competência em prol do evangelho, era querido por todos. A neta Mirian Mendonça Queiroz, concedeu mais uma vez informações preciosas, aquelas guardadas por seu pai o saudoso Jonas com cessão, inclusive de carta e informativo que considero importante neste contexto, a exemplo da correspondência datada de 1944 recebida por Heleodoro do seu ex-pastor (de 1924 a 1927 em Aracaju/SE) Djalma Cunha, à época da missiva estava como diretor do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil - STBSB. Informou ainda a neta que seu pai Jonas, dizia que Heleodoro, gostava de cantar hinos do Cantor Cristão⁸, a exemplo do número 50 sob o título “A Velha História”.

⁸ Hinário da denominação Batista.



MEMÓRIAS DA IGREJA BATISTA PIONEIRA EM SERGIPE

Seminário Teológico Batista
do Sul do Brasil
CAIXA POSTAL 5541
TELEFONE 48-0649
RUA DE JANEIRO
A. S.

DJALMA CUNHA
SERGIPE



12/12/1944.

Ilmo. Sr.
João Heliodoro do Nascimento
Igreja Batista
Itaquipe
Bala

Estimado irmão Heliodoro:

Sua missiva de 8/11/1944, veio encher-me de júbilo, trazendo-me doces recordações dos dias passados juntos no serviço do Senhor no saudoso Aracaju. Agradeço muito sua boa lembrança em me escrever, dando-me suas notícias.

Depois que nos separamos em Sergipe, já estive pastoreado a Ia. Igreja Batista em Curitiba, no Paraná e a Igreja Batista na Liberdade, S. Paulo. Foi muito feliz em ambos os pastorados, dos quais tenho muita saudade. Mas nosso destino está nas santas mãos de nosso Deus. Assim é, que hoje (já vai para 8 anos agora) estamos aqui no Rio, a direção de nosso Seminário. Também dirigi uma pequena e novinha igreja em Icarai, Niterói. Já estivemos 2 anos nos Estados Unidos da América do Norte e aqui estamos até quando o Senhor determinar o contrário.

Temos duas meninas e um menino. A mais velha - Djalnete Amélia - é sergipana. O do meio - Paulo Emmanoel - e a caçula - Noeme Louliana - são paranaenses. Já estão mocinhos. São todos membros da Igreja e graças ao nosso Deus, dão bom testemunho de crentes no Senhor Jesus. Trabalham na igreja em tudo quanto podem.

Terei muitoprazer de ouvir suas notícias.

Recomende-me aos seus queridos. Desejo-lhe um FELIZ NATAL e um ano novo cheio de ricas bênçãos celestiais.

Um abraço do seu velho irmão em Cristo e amigo:

Djalma Cunha

Correspondência e Informativo, 1944.

Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil

Diretor: Djalma Cunha – Rua José Higino, 416 – Caixa Postal 2541-Rio

TURMA DE 1943



Alberto Silenieks

Gutemberg Guedes

Joaquim Silva

Ruy Franco

Osmar Soares



Waldomiro Mota

Luiz Laurentino

Walvique S. Henriques

Benedito Moreira

Antonio Bermudez

ALVO para o DIA DO SEMINÁRIO, terceiro domingo (dia 19)
de novembro de 1944

Um Sermão em cada Igreja sôbre
Vocação Ministerial.

Os Batistas Orando pela chamada de
Jovens para o Ministério.

GENEROSA CONTRIBUIÇÃO para atingir VINTE MIL CRUZEIROS

Distribuição Interna e Gratuita.



Pequena Mensagem AOS BATISTAS do Sul do Brasil

Irmãos: Permiti que vos enviemos esta pequena mensagem sobre o mais palpitante assunto entre os batistas — a Educação Ministerial.

1. *O ministério evangélico não pode ser substituído por coisa alguma neste mundo.* Deixai-nos falar mais claramente: **O PASTOR BATISTA NÃO PODE SER SUBSTITUÍDO.** Cada coisa tem seu lugar neste mundo. Um médico não pode fazer o trabalho de um maquinista nem um carvoeiro espreitar o céu com um telescópio e pre-anunciar a aproximação de um cometa ainda desconhecido. Cada um pode tentar fazer o serviço do outro, mas ninguém acredita no êxito. Há muito quem pregue o evangelho com eficiência; fazer, porém, o serviço que em uma igreja de Jesus deve ser feito por um pastor, ninguém, senão um pastor mesmo, o fará.

2. *Há para os Batistas uma obrigação suprema e precípua: a Educação Ministerial.* Os Batistas andam muito atarefados com muita coisa: colégios, missões, beneficência, templos, orfanatos, imprensa, sociabilidade, e até há quem deseje fazer uma grande frente única de forte combate ao catolicismo. Nada reprovamos destas coisas, mas todas elas juntas, não podem substituir a educação ministerial. Ninguém se engane. Jesus, depois de encontrar os primeiros homens que creram n'Ele, chamou-os à parte e os ensinou no primeiro Seminário Cristão deste mundo. A primeira coisa que Ele disse a Pedro e a André, foi: "Segui-me e eu vos farei pescadores de homens". E' como se houvesse dito: "Eu vos darei um ofício, eu vos treinarei para uma carreira". Jesus começou Seu seminário com dois homens, irmãos entre si: Pedro e André. Para Cristo, o "mundo" é o mar, a "rede" é o evangelho e os "peixes" são os homens. Apanhar peixe em rede é ofício como outro qualquer, exige maestria e a primeira promessa feita por Jesus Cristo neste mundo foi a de ensinar a Seus dois seguidores o ofício de pescar homens. Jesus é sábio. Primeiro fez os oficiais e só depois deu-

lhes o ofício. Esta ordem estabelecida pelo Mestre dos mestres não pode ser alterada pelos discípulos sem grandes prejuízos para o fim visado.

3. *Voltemos ao Evangelho e restabelecamos a lei de Cristo.* Por que não entendemos a lei de Cristo? E' tão simples! O número um dessa lei é ensinar pescar. A primeira promessa de Cristo foi cumprida maravilhosamente. "...perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?" "respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos". Arrependeram-se e "foram batizados quase três mil pessoas".

Que estréia de pescador! Mas Pedro primeiro aprendeu o ofício. "Eu vos farei pescadores de homens". Foram feitos tais e pescaram de verdade. Por que nossas igrejas não se voltam para a lei número um de Jesus? A primeira lei de Jesus não é outra coisa senão fazer do convertido pescador. Não é de admirar que logo, a primeira igreja entre os gentios tivesse tantos pescadores como Barnabé, Simão-Niger, Lício-de-Cirene, Manaen e Saulo. E outra não foi a norma de Paulo, pois que, no trabalho por ele dirigido, não só havia igrejas como a de Efeso com uma pluralidade de presbíteros (pastores) — Atos 20 — como, por via dos seus auxiliares diretos do estófo de Tito, Paulo mandava que fossem estabelecidos presbíteros em cada igreja — Tito 1. Paulo como Pedro, aprendera bem sua lição de ir fazendo pescadores como o ponto número um do programa de Jesus. Enquanto os Batistas não se voltarem para executar o programa de Jesus, estarão como um homem que quisesse cursar uma escola superior de uma universidade sem ter ainda o curso primário. E' bom que os Batistas voltem à carta de ABC de Jesus.

4. *O hábito já nos escravizou.* Estamos assim como um homem que se confessasse inferior pelo vício que o domina, que reprovasse sua própria conduta, mas nada ou muito pouco fizesse para se ver livre da situação. Poucos falam tanto como os Batistas lamentando a escas-

sês de pastores em nossas igrejas; desejamos sair desta triste situação, mas muito pouco realmente estamos fazendo para sair dela. Dir-se-ia que a ela estamos já escravizados. E' mistér quebrar esses vis grilhões de escravidão. Avante, irmãos, deixemos o queixume e demos cumprimento ao nosso dever de povo da Bíblia. Ao ABC de Jesus. Ergam-se as igrejas em orações e súplicas a Deus, pedindo-Lhe pastores. Palemos aos nossos jovens sobre o incomparável privilégio de serem pescadores de homens. Preguem-se sermões constantemente sobre a chamada para o ministério. Cultive-se o amor à educação ministerial. Mostrem isto nossas igrejas, voltando-se para o ideal bíblico, sustentando condignamente seus pastores, assim provando que amam o ministério vocacionado e sua educação especializada. Afetemos nossa contribuição para o Seminário com o espírito de liberalidade, para que a Instituição possa por sua vez multiplicar suas possibilidades e atender a todos quantos lhe vierem bater às portas. Livremo-nos do hábito anti-cristão de vivermos sem pastores, pois nada em uma igreja substitue o pastor. O pastor é o ponto número um com que Cristo começou o Seu trabalho, quando teve de se

utilizar de instrumentos humanos para estabelecer o Seu reino entre os homens.

Permiti, irmãos que recapitemos os tópicos fundamentais desta pequena mensagem a vós.

1. O ministério evangélico não pode ser substituído por coisa alguma neste mundo.

2. Há para os Batistas uma obrigação suprema e precípua: a EDUCAÇÃO MINISTERIAL.

3. Voltemos ao Evangelho e restabeleçamos a lei número um de Cristo.

4. O hábito já nos escravizou.

Irmão pastor, irmão diácono, irmão superintendente e irmão professor da Escola Dominical; irmão presidente da U.M.B., irmão presidente da Sociedade de Homens, irmã presidente da Sociedade de Senhóras, irmã diretora da Sociedade Juvenil; irmão e irmã simples membros de uma igreja: como ides cumprir o vosso dever diante da carta de ABC de Jesus? E no terceiro domingo de Novembro — DIA DO SEMINÁRIO, que faremos todos nós? Jesus que nós contempla, aguarda o cumprimento de nosso dever sagrado para com a suprema necessidade de Sua Causa — a EDUCAÇÃO MINISTERIAL.

**Tudo por Um Ministério Espiritual, Cuito, Numeroso
Tudo por Uma Denominação Unida, Forte, Zelosa na Obra de Deus**

**Informando para fins do Programa de 19 de novembro
DIA DO SEMINÁRIO**

1. O Seminário Teológico Batista do Brasil, foi fundado em 1908, vivendo ao lado do Colégio Batista do Rio, até 1936.

2. Em 1936, no Recife-Pernambuco — a Convenção Batista Brasileira, separou as duas instituições, dando uma Junta autônoma a cada uma.

3. A primeira Junta, nessa nova fase, e que elegeu o atual diretor do Seminário, compunha-se dos irmãos: J. Souza Marques, presidente; Pedro Gomes de Melo, vice-presidente; João Soren, secretário; Djalma Cunha (logo substituído por C. A. Backer); O. P. Maddox; Erodice de Queiroz; M. Tertulliano de Cerqueira; J. Miranda Pinto; João Barreto e Silva; A. B. Christie; Paulo C. Porter; Harley Smith; A. B. Deier; Reynaldo Putrin e A. J. Terry.

4. Durante os 7 anos de trabalho do Seminário em nova fase de vida, já se formaram em seus vários cursos, 51 jovens, os quais se acham à frente do trabalho de Deus, nos seguintes estados e territórios: Guaporé, Maranhão, Piauí, Bahia, E. Santo, E. do Rio, Distrito Federal, S. Paulo, Paraná, S. Catarina, R. G. do Sul, Goiás, Mato-Grosso e Ponta Porã. Alguns desses filhos do Seminário já ocupam lugares preeminentes de liderança à frente do povo de Deus.

5. De quase todos os estados do Brasil, têm vindo moços para o Seminário e do estrangeiro, temos tido estudantes da Rússia, România, Bessarábia, Estônia, Letônia, Bulgária, Alemanha, Itália, Espanha, Portugal, Turquia. Todos são aqui tratados com igual distinção e gozam dos mesmos privilégios. Neste sentido o Seminário tem um lindo espírito.

MEMÓRIAS DA IGREJA BATISTA PIONEIRA EM SERGIPE

6. Dos filhos do Seminário, os seguintes estão no serviço da Junta de Missões Nacionais: Enoque Medrado, Waldemyr Ayres de Oliveira, Adam Bodnarasec, Paulo Sias. O Pastor Helcias Câmara, conquanto não seja filho do Seminário do Sul, ocupava o cargo de primeiro secretário da Junta do Seminário, e havia aceitado o encargo de reorganizar a biblioteca, quando se decidiu pelo trabalho missionário. Além disto, foi na Capela do Seminário, num dos nossos dias missionários, que ele resolveu deixar a Igreja em São Cristóvão, que pastoreava, aqui no Rio, para se entregar ao trabalho de missões nacionais.

7. Durante esses 7 anos, o Seminário já conseguiu reformar a velha capela do Barão de Itacurussá, transformando-a em biblioteca, dando-lhe estantes modernas e mesas adequadas ao estudo; aparelhou sua própria Capela, onde se encontram 224 confortáveis poltronas, em um salão amplo e arejado; deu-lhe, por especial oferta das Senhóras, um belo piano de cauda. Aparelhou as salas de aulas e montou os seus escritórios de acordo com as necessidades da obra que aqui se faz. Tudo isto é modesto, mas muito útil e bem apreciável.

8. Faz 5 anos que o Seminário fundou o Curso de Extensão, o qual já se acha funcionando no Rio Grande do Sul, no Paraná, em S. Paulo, no Estado do Rio, no Espírito Santo e em Goiaz. Dr. John L. Riffey é o seu digno e operoso Diretor. Em maio p.p. formou-se a primeira turma de estudantes do Curso de Extensão, que por 5 anos funcionou, conforme os regulamentos estabelecidos, na Colônia Palma, com o prestimoso auxílio dos irmãos Letos. No dia 28 de Maio de 1944, formaram-se, no grande templo da Varpa, S. Paulo, pelo Curso de Extensão, os irmãos: Oscar O. F. Berling (orador e presidente da turma), João Rodrigues, Olímpio Rudinim Leite, Gladstone Paixão, Emils Veidmann, Nércio Códio, Constantino Volcov, Simão Horbatschik, Antônio Abuchaim, Valentim Gazzoli, Antônio Santos Filho. Todos esses são pastores cujos labores são muito apreciados pelas igrejas que florescem sob seus pastorados.

9. Este ano devem formar-se seis jovens pelo Seminário. A matrícula foi de 49. A vida interna da Instituição foi a melhor de todos os sete anos. Por muito tempo temos lutado com a rebeldia de alguns espíritos irrequietos e menos esclarecidos e só este ano pela primeira vez, podemos gozar com liberdade o prazer de uma vida familiar. Pelo favor de Deus este ano foi iniciada a vida de lar e de perfeita compreensão fraternal em nossa vitoriosa Instituição. Graças a Deus.

10. O Seminário tem necessidade urgente de várias coisas. Um dormitório mais confortável para seus estudantes; pequenos apartamentos para estudantes casados, cujo número aumenta dia a dia; uma reforma geral do vetusto edifício que pertenceu ao Barão de Itacurussá, cujo aspecto de ruína é deprimente à Instituição; uma grande geladeira e obras modernas para sua biblioteca. O amor do povo batista ao seu Seminário, vai demonstrar no TERCEIRO DOMINGO DE NOVEMBRO, quanto dessas necessidades podem ser satisfeitas. Além disso, é mister que não passe a Instituição para 1945 com dívida. O Seminário confia inteiramente no amor e na inteligência dos Batistas e aguarda tranqüillo o resultado do DIA DO SEMINÁRIO, cuja anunciação será de grande alegria para todo o povo.

Oremos, irmãos, pelo Seminário, todos os dias, especialmente no terceiro domingo de novembro. Oremos pelo seu diretor, seus professores, seus alunos e funcionários. E mais ainda, peçamos a Deus que naquela dia, chame o maior número de jovens para a vocação, de nossas igrejas, para o santo ministério da Palavra. Que assim seja.

Cordialmente, vosso amigo e servo em Jesus Cristo,

Djalma Cunha.



Voltando à organização da instituição filha do povoado Montanha, Heleodoro não chegou a presenciar a oficialização porque faleceu em 20 de fevereiro de 1956 e a organização da novel Igreja Batista de Barrinha ocorreu em 15 de dezembro de 1957, tendo como seu primeiro pastor o abnegado Ayde Ferreira Gomes, até então, pastoreando a Igreja Batista de Montanha. O trajeto percorrido pelo pastor Ayde e Heleodoro tanto em Montanha quanto em Barrinha foi coroado de bênçãos. Da Igreja Batista de Barrinha, apenas os familiares de Heleodoro/Emília relacionados a seguir foram membros fundadores⁹: Jair Mendonça Bahia (filha), José Bahia (genro), Joanete Oliveira Bahia (filha de José Bahia), Jonas Nascimento Mendonça (filho), Jaci Nascimento Mendonça (filha), Jeane Nascimento Mendonça (neta, filha de José) e Odília Silveira Mendonça (nora, esposa de Joel). Emília, mãe exemplar, dona de casa zelosa nos mínimos detalhes, são dela os fragmentos de anotações quanto ao nascimento dos filhos.

⁹ Informação de Mirian Mendonça Queiroz (neta de Heleodoro/Emília), 07062023.



MEMÓRIAS DA IGREJA BATISTA PIONEIRA EM SERGIPE

idade dos Meninos
Nasceu Joze no dia 11 de março
de 1920.

Nasceu Misica no dia 1 de julho
de 1923 as 2 horas da tarde em
um dia segunda-feira

Nasceu Jason no dia 30 de julho
de 1924 as 2 horas da manhã

Nasceu Zimereias no dia 26
de agosto de 1924 as 11 horas da
noite em um dia domingo mas
selembra-se a primeira

Nasceu Joo no dia 14 de março
de 1923, em um dia segunda-feira
as 3 horas da tarde

Nasceu Jera no dia 11 de setembro de
1923, as 2 horas da manhã em um
dia terça-feira

Nasceu Jaci no dia 11 de outubro de 1924
em um dia quarta-feira as 12 horas
da noite

Nasceu Joel no dia 7 de março as 7
horas da tarde Segunda-feira de 1927.

Nasceu Jaci no dia 21 de dezembro de
1927 as 3 horas da manhã em um
terça-feira

Fragments manuscrito por dona Emília, acerca do nascimento dos filhos.
Acervo da família

João Heleodoro (1876-1956) faleceu aos 80 anos de idade, em sua residência na localidade denominada Rio do Sul e o sepultamento ocorreu na Fazenda Estrela do Norte em Montanha no município de Conceição da Barra/ES. Já a viúva d. Emília (1889-1980), faleceu em São Mateus/ES. Além de Heleodoro, encontram-se sepultados no local a viúva Emília, os filhos Jason (Jackson), Joel e a nora Odília. Heleodoro por onde passou deixou marcas do bem que carregava consigo. O CEP 29980-000 em Pinheiros, levará qualquer cidadão a Rua João Heleodoro do Nascimento, homenagem com gosto de reconhecimento, preito de justiça e gratidão a alguém que trabalhou em benefício do município, da família e do bem comum. Heleodoro, líder do qual fluía fraternidade e vontade de servir, viu na família crescida as marcas por investir responsabilmente na população que os cercava nas áreas de: saúde onde vários descendentes atuaram e atuam, segurança e na política¹⁰ especialmente através do filho José (Zeca), como também de José Bahia, genro de Heleodoro. Zeca era operante delegado de Barrinha e vereador na primeira Câmara de Vereadores depois da emancipação de Pinheiros; José Bahia, vereador no município de Conceição da Barra por mais de um mandato. O exemplo de Heleodoro, quanto a fé que professava e justiça que praticava reverberou e lembra a dignidade de Abel relatada na Bíblia “Embora esteja morto, por meio da fé ainda fala” Hb. 11.4c.

¹⁰ Mirian Mendonça Queiroz, informação em 18jun2023.





José (Zeca), filho de Heleodoro
Álbum de família



José Bahia, genro de Heleodoro.
Álbum de família


Da descendência direta de Heleodoro vive apenas a filha Jair, atualmente com 98 anos, mas existem familiares espalhados, a bem verdade mundo afora: Bahia, Pará, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Rio de Janeiro e EUA. A grande família deixada por Heleodoro/Emília, dá exemplo, gente que cuida de gente, amparando, cuidando através das várias profissões que abraçaram e continuam a abraçar, a família cresce, interage com a fé cristã, perpetrando robusta árvore genealógica.



FAC-SÍMILES



MEMÓRIAS DA IGREJA BATISTA PIONEIRA EM SERGIPE



CARTÓRIO SEXTO OFÍCIO

Tabelionato, Oficial do Registro Civil de Nascimento, Casamento, Óbito e
Oficial do Registro de Imóveis e Hipotecas da 4.ª Zona Imobiliária

MANUEL NICANOR DO NASCIMENTO
TITULAR

LEÔNIA GAMA DE OLIVEIRA
SUBSTITUTA
Aracaju — Sergipe

CERTIDÃO DE CASAMENTO

CARTÓRIO DO 6.º OFÍCIO
Manuel Nicanor do Nascimento
TITULAR
Leônia Gama de Oliveira
EXERCENTE AUTORIZADO
PALÁCIO DA JUSTIÇA
Aracaju — Sergipe

CERTIFICO que as fls. 161 do Livro B número 06 e sob número de
ordem 46, consta o assento de casamento de João Heleodoro do NasCIMen
to
e Dona Emilia Mendonça
que passa a adotar o nome de
realizado a Seis (06) de Maio de Mil novecentos e
e onze (1911) perante o Juiz de Direito da
1ª Vara desta Comarca Doutor José Coêlho de Magalhães
.....
..... presentes as testemunhas
Jose Ignacio da Hofa e Alvaro da Silva Teixeira
.....
..... sob o regime da de bens

O NUBENTE	A NUBENTE
Estado civil <u>Solteiro</u>	Estado civil <u>Solteira</u>
Naturalidade <u>Camaragibe - Alagoas</u>	Naturalidade <u>Própria - Sergipe</u>
Profissão <u>.....</u>	Profissão <u>....</u>
Nascido <u>com 35 anos de idade</u>	Nascida <u>com 22 anos de idade</u>
.....
Filho de <u>Cosmo Vieira dos Santos e</u> <u>d. Maria Fortunata da Concei-</u> <u>ção</u>	Filha de <u>Antonio Mendonça e d. An-</u> <u>drolina Mendonça</u>
<u>residentes nesta cidade</u>	<u>Residentes nesta cidade</u>

Certidão de Casamento Heleodoro/Emília, em Aracaju/SE (1911). (Frente)
Acervo da família

Observações:

O referido é verdade e dou fé.

Aracaju, 09 de Setembro de 1976

Manoel Nicauw de Vasconcelos
O OFICIAL

RECONHECIMENTO E FIRMA

Supra de
Manoel Nicauw de Vasconcelos
Nascimento

Aracaju, 09 de Setembro de 1976

Manoel Nicauw de Vasconcelos

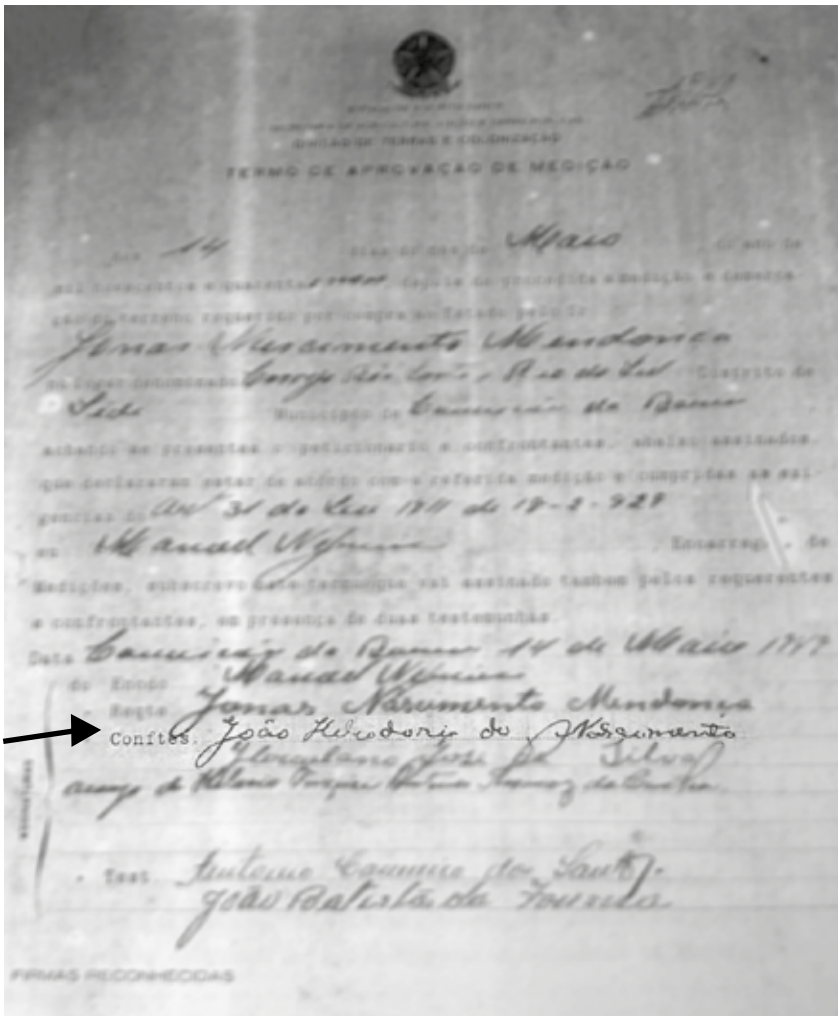
ANTÔNIO DO F. OFICIAL
Tabela e Oficial
JOÃO ALVES BEZERRA
Substituto

Bel. Sônia M. de Sousa Viana
Aperfeiçoada

DELVALDA BEZERRA LINDA
WELYNALVA LIMA BEZERRA
AUGUSTO M. LIMA BEZERRA
FALCÃO DA JUSTIÇA
Aracaju - Sergipe - Fone: 2242

Certidão de Casamento Heleodoro/Emília, em Aracaju/SE (1911). (verso)
Acervo da família

MEMÓRIAS DA IGREJA BATISTA PIONEIRA EM SERGIPE



Assinatura de Heledoro
Acervo de Mirian Mendonça Queiroz

Galeria de fotos





Emília Nascimento Mendonça. Álbum da família





Uma família que não parava de crescer, descendência de Heleodoro e Emília: filho Joel Nascimento Mendonça, a esposa Odília e os seis filhos. Álbum da família



Flash evidenciando Jason (Jackson) o precursor dos filhos de JHN e Gal. Mário Barreto França, 1967. Álbum de Ieda Evangelista do Nascimento (filha de Jason)





Na frente da residência, identifica-se o *slogan* da Campanha de evangelização “Jesus Cristo, é a Única Esperança.” (Placa de metal na parede das casas dos crentes). Nas extremidades da foto o casal Joel Nascimento Mendonça (filho caçula de Heleodoro/Emília) e Odília Silveira Mendonça, ladeando os filhos. A menina que o pai segura pela mão é Joadi aos 4 anos. Joel, faleceu aos 79 anos (- 1928 + 2007). Álbum da família





Parcial dos netos e filhos do casal Heleodoro/Emília, no casamento da saudosa neta Berenice Nascimento Mendonça com o pastor David Martins dos Santos/1975 (Emília à direita do noivo). Berenice tinha formação ministerial cristã estudou no Seminário Batista em Campos/RJ. Álbum da Família



Emília, no casamento do neto Demóstenes Mendonça Bahia (médico). Álbum da família





D. Jair (filha de Heleodoro e Emília) ao lado do esposo José Bahia, no enlace matrimonial do filho Demóstenes Mendonça Bahia com a jovem Maria das Graças Bonono Bahia, janeiro de 1972. Álbum de família





Emília, com a bisneta Alice 1977. Álbum da família





Enlace matrimonial da neta Mirian Mendonça Queiroz e Paulo Roberto Cabral Queiroz, 09.02.1980, observando-se parcial dos filhos do casal Heleodoro e Emília, a direita da noiva seus pais Jonas e Palmira, netos, familiares, contando com a presença da avó Emília (idososa de vestido estampado) 1980. Álbum da família



Enlace matrimonial de Joadi, neta de Heleodoro e Emília. Joel levando a filha ao altar. Álbum da família





Benção das Alianças pelo pastor Ayde Ferreira Gomes, pai do noivo Alberto, (ex- pastor PIB em Pinheiros/ES). Álbum da família



Benção matrimonial ministrada pelo pastor Antônio Ferreira - PIB em Pinheiros/ES. Álbum da família





Joadi e Alberto já casados, ladeados por familiares e amigos. Álbum da família





O jovem casal ladeado por familiares e amigos, a descendência de Heleodoro e Emília/12 de dezembro 1985. Álbum da família



Sentido horário - José (Zeca), general Mário Barreto França, dona Emília, Lourdes e o esposo João (Messias).



Emília, centro, ladeada no sentido horário pelo filho José, filha Jair, genro Manoel e filha Jacy. Álbum da Família





Visita do general Mário Barreto França a Pinheiros/ES, no registro o general e poeta ao lado de José Nascimento Mendonça, primogênito do casal Heleodoro e Emília e contemporâneo de Mário (em Aracaju). Álbum da Família/1967.



Alguns filhos do casal Heleodoro e Emília. No sentido horário: José, Jair, Gércia, Joel, Jonas e João. Álbum da família





Emília muito feliz, cortando o bolo do centenário em 09 de setembro de 2018.



Parcial do culto de gratidão a Deus, pelo centenário de Gércia, realizado na Primeira Igreja Batista de Itajuípe/BA.





Gércia de braços dados com a irmã Jair, ladeada por filhos, sobrinhos e demais familiares/2018. Álbum da família.



Comemoração do centenário de Gércia do Nascimento Mendonça, antes de visitar a PIB de Aracaju/SE, igreja de seus primeiros passos na fé cristã, em 09set2018.





Gércia do Nascimento, pousando no espaço reservado a Galeria dos Pastores da PIB de Aracaju, em 04nov2018. Acervo da autora.





Gércia, na PIB de Aracaju, ladeada por Franklin e Sandra (filhos), Emerson (neto) e, Conceição Meireles. Pastor Flávio Amorim, em momento de gratidão a Deus/2018. Acervo da autora



Parcial dos bisnetos de Heleodoro/Emília, no enlace matrimonial do bisneto André (médico), exceção feita a Alberto (esposo de Joadi). Álbum da família.





Jair Nascimento Mendonça, 98 anos, filha de Heleodoro/Emília.
Álbum da Família/2023.





Túmulo de João Heleodoro do Nascimento, na Fazenda Estrela do Norte, Montanha/ES. Arquivo: Joadi Silveira Mendonça Gomes.



CAPÍTULO 2



MÁRIO BARRETO FRANÇA
A PARTIR DE ARACAJU





Mário Barreto França recebeu o codinome de “príncipe dos poetas evangélicos” com muita propriedade, gosto de repetir que, fez jus ao título, pois foi grande em tudo o que fez.

Há muito deveria ter publicado algo sobre o grande poeta, escritor, jornalista, advogado, compositor, antes que deixem de declamar as belas poesias dele e de tantos notáveis que viveram para poetizar a vida e a beleza do Evangelho de Cristo a exemplo de: Myrtes Matias, Gióia Júnior, Jônatas Braga, Stela Câmara e outros que ornamentam a galeria literária evangélica das admiráveis poesias, crônicas, poemas e poemetos. Mas, debaixo do céu há tempo para todas as coisas. Mário nasceu na denominada Veneza brasileira, Bairro da Boa Vista, Recife/PE em 14 de fevereiro de 1909¹, era bisneto do destacado filósofo, poeta, advogado Tobias Barreto de Menezes. O menino estudou, perseguiu a carreira do seu genitor; sonho de criança que se tornou realidade, queria adentrar as fileiras do Exército brasileiro e após muito estudar conseguiu aprovação para a Escola de Sargentos de Infantaria - ESI, iniciando, assim sua carreira militar aos 18 anos de idade;

¹ Cotejando fontes, existe informação do pastor Mário Barreto França Filho, de que “No passado as datas correspondiam a data do registro...”. Assim, seu pai apesar de ter nascido em 1907, o registro só ocorreu em 1909, portanto, esta data é a que ficou na história. Razão que esclarece a dubiedade entre 1907 ou 1909.



garra para vencer e trabalho acirrado, o levou ao generalato de brigada. Para ele, entendo que não somente o podium da tão sonhada carreira militar, porém da perspicácia, denodo, lisura e do evangelismo compromissado através da poesia de extraordinária qualidade que honra a literatura cristã do Brasil conhecida, além fronteiras.

Ao longo de sua expressiva caminhada Mário Barreto França (1909 – 1983), realizou tudo o que imaginou. Órfão em tenra idade, entretanto foi pai, advogado, professor, diretor, intelectual, militar, poeta dono de poemas e sonetos de terno lirismo, compositor de hinos constantes do Cantor Cristão e Hinário para o Culto Cristão. Os hinos que escreveu cantam verdades irrefutáveis impregnadas pelo Ide de Jesus, realçando temas de Missões e Evangelismo fato que pode ser constatado no Cantor Cristão, sob o título: Mocidade - número 551 e A Única Esperança - 581, já no Hinário para o Culto Cristão sob o título Cristo é a Única Esperança - número 526 esse também mostra claramente composição de Mário e Música de Bill H. Ichter. O poeta, pode creditar seu sucesso a educação que recebeu nos lares que o acolheu: casa da avó Mafalda e da tia Calíope e, ainda das instituições que moldaram seu caráter para enfrentar o dia a dia fazendo-o viver intensamente. Na grandeza de sua multifacetada vivência as experiências o credenciaram a assumir posições em postos diversos: – Na educação atuou com Registro pelo MEC como professor em diversas instituições ministrando as disciplinas Português, Matemática, Ciências e Educação Física. Foi regente do Ensino Industrial do Estado do Rio de Janeiro, Diretor da Companhia de Expansão Econômica Fluminense; presidiu a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos tempo em que fomentou a instalação de dezenas de ginásios no Estado do Rio de Janeiro e na cidade de Niterói



quando ali residia; membro do Conselho de Educação do Estado do Rio, Presidente da secção estadual da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade no Rio de Janeiro, Presidente do Conselho Deliberativo de Alfabetização do Estado do Rio de Janeiro; Presidente da Comissão de Transportes Coletivos do Estado do Rio de Janeiro; Gerente da Companhia de Seguros Generali do Brasil do Estado do Rio de Janeiro, Jornalista membro da Associação Fluminense de Jornalistas, Colaborador efetivo de O Jornal Batista – OJB/RJ. Mário Barreto França, chegou ao posto de Oficial-General da Reserva do Exército.

- Na área acadêmica, ao lado de outros ilustres, a exemplo do pastor doutor Ebenézer Soares Ferreira (i.m.) fundou a Academia Evangélica de Letras do Brasil, fez parte de instituições literárias: Academia Niteroiense de Letras, Cenáculo Fluminense de História e Letras, União Brasileira de Trovadores – Seção do Estado do Rio de Janeiro. Membro correspondente das Academias: Pedralva de Letras, Artes de Campos dos Goytacazes/RJ, Academia Friburguense de Letras/RJ e da Academia Amazonense de Letras. Dessa trajetória vitoriosa a outorga de Títulos de Cidadania e Condecorações também o acompanhou: Cidadão Nilopolitano, Cidadão Maricaense, Cidadão Niteroiense, Cidadão Friburguense, Cidadão Itaperunense, Cidadão Campista, Cidadão Paduano e Cidadão Petropolitano. Foi homenageado com as Medalhas: de Guerra, de Pacificador, Militar de Ouro, do Exército, Maria Quitéria, Marechal Caetano de Farias e Palmas Acadêmicas. Detinha troféus de várias igrejas presença na Enciclopédia de Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza, 1990 e movimento de mocidade. Participou da Coleção Nossas Trovas, 1973; Nossas Poesias, 1974; Anuário de Poetas do Brasil/RJ 1975, 1976 e 1977 - 2º vol. organizado pelo poeta Aparício Fernandes.



MÁRIO BARRETO FRANÇA:
UM POUCO DA SUA TRAJETÓRIA E LEGADO



“O real é uma “revelação”, uma descoberta, uma interrogação, uma “criação”, nunca um dado; ou seja, a realidade mostra-se ao sujeito à mesma proporção que ele cria a habilidade de interrogá-la em seu sentido e em seu significado. Nisto consiste a árdua tarefa do conhecimento: “destrinchar a complexidade do real no singular sem perder de vista e sem deixar de ter como horizonte a totalidade daquilo que aparece como particular. Essa relação estabelece-se à medida que estudar-pesquisar se torna um compromisso” ... (GHEDIN e FRANCO, 2008: 148).

Essa leitura em Ghedin e Franco me vem à mente dando clareza ao que me propus fazer. Na busca incessante sobre a vida do poeta, o projeto seguiu seu curso normal obedecendo uma investigação que esclarece a totalidade do compromisso estabelecido, assim, escrever sobre Mário Barreto ganhou novo e contumaz impulso.

A história se estabelece enxergando e identificando a consanguinidade do personagem Mário, com o imortal Tobias Barreto de Menezes, que é notória, observe-se a descendência de Mário Barreto França. Tobias Barreto de Menezes, sergipano nascido em 7 de junho de 1839 na anterior Vila de Campos do Rio Real designada posteriormente município de Tobias Barreto; conhecido e respeitado filósofo, poeta, crítico, jurista, imortal. Ainda jovem conheceu a senhorita Grata Mafalda e com ela se casou; dessa união nasceram nove filhos: Aspázia, Pedro, João, Francisco, Maria, Manoel, Targélia, Calíope e Eros. Aspázia Barreto de Aguiar, filha primogênita do casal



Barreto de Menezes, contraiu núpcias com o advogado Gonçalo Ladislau Botto de Aguiar e dessa união nasceu Filonila ou Thionila, portanto, neta de Tobias e dona Grata Mafalda. A menina Thionila Barreto França de profissão prendas domésticas casou antes de completar 15 anos de idade com José Eduardo França, um engenheiro militar do Exército e dessa união nasceu o único filho Mário Barreto França, bisneto do poeta e pensador Tobias Barreto de Menezes, “o maior dos sergipanos pelo talento e erudição” (GUARANÁ, 1925: 271).

Mário Barreto França pode naturalmente levar o título de cidadão do mundo, foi notável em todo o tempo e suas poesias atravessaram mares, indo onde ele fisicamente nunca imaginou poder estar. Quando Deus está no controle da vida, milagres acontecem, às vezes até sem que o próprio beneficiado perceba. Tudo na vida daquele que seria um grande poeta evangélico brasileiro começou, com infância marcada pela orfandade. Os pais eram católicos, o genitor faleceu precocemente aos vinte e nove² anos deixando o pequeno Mário com sete³ meses de vida. Thionila, viúva e já com dezesseis anos passou a residir num chalé, à época no antigo Caminho Novo, posterior Rua Conde da Boa Vista. Passado algum tempo a viúva casou com o contabilista Francisco de Paula Lopes.

² FRANÇA, Barreto Mário. Um Sonho Modificou o Meu Destino. *Revista Juventude Batista*, RJ/RJ, 1964, p. 2.

³ FRANÇA, Barreto Mário. Um Sonho Modificou o Meu Destino. *Revista Juventude Batista*, RJ/RJ, 1964, p. 1. Nota: Sobre esse fato existem duas informações a exemplo de, na Entrevista concedida ao pastor Israel Belo de Azevedo, RJ/RJ, 1983, p. 1. Mário, citar ter ficado órfão aos oito meses de vida.



Após o segundo matrimônio da genitora, o pequeno Mário foi residir com a bisavó, Grata Mafalda dos Santos⁴, viúva do filólogo sergipano Tobias Barreto de Menezes, entretanto, alguns meses depois sem qualquer explicação, Mário retornou ao convívio da genitora, mas o padrasto não demonstrava simpatia pelo garoto dispensando-lhe indiferença e maus tratos chegando a atacá-lo fisicamente. Essa atitude do marido deixou Thionila atordoada procurando refúgio nas visitas corriqueiras à família, nessas visitas, mais especificamente à casa da irmã mais nova, acometida por febre amarela. Thionila acabou contraindo a mesma moléstia. A irmã faleceu e ela em poucos dias de contágio também foi vítima fatal da mesma enfermidade. Nessa ocasião, aos dois anos de idade Mário, o primogênito órfão, voltou para a companhia da bisavó Grata Mafalda⁵ que residia num pobre casarão em Recife (PE), mesmo local onde faleceu em 26 de junho de 1889 seu esposo Tobias Barreto (1839-1889).

A palavra de Deus diz “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.” (Sl. 30.5b) e a alegria chegou para o menino. Com o falecimento da genitora passou a receber atenção e carinho da bisavó Grata Mafalda, que assumiu a responsabilidade de criar o pequeno Mário junto a prole que lhe cercava, assim composta: seus filhos solteiros João, Manoel, Maria e Eros; os netos Edgard, Jhales, Píndaro, Aguinaldo, Adelaide e a partir dali, Mário o bisneto também passaria a compor esse já extenso lar. A base econômica de sustentação da família era uma restrita pensão do falecido doutor Tobias

⁴ Grata Mafalda, era filha de João Félix dos Santos, senhor de Engenho em Escada/PE.

⁵ FRANÇA, Barreto Mário. Um Sonho Modificou o Meu Destino. Revista Juventude Batista, RJ/RJ, 1964, p. 8.



Barreto de Menezes e uma ajuda mensal dos filhos João e Manoel, ambos sargentos do 49º Batalhão de Caçadores do Exército, que visando complementar seus salários, para ajudar a matriarca na manutenção da casa, trabalhavam à noite na redação de alguns jornais e revistas editados em Recife.

Mário, era apenas uma criança, estava em família, gostava da acolhida da bisá Mafalda que o cercava de cuidados, mas numa família numerosa cingida por dificuldades, era impossível a convivência sem as arengas próprias da faixa etária. Mário bem que tentava aprender a desvencilhar-se das brincadeiras amargas dirigidas pelos primos que por vezes, para atingir sua condição de mais mestiço da prole, cantavam para desapontá-lo uma música que o irritava, eis a letra: “A ponte da Boa Vista/Foi feita de geringonça;/Onça é comer de negro/ E negro é comer de onça!”

Apesar dos esforços da bisá, a situação financeira marcada pelo aperto monetário, liberava tão somente o alimento; sobremesa era coisa de grandeza, quando havia era só para os adultos. As crianças tinham participação na sobremesa composta de doces ou de frutas apenas se houvesse sobra, fato não muito comum. Os dias foram se passando a bisá dando sempre o seu melhor para todos e, Mário crescendo e esbanjando simpatia. No interior há o costume de ao visitar alguém, levar-se um presentinho e isto fazia uma tia avó de nome Idalina que para mimar Mário sempre levava lanches que ele gostava a exemplo de: castanhas assadas, biscoitos e sapotis.



BREVE ESTADA NO EXTREMO NORTE



Chegou para visitar dona Grata, a filha Calíope Barreto de Menezes (para os familiares, Zui) residente no longínquo Território do Acre. Calíope era casada com Benevides (um primo nascido no estado de Sergipe), gerente do grande Seringal Porangaba naquele Território. Calíope não teve filhos, criava um indiozinho que aparentava na época ter uns sete anos de idade. Observando a situação da genitora e sabendo da orfandade de Mário, demonstrou interesse em criá-lo sugerindo levar consigo não só Mário – já com cinco anos, mas os sobrinhos Adelaide e Edgard (netos de Tobias Barreto). Mário não se conteve de tanta felicidade, finalmente ia se ver livre das brincadeiras de mau gosto dos primos. Chegou o tão esperado dia muitos parentes foram para o embarque no grande e belo navio cheio de camarotes confortáveis, os passageiros: Calíope, Benevides, Mário, Adelaide, Edgard e o indiozinho Jacumã. Mário era o próprio modelo da felicidade. Pouco antes da partida Benevides o levou ao bar do cais onde ofereceu um copo grande de limonada que ele sorveu lentamente utilizando um canudinho, degustando como se fosse o melhor dos refrescos já tomados.

O sino ecoou no convés assinalando a hora da partida, alguns parentes choravam, Mário não conseguiu expressar qualquer sentimento a não ser o de farto contentamento. Tudo era muito mágico para ele. O jantar começou a ser servido e nada lhe passou despercebido, esperto notava que crianças e adultos tinham tratamento igual, direito de solicitar a refeição desejada, inclusive à sobremesa. Ao término do jantar os tios levaram-no ao tombadilho da embarcação, um deslumbre, ali ele pode dar asas a imaginação vendo diante de si a natureza,



uma imensidão onde o céu e o mar davam-se as mãos numa junção esplendorosa. Mário ficou estupefato perante a maravilha que se estendia e o envolvia, então em solilóquio o menino verbalizou algumas frases que rapidamente lhe vinham à mente, quiçá naquele momento a florasse n'alma o grande poeta que viria a ser. Os tios Calíope e Benevides o encheram de mimos a exemplo da refrescante limonada da partida e de uma lata de biscoitos; esse novo tempo fez o pequeno Mário sentir-se em casa, abrigado, protegido da escassez que rondava sua infância, assim passou a chamar seus protetores de tia Zui e titio, esquecendo o tratamento cerimonial anterior de “tia Calíope” e “senhor Benevides”.

Durante a viagem o pequeno foi acometido de uma doença nos olhos levando os tios a se revessarem em cuidados. A viagem continuou, o navio aportou na cidade de Belém/PA, ali os passageiros desceram, a família deliciou-se com sorvetes de Açaí e Cupuaçu num grande bar localizado no Largo da Pólvora onde a arborização era formada eminentemente de mangueiras. Os passageiros reembarcaram e só depois de dois ou três dias a embarcação passou por Santarém, Óbidos, chegando a Manaus, local onde desembarcariam e imediatamente embarcariam no Navio denominado “Gaiola”. Viajaram vários dias até finalmente chegar ao destino desejado, Território do Acre. A capital do Acre à época era a progressista cidade do Cruzeiro do Sul, aonde os funcionários federais em sua grande maioria, eram originários do Rio de Janeiro e buscavam espontaneamente sustentar naquela cidade do externo norte do país as atitudes ou tradições cariocas, razão que oferecia novos ares a acanhada cidade.

Os seis viajantes estavam chegando ao destino final - Seringal Porangaba. Ali, apenas casas grandes assim identifica-



das: residência do gerente, o armazém de víveres (depósito das “peles” de borracha) e a casa dos funcionários, todas construídas de madeira, as paredes externas, internas, o assoalho e o teto coberto com palha de paxeuba, uma palmeira local muito forte. A Reserva extrativista ficava à margem do rio Juruá, que de forma cíclica apresentava enchentes, assim por medida de prevenção as casas da localidade eram construídas sobre adesões deixando o piso um metro e meio acima do solo. Mário o garoto perspicaz por um instante contemplou a vastidão das florestas, divisou as três casas à margem do Juruá e sentiu-se encolher pensando, inclusive em retornar, mas voltou a realidade centrando-se estava em seu novo lar e via na figura dos tios, os benfeitores responsáveis pelo seu mantimento e instrução. Finalmente chegou a hora de dormir naquela primeira noite e o menino mesmo cheio de bisbilhotice para o dia posterior, sossegou debaixo de um mosquiteiro de chita (tecido de algodão, estampado).

Não demorou muito e a família mudou-se para uma nova sede num local plano às margens do Rio Juruá que o tio Benevides batizou como Seringal Ocidente, três eram as residências funcionais que constituíam o arraial especialmente orientado por Benevides: a casa do gerente (o próprio Benevides), o armazém de viveres que até servia como galpão das “peles” de borracha e a casa dos empregados (agricultores, pescadores alguns carpinteiros e seringueiros), essas muito mais aconchegantes que as anteriores.

Nesse novo local as crianças da casa: Adelaide, o índio Jacumã e Mário começaram a estudar entrando, assim no fascinante mundo das letras. Mesmo sem formação específica para a docência, os primeiros professores dos pequenos foram os tios Edgard e Zui que a qualquer deslize, de forma



rudimentar castigavam os alunos, Edgard dando reguadas e a Zui cocorotes ou cascudos. Naqueles dias de sua infância no Seringal, Mário jamais esqueceu de ter saboreado no jantar o cheiroso cozido de peixe com farinha d'água, já o almoço era constituído por peixe ou carne de caça, exceção feita aos domingos ou quando havia aniversário de algum membro da família que sua tia, servia galinha de sua criação.

A experiência de uma infância exclusivamente no campo foi para o menino Mário motivo de descoberta indizível, ver a farta pescaria à margem do Rio Juruá com caniço ou tarrafa, o cuidado com o rico jardim e a grande horta da tia, a reunião após o jantar com os priminhos em volta da grande mesa iluminada com a luz fraca dos dois lampiões a querosene ouvindo histórias contadas por um dos tios ou por algum visitante que se hospedasse na residência; outras vezes Mário e seus primos iam para a grande sala de visitas mobiliada por vários bancos e duas redes de palha-de-piqui para ouvir o velho gramofone tocar discos nacionais gravados na Casa Edson do Rio de Janeiro e discos italianos de cantores renomados entre os quais Caruso e Titta Ruffo. As noites ficavam mais graciosas quando os visitantes de seus tios tocavam instrumentos transformando o Seringal numa grande festa onde os empregados da sede, alguns colonos com suas famílias eram convidados, todos dançavam até raiar o novo dia.

Lamentavelmente, um tanto às pressas, chegou o momento de sair do Seringal, pois há algum tempo Benevides passou a queixar-se de dores no fígado, então visando procurar cuidados médicos para o chefe da família, malas foram rapidamente arrumadas para uma viagem de Batelão que durou três dias, passariam uma temporada no Cruzeiro do Sul. Enquanto acontecia o tratamento do tio, o garoto foi



matriculado numa escola pública instituição na qual toda manhã cantava-se o Hino Nacional Brasileiro observando no mastro da escola a Bandeira Nacional, ali ele aprenderia verdadeiramente a amar sua pátria.

Como o organismo de Benevides não reagia ao tratamento, a equipe médica que o assistia no território do Acre, reconhecia a carência de recursos hospitalares como também a escassez quase total dos únicos medicamentos que usavam, estes de laboratórios franceses e ingleses.

BELÉM, NOVO DOMICÍLIO



Assim, atendendo orientação médica, Benevides novamente embarcou no primeiro navio Gaiola que aportou desta vez com destino a Belém do Pará, levando consigo sua família na esperança de encontrar especialistas e recursos imprescindíveis ao seu tratamento. Chegando a Belém, a família instalou-se num Hotel localizado em frente ao cais dos navios pesqueiros, local denominado Ver-o-Peso, atual mercado com a mesma designação, espaço onde os agentes do fisco local perpetravam a averiguação do pescado comercializado. Depois o mercado criou volume e fez espécie tornando-se ponto especial onde se pode encontrar as mais ricas iguarias paraense, enfim cheiros e sabores do Pará em um único lugar. Ver-o-Peso chega a ser denominado como a maior feira livre da América Latina. Voltando a situação de Benevides, verificou-se que atendendo a recomendação dos médicos, enquanto bom paciente, resolveu permanecer mais algum tempo naquela cidade e providenciou o aluguel de uma casa na Rua São Jerônimo.



O menino Mário estava a se deslocar saindo de Recife, foi para o Seringal no Território do Acre, depois para a então capital Cruzeiro do Sul e agora Belém. Gostou do novo local Belém mostrava-se uma cidade alegre ali assistiu os primeiros festejos do carnaval, participou com os primos dos eventuais passeios proporcionados pelo tio enfermo onde sempre, na companhia de seus primos, visitava museu, ia ao cinema e tomava sorvetes de Cupuaçu e Açaí. Era aluno aplicado e para demonstrar orgulho e satisfação Benevides premiava o menino com alguns mil réis para comprar suas guloseimas preferidas. Mas a manifesta alegria ao lado do tio estava com os dias contados, a enfermidade agravou-se, os recursos disponíveis da medicina paraense foram todos usados, contudo não chegava a um diagnóstico preciso, suspeitava-se de problemas no fígado, estômago, baço e intestino, enquanto isso ele contorcia-se de dor, para piorar a situação foi acometido por um AVC atingindo fortemente o órgão fonador. Os últimos momentos foram cruciais, ele tentando se comunicar, mas a voz não era audível e Benevides Barreto do Rosário, esboçou o último suspiro para a vida; houve desespero, Calíope, Adelaide, o índio Jacumã, Mário, enfim a família perdeu aquele que durante todo o tempo os protegeu. Sem pensar que a vida lhe seria tão breve Benevides não se preocupou com o futuro. Morreu sem deixar qualquer reserva financeira, assim à tia Calíope ficou viúva e pobre com três crianças para criar.

Em razão de não ter parentes em Belém do Pará, Calíope resolveu voltar para sua cidade natal Recife, onde ainda tinha irmãos e sobrinhos, então vendeu parte das joias do falecido. A Empresa Nicolau & Cia. doou as passagens concedendo, inclusive uma ajuda financeira para as eventuais necessidades da viagem, as bagagens estavam prontas para o retorno restando apenas sanar pequenos compromissos e



os últimos ajustes para o longo e penoso trajeto. Dentre os compromissos uma rápida permanência na igreja que leva o nome de Nossa Senhora de Nazaré, de cuja imagem Calíope era devota – para aquele período de devoção ela comprou para os sobrinhos roupas de marinheiro e gorro de cor azul marinho. Ali cumpriram as últimas orações na cidade de Belém. Outro compromisso foi à visita ao túmulo de Benevides, à viúva, chorando copiosamente estava vestida ao costume da época, luto fechado, usando um véu de crepe que lhe cobria o rosto. Finalmente, alguns amigos do falecido e apenas um parente que morava em Belém, foram levá-los a bordo.

RETORNO AO RECIFE



A demorada viagem ocorreu inundada de lembranças e grande pesar, diferente da alegre ida na companhia do tio que dispensou atenção redobrada aos sobrinhos. Chegando ao Recife à sensação de ansiedade dominava os solitários passageiros enlutados, no cais apenas alguns poucos parentes os aguardavam: tio Zanzãe e Jonas, irmão do saudoso Benevides que os acolheu em sua residência na Rua do Lima, local onde passaram alguns dias, contudo Calíope, com as reservas que ainda tinha alugou uma casa na Rua Marechal Deodoro, próximo da velha estação de trem da Encruzilhada no Bairro do Feitosa, nesse tempo Mário tinha nove anos. Casa simples, o mobiliário era composto por velhas cadeiras austríacas de assento de palhinha, três camas de vento (camas com estrado de lona), poucos pertences de cozinha e um oratório com a imagem de Senhora de Nazaré.



A necessidade bateu à porta, os parentes não apareciam e os amigos da família evadiram-se. Próximo dali estava uma igreja Batista, lugar que a tia impediu os sobrinhos de sequer passar pela calçada, pois alegava para as crianças que aquela era igreja da “nova seita” e nas reuniões que faziam aparecia um bode preto. Pura ignorância e preconceito de Calíope com os protestantes. Nas conversas entabuladas em casa ela acrescentava que os crentes usavam um livro de capa preta muito perigoso e que em uma simples leitura o diabo aparecia. Quanta imaginação! A intensa proibição aguçou a curiosidade do garoto Mário, assim num dia de festa ele passou na porta da igreja e falou em voz alta que aquele lugar era a casa do diabo. Um homem de certa idade – o admoestou com dulçor dizendo que ali era a casa onde Deus era adorado e cultuado, portanto alguém devia tê-lo informado erroneamente, e o menino saiu cabisbaixo, pois da forma gentil que foi abordado, percebeu ter falado deseducadamente algo que não convinha.

A condição financeira combalida chegou ao limite, os recursos acabaram-se, a pequena família começou a passar necessidade, os vizinhos compadeciam-se da situação e davam xícaras de farinha, pão e eventualmente dinheiro. Os parentes de Calíope se mantinham de modestos empregos com pouca remuneração, o que podiam fazer era mandar ou mesmo levar alguma ajuda, o que representava muito pouco, pouquíssimo mesmo.



TEMPO DIFÍCIL



Sem dinheiro e alimento Calíope resolveu ir com os sobrinhos a residência de seu irmão, na Rua Imperial, Recife, para pedir ajuda. Infelizmente ele não estava em casa e a esposa os tratou com desdém dizendo: “o governo é quem tem obrigação de dar comida a mendigo”, ao ouvir isto, a tia bateu em retirada, fazendo idêntico percurso, andar alguns quilômetros de volta até chegar no Bairro do Feitosa. Confusa, chorando, já noite, ela cercada pelas crianças, volve seus olhos ao céu entregando a Deus aquela triste situação. Vez por outra a lua saía entre as nuvens iluminando o caminho e assim, Mário viu algo mexer-se fixou bem a vista e alegrou-se, era um vistoso e cevado guaiamum, deu trabalho, mas conseguiu capturá-lo. Assim, o almoço do dia posterior estava garantido, o guaiamum deu para alimentar a pequena família, Mário entendeu aquele achado como provisão de Céu para complemento do almoço.

A CONVERSÃO DE CALÍOPE



A viúva de Benevides altamente preocupada com tudo o que vinha acontecendo em sua vida e sem saber o que mais fazer para a manutenção da família, conseguiu adormecer e “sonhou que quando estava rezando a Nossa Senhora de Nazaré, ela lhe abriu o manto azul e lhe apontou para o Menino Jesus, que sorria docemente para ela”⁶. Afeita as crendices, dia

⁶ FRANÇA, Mário Barreto. Um Sonho Modificou o Meu Destino, *Revista Juventude Batista*. Rio de Janeiro/RJ. CPB, 1964, p. 14.



seguinte, ficou contando o sonho às pessoas de seu convívio, restritas a vizinhas e conhecidas, mas nenhuma delas achou uma interpretação que bastasse a dona do sonho, entretanto, alguém sugeriu que procurasse “os nova seita” era desse jeito que se referiam aos evangélicos, pois tinha ouvido que eles interpretavam sonho. Houve interesse imediato, tendo a indicação de que na mesma rua do Bairro onde morava existia uma senhora da Igreja Batista⁷. A tia não se fez de rogada foi visitar a humilde senhora, uma viúva de trato afável, conversaram até que citou o sonho perguntando como a viúva o interpretava. Surpresa com a indagação a senhora evangélica disse que as interpretações eram feitas no tempo dos juízes e dos profetas de Deus, mas que sinceramente ela deixasse a idolatria e procurasse o Filho de Deus e não demorasse porque Ele sim pode salvar e resolver problemas fossem eles quais fossem, e recitou “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há dado entre os homens pelo qual possamos ser salvos” At. 4.12. E continuou dizendo que os feitos ocorridos no passado continuam a realizar-se no presente, pois Jesus salva e dá a provisão aos que confiam no seu poder.

Calíope mostrou-se interessada em saber mais sobre Jesus e a viúva indicou o nome do pastor e professor José Lúcio Pereira, que poderia tirar suas dúvidas, acrescentando que em sua igreja a partir daquela noite aconteceria às 20h uma Série de Conferências e se Calíope não gostaria de ir, ela afirmou que sim pedindo oração por ela e por seus filhos de criação. Em casa contou as crianças sobre a visita a senhora evangélica demonstrando satisfação, eles ficaram

⁷ Idem, *Ibdem*.



surpresos com a atitude e ela cheia de empolgação, convicta de que Deus atenderia suas orações. Todas as noites Calíope honrou a palavra dada, foi à igreja e sempre ao retornar repassava tudo aos sobrinhos na esperança que eles também sentissem interesse pela nova religião. Debalde, pois Mário e o índio Jacumã professavam o catolicismo e não estavam interessados na nova religião, pensavam sim, nas noites onde se dispunham a distrair-se com folganças de rua, a exemplo das barras-bandeiras e futebol de bola de meia. Calíope após ouvir as pregações da Série de Conferências e de entender o propósito de Deus para sua vida foi à primeira naquela noite a tomar a decisão de aceitar Cristo como Salvador e Senhor – era sexta-feira, dia da antepenúltima Conferência. Pastor José Lúcio usou a palavra solicitando as pessoas que tinham aceito Jesus como Salvador que esperassem um pouco mais, pois em nome da igreja faria alguns esclarecimentos dando instruções doutrinárias e ainda como prometido oferecer-lhes-ia uma Bíblia Sagrada.

Feliz da vida a tia Calíope voltou alegremente para casa levando consigo um exemplar da Bíblia Sagrada. Encontrou os meninos brincando de barra-bandeira na rua iluminada por um lampião a gás, as crianças surpresas fizeram uma pausa olhando o livro que a mesma os advertira para não ler, então Mário apressou-se em perguntar o porquê de ela estar com o livro que os impediu de ler – ela respondeu – que acreditava, por causa daquele livro, jamais voltariam a passar fome. Calíope falou com tamanha fé que os meninos foram dissuadidos de fazer qualquer outro comentário. No dia posterior, recebeu um telegrama do Juizado de Menores para visualizar uma das primeiras bênçãos; ela tinha ganho a Ação que havia movido na Justiça como a verdadeira tutora do órfão Mário, recebendo das



mãos do Juiz a orientação de onde poderia receber o montepio sustado do antigo tutor, vez que estava atrasado há diversos meses. Com isso a tia comprou o que necessitava e a família passou a viver de forma abastada, sem passar mais qualquer necessidade, graças a Deus, fome nunca mais.

A história de conversão da Calíope não parou por aí, a família Tobiática ao saber da conversão não poupou críticas à participante dos “nova seita”. Maria, (apelidada de Jojoy) irmã de Calíope, chegou a dizer que ela estava entristecendo e envergonhando a família, ao que Calíope retrucou dizendo, quando passava fome nenhum deles chegou para ajudá-la⁸. Entretanto, Calíope foi surpreendida com a visita da doutora Amélia Cavalcante⁹ para cumprimentá-la. Deus tem seus propósitos e em tudo há uma história com rumos definidos; tratava-se de Maria Amélia Florentina, primeira médica formada no país, na Faculdade de Medicina da Bahia, e para seu ingresso naquela faculdade muito colaborou Tobias Barreto (pai de Calíope). Na época, ele era deputado da Assembleia Provincial de Pernambuco, brilhante defensor do direito das mulheres ingressarem nos cursos superiores, o que era proibido aqui no Brasil. Sobre esse fato entendo válido ressaltar parte de um pronunciamento do parlamentar de convicções progressista liberal, ferrenho defensor da educação feminina que entendendo pertinente o foco do desenvolvimento, ou seja, o caminho da inclusão da mulher como participante ativa no mundo moderno, inexorável caminho para a competição profissional e social da mulher; assim, Tobias apoiou com o vigor que lhe

⁸ FRANÇA, Mário Barreto. Um Sonho Modificou o Meu Destino, *Revista Juventude Batista*. Rio de Janeiro/RJ. CPB, 1964, p. 15.

⁹ Idem, *ibidem*



caracterizava o pedido que uma jovem enviara ao presidente Adolfo Barros, solicitando à Província que a auxiliasse nos estudos numa faculdade de medicina - o chefe do executivo enviou aquela petição a Assembleia, aguardando que a casa se pronunciasse sobre a matéria. Da tribuna do parlamento na primeira sessão, Tobias (pai de Calíope e bisavô de Mário), mesmo enfrentando apertes contrários do colega, deputado médico Malaquias Antônio Gonçalves, declarou:

“Eu ousou confiar na boa causa que trato de defender, e no bom gênio que me inspira, o gênio do reconhecimento e do culto rendido as excelências do belo sexo; ousou confiar, repito, que poderei também contribuir com algumas verdades, seriamente meditadas e francamente expressas, para arredar desta Assembleia a imensa responsabilidade de um pecado imperdoável contra o santo espírito do progresso de um crime de lesa-civilização, de lesa-ciência, qual seria, sem dúvida, o de ficar aqui decidido, barbaramente decidido e assentado, que a mulher não tem capacidade para os misteres científicos, para os misteres que demandam uma alta cultura intelectual”.¹⁰

Sobre esse fato Junot Silveira comentou:

Finalizando a oração, envia à mesa uma emenda de sua autoria, pleiteando que a Província conceda subvenção, não só à peticionária, mas, ainda, à Dona Maria Amélia Florentina, que também dirige aos poderes públicos, por seu intermédio, um pedido no mesmo sentido.¹¹

¹⁰ BARRETO Tobias. *Discursos*, 1926, p. 160.

¹¹ SILVEIRA Junot. *O Romance de Tobias Barreto*. Brasília-DF: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989, p. 163.



Depois deste adendo explicativo do grande tribuno que Sergipe presenteou não só o seu país mas ao mundo, voltamos a visita da amiga, profissional da medicina à Calíope; Amélia, - era assídua aos cultos da Igreja Presbiteriana da cidade do Recife; a simpática médica após palavras de afeto convenceu Calíope a não se abater com perseguições que por certo teria que enfrentar; deixando ao se despedir versículo da palavra de Deus que enfatiza uma verdade sem precedentes: “Fui moço e agora sou velho; mas nunca vi desamparado o justo, nem a sua descendência a mendigar o pão” Sl. 37.25. A filha de Tobias agradeceu a visita e cuidados expressos pela boa doutora Amélia, (Maria Amélia Cavalcante de Albuquerque (1854 -1934)¹².

Finalmente, chegou o dia do batismo de Calíope, apesar de ter convidado o indiozinho e Mário eles lá não compareceram, ficaram supersticiosos com a proibição inicial da tutora a respeito da igreja Batista. Ela sempre gostava de conversar muito com os sobrinhos e contou-lhes que na noite do batismo sonhou sendo recebida por Jesus no céu, onde os anjos cantavam belos hinos. Deus estava abençoando a família. Depois de aproximadamente duas ou três semanas do batismo a família mudou-se para outra casa localizada na mesma Rua Marechal Deodoro, residência mais alegre, ampla, protótipo do que os meninos almejavam, um quintal com árvores fru-

¹² SILVA, Francisco Bonato Pereira da. *Os Cristãos Batistas em Pernambuco (1885-2020)* 2ª edição, p. 118. Sobre Amélia, Bonato informou: “...batizada na PIB do Recife em 10mar1908... primeira mulher médica pernambucana e primeira médica Batista brasileira, pioneira em tocoginecologia no Estado... Recebeu grau de doutora em Medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 16jan1892 com a tese *Do eritema nodoso palustre*, orientada pelo dr. Carlos Moncorvo, diretor da Policlínica Rio de Janeiro”.



tíferas a exemplo de: sapotizeiros, cajueiros, mangueiras e uma expressiva pitangueira, dois altos coqueiros com frutos e um pé de fruta pão. A cada dia a mesa se apresentava mais farta, a família podia até receber convidados para participar das refeições, pois as ajudas em forma de pensões recebidas, possibilitavam uma vida melhor para a pequena família.

Tudo transcorria normalmente, mas algum tempo depois, houve necessidade de uma nova mudança de domicílio a pequena família passou do Bairro do Feitosa para o Bairro da Torre. O fato aconteceu em decorrência do recebimento de velha dívida de um amigo do Benevides no valor de um conto de réis; assim Caliope juntou esse dinheiro a algumas economias que vinha guardando dando para comprar um imóvel muito simples no Bairro da Torre, tido como o subúrbio progressista do Recife. Apesar da casa não ser espaçosa, necessitando de alguns reparos, mas dava para acomodar todos; o quintal era grande e contava com diversas fruteiras. O importante é que houve boa acomodação os meninos se identificaram com as novas instalações. Caliope, pensando em fazer algo para ajudar na manutenção da família apressou-se em comprar uma máquina de costura de marca Singer, daí passou a confeccionar peças para particulares e firmas comerciais, do mesmo modo comprou móveis e materiais indispensáveis para equipar a nova casa. Dai, procurou uma igreja Batista e a encontrou próximo de casa numa esquina da Rua Real da Torre. Era a Igreja Batista da Torre onde foi bem acolhida pelos irmãos, pastor Pereira Sales, sua mulher dona Yayá, que se prontificaram em orientá-los social e espiritualmente. A família ficou contente com a receptividade, pois era desconhecida da comunidade e sem experiência no evangelho. As providências de Deus nunca falham, cercavam



aquela família, Mário e o índio Jacumã pela interveniência do pastor Pereira Sales, foram matriculados no Colégio Americano Batista, então localizado em Madalena Bairro do Recife, não muito distante do Bairro da Torre.

COMO ACONTECEU A CONVERSÃO DE MÁRIO



A tia Calíope que frequentava a igreja com fé e testemunhava das verdades bíblicas com destemor; os sobrinhos iam bem até que Mário prostrou-se acometido por sarampo conhecida moléstia comum, mas no pequeno Mário houve agravamento e a febre não cessava, faltava-lhe apetite, dominado por uma fraqueza sem precedentes não conseguia firmar-se, nem para sentar na cama. O médico ao consultá-lo, disse a Calíope da gravidade do caso do sobrinho, o menino ouviu e desiludido começou a lamentar-se. Certo dia recebeu a visita da professora da Escola Bíblica Dominical – EBD, da Igreja Batista do Feitosa, visita que a conselho da tia que atendia recomendação médica deveria ser breve, depois de conversar a professora aproveitou e convidou Mário para quando ficasse restabelecido fosse a EBD; lembrando da conversa do médico com a tia sobre seu estado de saúde, disse com dúvida que se ficasse bom iria. Ela o encheu de esperança dizendo que ele ficaria curado e que a primeira visita seria a classe de crianças de EBD da sua igreja, se comprometendo a orar e ainda pedir que a igreja fizesse de igual forma.

Estava escrito que o Mário seguiria no caminho certo, ficou curado e quando liberado para sair de casa, recebeu pela segunda vez a visita da professora que no domingo



como havia prometido foi buscá-lo, apresentando-o à classe. E ele por livre e espontânea vontade, começou a frequentar assiduamente a igreja, não só aos domingos pela manhã, mas também à tarde nas reuniões da sociedade juvenil, onde a amável professora era líder e conselheira. Mário foi bem acolhido e percebeu como fora preconceituoso e injusto com os evangélicos, desde que começou a visitar a igreja recebeu compreensão, respeito e amor fraternal. Sem qualquer dúvida sua vida cristã começou quando aceitou o convite da professora da EBD da Igreja Batista do Feitosa, aquele dia sim, marcou a vida do pequeno órfão e foi sua entrada de forma voluntária no ambiente vivenciado pelo povo evangélico; a história do menino assumiu um novo direcionamento a partir do contato com os ensinos da palavra de Deus.

Entretanto, a conversão de Mário aconteceu exatamente aos 10 anos de idade, assistindo uma Série de Conferências ministrada pelo doutor Salomão Luiz Ginsburg¹³ na Igreja Batista da Torre, quando o missionário fez o apelo e o menino decidiu entregar sua vida a Jesus. Foram bons tempos aqueles vividos na Torre, ali as brincadeiras embalaram ternamente a infância daquele que viria a ser um dos maiores, senão o maior poeta evangélico do Brasil. Mário brincou e se divertiu muito. Em frente da nova residência havia uma ampla campina, local onde os pequenos moradores dos arredores jogavam às tardes suas costumeiras peladas, lá

¹³ Salomão Luiz Ginsburg (Polônia, 06/08/1867 – Brasil, 31/03/1927) - importante ministro evangélico, missionário Batista no Brasil, foi secretário da Junta de Missões Nacionais da CBB. Um realizador: criou o Cantor Cristão, fundou o Jornal Boas Novas, o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, Igreja Batista em São Fidélis/RJ, Igreja Batista de Penedo/AL, Igreja Batista do Cordeiro/PE, Igreja Batista Imperial/PE. www.pt.m.wikipedia.org.



também treinava o time Elite Futebol Club idealizado por José Lins de Albuquerque, Enoch Verçosa, Valdemar de Oliveira, Mário e outros meninos da mesma faixa etária, todos pertencentes ao grupo de meninos da classe de intermediários e jovens da Igreja Batista da Torre.

Apesar de sua frequência aos cultos e se sobressair como aluno atuante da classe de intermediários na EBD de sua igreja, não se sentia pronto para a profissão de fé e conseqüente batismo, as pessoas da igreja o aconselhavam a fazê-lo, mas o jovem sempre se negava porque tinha em sua consciência ainda juvenil, à época, que o membro da igreja deveria conter-se de duas coisas que gostava demasiadamente: futebol – ele torcedor exaltado do Santa Cruz Futebol Clube – chegando a exibir na lapela do paletó um belo distintivo tricolor e a outra distração que o envolvia era o cinema, os personagens prediletos eram o herói quase ídolo Tom-Mix e o cômico Carlito.

Algum tempo depois pastor Pereira Sales o convidou para o batismo. Mário foi e levou o amigo José Lins de Albuquerque, ambos decididos ao evangelho de Cristo, na mesma noite durante uma Série de Conferências, (a conversão de Mário ao evangelho ocorreu provavelmente três anos antes da sua decisão ao batismo, 1919). Assim, os noveis fieis apresentaram-se juntamente com outros na mesma situação e foram batizados, fato ocorrido possivelmente em 12 de junho de 1922. Mário, intimamente mantinha sensação de insegurança na tomada da importante decisão, contudo, mesmo de forma insipiente decidiu seguir a Cristo; mas na verdade, Mário só teve certeza de sua conversão certo período depois.



ESTUDANDO NO COLÉGIO AMERICANO BATISTA



Pastor Pereira Sales sempre solícito, interessou-se pela educação dos meninos, orientando, ajudando Calíope, inclusive a matriculá-los no Colégio Americano Batista onde passaram a estudar. Mário por sua vez estava radiante com a ideia de estudar naquele colégio, onde presumia aprender a falar inglês correntemente, pois os meninos que lá estudavam articulavam algumas frases e mostraram-lhe o compêndio seguido; era um volume em papel couchê, com encadernação a couro-pano vindo dos Estados Unidos, a professora do idioma era a missionária Lila uma jovem agradável recém-chegada de curso de orientação religiosa na América do Norte. O menino Mário pensava insistentemente em aprender a língua dos missionários. Empreendeu esforços, mas não foi além da categoria de aluno regular na matéria.

No novo colégio um dado importante, não existia aulas aos sábados, contudo, também não se usava uniforme, fato que o deixou encabulado, pois o momento pelo qual a família passava não dava condições de se trajar condignamente, suas vestimentas eram muito pobres. A maioria dos alunos que ali estudava era abastada se vestia e calçava muito bem. Mário ficava olhando a pompa dos coleguinhas na maioria filhos de famílias de projeção na sociedade recifense e pensava um dia poder vestir um costume de brim de linho HJ e calçar sapatos de sola de borracha. Mário estava estudando naquele colégio, mas sentia uma frieza muito grande e começou a perceber dois mundos, um dos quais a discriminação social, por parte da direção e também dos colegas, os professores não eram exceção havia essa divisão em sala de aula, os mestres eram



rápidos em atenção e cuidado com os filhos de sobrenomes ilustres, com o outro lado nenhum gesto de delicadeza, ação que configurava diferença entre “mais e menos” afortunados.

É bem verdade que a situação financeira da pequena família com o montepio recebido do falecido pai do menino Mário e o resultado das costuras de Calíope, passava visivelmente por momentos de significativa melhoria, aquisição de roupas e alimentos fazia parte do primeiro momento, entretanto, havia necessidade de fazer economia visando a compra do mobiliário da nova residência, o humilde chalé da Campina da Torre. Por conta desse raciocínio houve ocasião em que os dois meninos, Mário e o indiozinho levavam como lanche apenas um pão simples e os dois tostões reservados às passagens do bonde. Havia no colégio vários prédios dispostos de forma irregular na sua grande propriedade, podia-se observar sem muito esforço muitas fruteiras a exemplo de jaqueiras e mangueiras. Um dia qualquer Mário teve que ir a pé até o colégio, motivo admissível para sentir fome, afinal do Bairro da Torre até o Bairro Madalena, local onde se encontrava o CAB, percorria-se um percurso considerável, razão que o levou a comer o ‘pão de tostão’, antes da hora e em plena sala de aula.

O menino continuou faminto, distante da aula imaginando como conseguir novo lanche porque o estômago reclamava a todo instante, pensou em jogar berlinde (bola de gude), refletiu melhor em vez de disputar bolas coloridas por brincadeira, deveria fazê-lo em troca das saborosas e nutritivas merendas dos filhos de ingleses, ou então, que um colega emprestasse dois tostões para que ele comprasse um pão com manteiga vendido no armazém, em frente ao colégio. A sineta alertando o recreio tocou e o menino não se deu



conta, apenas quando os colegas o chamaram ele saiu da sala ainda com o pensamento longe, de repente surgiu a ideia de ir até o fundo da chácara onde tinha frondosas fruteiras, e muitas mangas sobre a folhagem espalhada pelo chão. Mário não se fez de rogado, chegou lá, pegou duas mangas sem se lembrar da proibição da direção; enquanto saboreava o fruto, foi flagrado pelo diretor, um missionário norte americano severo, dizendo-lhe mesmo diante do pedido de clemência, que jogasse as mangas fora e o acompanhasse até sua sala. Ao chegar naquele lugar onde esperava compreensão e perdão, nada de conselhos apenas censura, intimidação e a inapelável sentença, que ficaria de castigo e só sairia às dezoito horas. Mário ficou em solilóquio refletindo que aquele terrível incidente aconteceu porque ele era um garoto pobre e órfão, pegou as mangas porque estava com fome e aquele homem não quis entender. Em casa a tia inquiriu o menino, mas a vergonha da humilhação passada naquele dia o impediu de contar o ocorrido para a tia querida.

Aquele fato ocorrido no CAB marcou sensivelmente o menino. Os anos correram velozes, fizeram daquele episódio acontecido há tantos anos título de um bem elaborado artigo “Fruto Proibido” da lavra do jornalista e escritor Mário Barreto França¹⁴.

¹⁴ Artigo “Fruto Proibido”, de Mário Barreto França, publicado no Jornal Diretriz Evangélica, Rio de Janeiro/RJ, 1949, p. 7.



FRUTO PROIBIDO

Escreve Mário Barreto França

Eu era um menino pobre, orfão de pai e mãe, criado por uma tia viúva, cujos poucos proventos de um ridículo monteopio e do que conseguia com algumas costuras, mal davam para o pão nosso de cada dia. Mas eu precisava estudar. E minha tia, que há pouco aceitara o evangelho, lembrou-se de ir pleitear um lugar gratuito para mim no Colégio Americano Batista do Recife. Não concordei o que queria, mas ela fez com um abatimento na mensalidade, em vez de doze ela ficaria pagando dez cruzeiros mensais. Comecei a frequentar as aulas; dias havia em que eu não tinha meus tostões para pagar o lanche e raramente podia levar a mais simples de todas as merendas — um pão de tostão sem manteiga.

O Colégio Americano Batista do Recife fica situado num dos bairros aristocráticos da capital pernambucana, no meio de uma grande chácara com centenas de mangueiras, jacuiteras, e outras árvores características da região nordestina. Num dia — desses dias dolorosos que não tínhamos nada em casa — eu fui a pé para o colégio (da Torre ao Parque Amorim), cheguei cansado e faminto, e tive de assistir às aulas torturado pela fraqueza e pela amargura de me sentir tão pobre. Até à hora do recreio eu não fiz outra coisa senão sonhar: que seria um homem de posição, que teria uma casa assim, bem grande, no meio de uma chácara, com muitas fruteiras e, em casa, a mesa farta e muito dinheiro para vestir-me bem e passear de automóvel. Todas essas idéias de grandeza me vinham à mente infantil, como para me

consolar daquela situação. Ao sair o sinal para o recreio, todos saíram precipitadamente da sala, levando as suas merendas e as suas bolas de gude. Eu fui o último a sair; era como se levasse um grande peso. Não via nada que me alegrasse. Olhei para o pátio cheio de meninos — uns pobres como eu e outros bem vestidos e ricos, saboreando as suas merendas, que pareciam os meus olhos preferir a treze cobichosos, verdadeiros manjares do céu; era o pão com presunto, o doce com queijo, os bolos, as frutas e tantas outras coisas que me enchiam a boca d'água e os olhos de desejo. Como eu seria feliz se tivesse um lanche assim! Tudo me parecia tão provocante neste apetitoso! . . . Abstei-me daquele meio ênulo de algarrra, bati a cabeça para não contemplar centenas de bocas mastigando e rindo, e fui sentar-me num recanto do campo de tennis que ficava um pouco adiante, cercado de velhas e copidas mangueiras. Nisto — em misericórdia divina — estei perto de mim uma manga amarelinha e cheirosa e eu não tive dúvidas: apanhei-a, limpei-a apressadamente na aba do paletó de brim-eaque e comecei a comer como sofreguidão. Era a mi-

nha merenda daquele dia. Ainda não havia terminado quanto uma voz odiosa me chamou, gritando: Venha cá! de onde você tirou essa manga? não sabe que é proibido tirar ou apanhar fruta no Colégio? Era o Dr. Muricad, diretor do colégio, um norte-americano de rosto redondo e vermelho que tornou a falar-me asperamente: "Jogue isso fora e venha, amigo". Joguei no chão, contrariado, o resto da manga e, o segui, humilhado, sem ousar sequer levantar os olhos. Sibia que todos me iriam olhar como se fora um erminioso; que por muitos dias iriam os meus colegas comentar a minha falta, ridicularizando-me. . . . Fui privado do resto do recreio e fiquei de castigo, de pé, na sala de aula, para exemplo àquelles que tivessem, como eu, um dia, a fraqueza de apanhar uma fruta qualquer, mesmo que fosse dos montões que apodreciam no chão.

Mas, a que vem o relato desse episódio triste na vida triste de um menino orfão? Apenas para mostrar ao povo de minha terra a situação de centenas de milhares de meninos sem recursos de espécie alguma, aos quais não lhes é permitida a comer das migalhas que caem da mesa farta dos que têm colégios e editoras, livros e passas, mas que, checados pela comercialização do ensino e pela exploração do pensamento alheio, vivem completamente esquecidos da missão que lhes foi confiada: viver o exemplo de Cristo, amando o próximo e auxiliando os necessitados.

O que aconteceu em um recanto do que se repete em quasi todos os colégios do Brasil: negar-se a merenda, o livro, a instrução gratuita aos pequeninos orfãos, aos filhos de pais cristãos extremamente pobres, para que os relatórios financeiros anuais possam apresentar saldos convenientes, fugindo assim à sua verdadeira finalidade que é combater o analfabetismo e promover o aproveitamento da criança como terreno propício à semeadura das idéias cristãmente democráticas, firmando sob a mesma bandeira da merenda os homens de todas as classes, de todas as raças e de todas as nacionalidades.

Dirão, por exemplo, os evangélicos: mas os aspirantes ao ministério têm entrada gratuita nos cursos pré-seminário. Sim — eu lhes responderei: porém nem todos os meninos pobres sentem vocação para o ministério! E os que possuem pendor para as artes, ciências e letras? Não será justo também dar oportunidade aos leigos? Nem todos têm o dom de pregar, mas cada um tem o seu talento, que desenvolvido no meio próprio, há de produzir muitos frutos para a causa da justiça e do amor que é em última análise a própria causa de Cristo.

Artigo publicado no jornal Diretriz Evangélica, RJ - 1949.

ENCONTRO INUSITADO



A família ainda morava no Bairro da Torre, certa tarde quando o menino Mário brincava de bola com os seus amiguinhos, um ancião apoiando-se numa bengala de junco sinalizou querendo falar com o menino – ele retrucou que esperasse – e continuou jogando na esperança de que o velhinho desistisse e fosse embora, não foi o que aconteceu, ele esperou pacientemente e a contragosto, ao término do jogo, Mário o atendeu, colocando-se à disposição. O velhinho então lhe informou como soube de sua presença em Torre através de algumas pessoas falando acerca de uma filha de Tobias Barreto, que chegara viúva e pobre do norte do país, trazendo consigo um indiozinho e um menino de nome Mário, esse órfão de um oficial do Exército. Assim, aquele senhor confessou ser seu avô paterno, abraçaram-se a pedido do idoso, mas o menino ficou meio encabulado, não por causa do idoso, mas porque estava sujo e malvestido. De pronto o avô ensinou onde ele morava, convidando o neto a visitá-lo em sua casa como também para conhecer outros parentes.

Mário chegando em casa contou detalhadamente tudo a sua tia Calíope que o aconselhou a ir sim visitar seu avô, imediatamente à tarde do dia posterior, domingo, quando então poderia vestir uma roupa melhor. O menino foi visitar seu avô no domingo após a EBD, e do almoço quando geralmente, a tia servia carne de porco assada ou peixe cozido ao leite de coco. Bateu palmas diante de um portão de ferro e a porta se abriu, parece até que todos o esperavam ali, o avô e outras pessoas apareceram, o velhinho ainda trêmulo de emoção, começou a apresentar aquelas pessoas até então desconhe-



cidas para Mário. Dizia o avô – “este é seu tio Pedro - irmão do seu pai; Abigail sua tia por parte de pai, filha do segundo casamento; Batazinha, seu primo filho do Pedro...” e continuou apresentando outros parentes. Olhando para as paredes da casa viu um quadro com a foto de seu pai com bela moldura e a inscrição Honra ao Mérito. Ainda parado diante da grande foto, seu tio Pedro, professor do liceu estadual tocou-lhe o ombro e aconselhou o menino a estudar muito para um dia ser oficial do Exército, como o pai. Foi uma tarde agradável na residência do avô, houve um lanche e depois das despedidas formais o menino voltou para casa com o propósito de seguir a carreira de seu falecido pai.

OBSTINAÇÃO E BUSCA POR MELHORES DIAS



A tia Calíope estava trabalhando com afinco, produzindo cada dia maior número de costuras para novos fregueses e começou a ganhar dinheiro o suficiente para encomendar ao senhor Mário Azevedo considerado o melhor alfaiate da Torre, as roupas de brim HJ tanto para Mário como para o índio Jacumã. Visando situar melhor o leitor, Mário Azevedo também membro da igreja Batista sempre foi distinguido por improvisar a voz de tenor dos hinos cantados pela igreja, Mário Azevedo era pai de Juarez de Azevedo que se tornou a sua época atuante líder da mocidade nordestina. Lembro nitidamente do autor Juarez¹⁵, pelo prefácio honroso do pro-

¹⁵ Azevedo, Juarez Pascoal de. A Bíblia Falou, Tá Falado! Editado pela Junta de Educação Religiosa e Publicações - JUERP. Rio de Janeiro/RJ, 1984. Juarez, publicou



fessor Merval Rosa em seu livro – A Bíblia Falou, Tá Falado! Ali o notável professor Merval creditou Juarez como dono de “espírito irrequieto e perspicaz”. É também de autoria de Juarez o livro – Ateu, já era!

Mário continuava se projetando e carreando o olhar das mocinhas da igreja, estava na adolescência e o coração pulando por novos sentimentos. Vaidoso pelo sentimento que intempestivamente lhe tomava o peito, mal se continha chamando a atenção da sua pretendente. Era Natal exatamente naquela noite Mário ostentou seu costume novo de linho HJ, sapatos de sola de borracha, camisa de peitilho com punhos e colarinhos de palha de seda, estava radiante tinha a nítida certeza que naquela noite conquistaria a atenção da jovem de nome Julieta que fazia com que seu coração pulsasse de forma acelerada e conseguiu; os olhares conquistadores da Julieta foram percebidos alegremente pelo jovem que também se despertava feliz, ensaiando, dessa forma a composição de seus primeiros versinhos, sonhando de olhos abertos para um futuro promissor.

O menino Mário tinha como objetivo ingressar no Colégio Militar do Ceará, então nova inquietação ocupou os pensamentos e ações da tia Calíope, ela incentivava sempre o sobrinho, assim, foi célere ao Quartel General do Exército no Recife para colher informações acerca da matrícula do sobrinho no Colégio Militar. A tia obteve informação de que por ele ser órfão, filho de militar receberia a benesse de aluno gratuito, mas por ter 14 anos faria o concurso para ingresso

também o livro Ateu, já era! foi Professor titular e ex-chefe do Departamento de Física Teórica e Experimental da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Engenheiro, Físico, Matemático e Escritor.



na anterior, terceira série ginásial. Com a documentação exigida Mário foi inscrito para prestar exame de admissão do Colégio Militar de Fortaleza, aguardando apenas que o navio ancorasse para levá-lo aquela cidade. Quando o navio do Lóide Brasileiro aportou, Calíope acompanhada por alguns irmãos da Igreja Batista da Torre foram embarcá-lo. O jovem sentiu calafrio nunca tinha viajado sozinho, abraçou a tia e chorou copiosamente, ela o tinha como filho, deu-lhe dinheiro para a viagem e conselhos exortando-o a frequentar os cultos de alguma igreja Batista. Como “um filho” obediente acatou chorando os conselhos da mãe que passou a conhecer, amar e respeitar.

O navio partiu e do tombadilho Mário com a mão erguida respondia agradecendo os lenços brancos que se erguiam em sinal de boa viagem, quando não divisava mais a cidade do Recife, se recolheu choroso ao seu camarote acalentando o sonho de menino pobre de um dia ingressar no Colégio Militar. Ao chegar em Fortaleza havia um sargento lhe esperando para o conduzir ao 23º Batalhão de Caçadores, no quartel foi recebido pelo coronel comandante que o informou: ficaria no batalhão até prestar os exames no Colégio, acrescentando que as refeições seriam realizadas no cassino dos oficiais, desejou boa estada fazendo, entretanto, uma advertência: que ele estudasse! Observou quanto era excêntrico e triste aquele lugar ao toque de silêncio, o som do clarim deixou o moço chorando com saudade de casa.

Finalmente chegou o dia dos exames e Mário foi flagrantemente reprovado nos dois primeiros, pois o programa que havia estudado nas últimas instituições não era o seguido pelo Colégio Militar sendo, portanto, impedido de continuar os exames subsequentes. Ao saber da reprovação do candidato



o comandante reclamou: - Porque enviaram o moço sem estar preparado? A culpa não foi do Mário, mas das instituições de ensino que não o prepararam para enfrentar o exame. Agora cabisbaixo o jovem esperava pacientemente que o navio aportasse para levá-lo de volta, estava visivelmente decepcionado com aquela situação, achava que tinha acabado sua oportunidade de ingresso na carreira militar e voltaria inexoravelmente sem qualquer expectativa para o bairro operário onde morava na capital pernambucana.

No cais do porto esperando-o, apenas Calíope e o índio Jacumã, Mário abraçou a tia com tristeza dizendo que as provas foram difíceis e ele não estava preparado a altura, ela lhe confortou animando-o. Na igreja da Torre ninguém o recriminou, todos lhe incentivaram a prosseguir na sua obstinação profissional. A bondosa tia caiu em campo percebeu que o sobrinho foi realmente reprovado pelo desencontro dos programas dos cursos que frequentara, não houve desinteresse nos estudos por parte do sobrinho. Ela o inscreveu no curso de admissão no Ginásio Estadual Pernambucano, Mário estudou com afinco sendo aprovado e matriculado na primeira série ginasial. O rapaz alegrou-se, aquele fato anulava em parte a derrota de Fortaleza. Começou a estudar, o uniforme a usar não era bonito como o constante do Colégio Militar, entretanto, lhe contentava fazer parte do desfile militar que seu colégio participava.

O Ginásio Pernambucano era respeitado tinha reconhecidamente o mais famoso corpo docente do estado, muitos professores da Faculdade de Direito do Recife ensinavam ali, a exemplo de Oswaldo Machado, Ulisses Pernambucano, padre Cabral, Cônego Jonas Tourino, poeta Farias Neves Sobrinho e Agamenon Magalhães. Mário não perdia tempo



se esmerava em todas as matérias, tinha como professor de português o padre Cabral muito competente e exigente que estimulava os alunos na prática da redação. Certa ocasião houve um representativo evento no Recife, a vinda dos aviadores portugueses Sacadura Cabral e Gago Coutinho, apresentados como os heróis da primeira travessia aérea do Atlântico fato conhecido que os fez esperados pela população. O professor passou como tarefa descrever a visita dos aviadores lusófonos a Pernambuco e Mário tirou a maior nota e as melhores referências na redação. A perspicácia aliada ao conhecimento fez daquele professor de português instrumento para orientar não só o jovem Mário mais os demais alunos no estudo da língua pátria, aguçando nos alunos afeição na criação e composição de textos em prosa e versos; os alunos produziram tanto que os trabalhos literários foram publicados no jornal do ginásio.



Ginásio Pernambucano, fundado em 1825. Foto: Fundaj.



ARACAJU E SUA IMPORTÂNCIA NA VIDA DE MÁRIO



Além de sua cidade natal Recife Mário, na juventude, residiu no Território do Acre, Belém, Rio de Janeiro e Sergipe. Em Aracaju um fato atípico, Mário¹⁶, escreveu sobre o fato:

“O então Governador do Estado de Sergipe, Dr. Gracco Cardoso, mandou erigir, numa das bonitas praças da capital sergipana, uma estátua a Tobias Barreto de Menezes, o mais ilustre filho daquele Estado. Para que no monumento houvesse algo de pessoal, que lembrasse aos conterrâneos a vida e a obra do grande vate, solicitou aos seus descendentes diretos a doação dos ossos do poeta de “Dias e Noites” até então guardados no jazigo da família, no Cemitério de Santo Amaro, no Recife.”

Assim o Presidente de Sergipe, à época, fez a solicitação recebendo, portanto, dos descendentes diretos de Tobias Barreto, doação dos ossos do imortal. O ato da exumação dos restos mortais contou com a presença de dois filhos de Tobias – Calíope e João Barreto, – alguns parentes, amigos e do bisneto Mário Barreto França que assistiram o trabalho do técnico designado pelo governador do estado de Pernambuco que separava com riqueza de detalhes os ossos do imortal; o crânio serrado ao meio provava uma solicitação em vida do próprio Tobias: quando morresse, examinassem o seu cérebro.

Com a cessão, o Presidente do Estado de Sergipe, pretendia no tempo próprio inaugurar a estátua do grande sergipa-

¹⁶ FRANÇA, Mário Barreto. Um Sonho Modificou o Meu Destino, *Revista Juventude Batista*. Rio de Janeiro/RJ: CPB, 1964, p. 16.



no. O fato, certamente ainda reverberava das comemorações alusivas ao Centenário de Emancipação Política do Estado de Sergipe, fato que relembra a desanexação do seu território da capitania da Bahia, assim, Mário¹⁷ explicou o fato de sua vinda para Aracaju:

“Foi nessa ocasião que minha tia Zui recebeu o convite do Governador do Estado de Sergipe para assistir a inauguração da estátua de seu pai e também para residir em Aracaju. O Governo propunha dar-lhe uma casa e uma pensão. Minha tia aceitou a proposta e desde logo começou os preparativos para sua mudança do Recife para Aracaju¹⁸.”

Como o jovem ainda estava em período de aulas no Ginásio Pernambucano, cursando o terceiro ano ginásial¹⁹, permaneceria no Recife na residência de uns parentes que cuidariam dele por aqueles poucos meses até a conclusão do ano letivo evitando, que perdesse a dinâmica de seus estudos. Ao término dos exames constatando ter passado de ano Mário, embarcou no primeiro navio rumo a capital dos sergipanos para encontrar-se com sua tia. Na cidade de Aracaju, Calíope estava hospedada em um bom hotel com ônus para o Governo do Estado. A cordata família permaneceu na hospedagem “... até a inauguração do monumento a Tobias Barreto” (FRANÇA, 1964: 16). Abaixo inauguração do monumento.

¹⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁸ Idem, *Ibidem*.

¹⁹ AZEVEDO, Israel Belo de. (“...eu estudei no Recife até o 3º ano do curso ginásial. Vindo para Aracaju,”) Entrevista para o Centro de Memória Viva dos Batistas Brasileiros. RJ/RJ, 1983, p. 5.





Inauguração do Monumento a Tobias Barreto, 24 de outubro de 1920, em Aracaju/SE.

Na época a praça denominada Pinheiro Machado era assim. Conta Mellins, com nostalgia sobre o logradouro:

“Poucas famílias tinham o privilégio de morar naquela Praça tranquila, longe da agitação do centro da cidade. Quebrando o silêncio, apenas o pregão dos vendedores ambulantes, a algazarra dos meninos que jogavam bola, o ranger sonoro das rodas dos bondes, atritando nas curvas e o som estridente da campainha acionada pelo Motorneiro, alertando os passageiros residentes nas imediações da praça, rua Vilanova e avenida Augusto Maynard”. (MELINS, 2007: 254)

Com o passar do tempo o logradouro recebeu a designação de Praça Tobias Barreto e ao longo dos anos equipada e bem arborizada, ganhou nova arquitetura. Finalmente em 2014 ganhou *up grade* que a distingue das demais contando com lago artificial, parque infantil, aparelhos de ginástica, espaço de leitura, arquibancada e estacionamento.





Tobias Barreto de Menezes. Foto: Wikipedia

“Tobias Barreto de Menezes, jurista, distinguido pensador, filósofo, ensaísta consagrado e destacado intelectual do Brasil, nasceu na Vila de Campos do Rio Real/SE, em 07 de junho de 1839, filho de Pedro Barreto de Menezes e dona Emerenciana Maria de Menezes “Mulato de origem humilde, iniciou os estudos na terra natal, depois foi para as cidades de Estância, Lagarto, Itabaiana/SE e finalmente Bahia onde estudou filosofia. Descobriu-se um cultor da música, compôs diversas poesias, cantava acompanhado ao violão os versos que improvisava. Seguiu assim até chegar no Recife, em 1864 matriculou-se na Faculdade de Direito onde se formou em 1869, advogou por algum tempo, lecionou em um colégio secundário as disciplinas: francês, latim, história, retórica, filosofia e matemática elementar. Por dez anos residiu em Escada, advogou fez política pelo Partido Liberal. Tornou-se dono de uma tipografia e editou suas obras e alguns jornais. Foi professor da Faculdade de Direito do Recife, lecionando: Filosofia do Direito, Direito Público, Direito Criminal, Economia Política, Prática do Processo.



Tobias é considerado o chefe e o inspirador da Escola do Recife. Era conhecido na Europa especialmente na Alemanha aprendeu com facilidade a língua germânica e nela escreveu algumas de suas obras. Tobias foi proclamado criador e chefe da escola científica. Como poeta, deu início ao movimento condoreiro que teve na figura de Castro Alves, seu principal representante. Na política galgou lugar de destaque como deputado à Assembleia Provincial, pelo Partido Liberal. Ilustre defensor da abolição da escravatura e da Proclamação da República. Ele é o laureado Patrono da cadeira nº 38 da Academia Brasileira de Letras, uma honra para Sergipe. Tobias Barreto faleceu em 26 de junho de 1889 no Recife/PE. Enterrado no jazigo da família no cemitério Santo Amaro.” (CALDAS, 2020: 215, 216).

A história de Sergipe aponta como governador da época (1918-1920²⁰) o coronel doutor José Joaquim Pereira Lobo, sucedido que foi pelo doutor Maurício Graccho Cardoso (1922 - 1926²¹), aqueles presidentes pertenciam ao Partido Liberal, mesmo partido do grande Tobias Barreto e, foram eleitos obedecendo o sufrágio universal de votos. Na gestão Pereira Lobo, há de se focar Ata da primeira reunião da Comissão Executiva do Centenário de Emancipação Política de Sergipe, ocorrida em 16 de abril de 1919 no Salão Nobre do Palácio da Presidência, com a seguinte composição²²: Coronel doutor José Joaquim Pereira Lobo – presidente do Estado, doutor Álvaro

²⁰ [Htps://www.wikiwand.com](https://www.wikiwand.com)

²¹ [Htps://www.repositorio.ufrn.br](https://www.repositorio.ufrn.br)

²² Nota: Matéria reproduzida no Jornal O Christão fundado em 04/08/1919, pertencente a Igreja Presbiteriana Independente sob a direção do pastor Rodolfo Fernandes. E Revistas IHGSE de números: 02, 08 (documentos inéditos) 09,10, pesquisa realizada em 09/04/2014.



Fontes da Silva – secretário geral, coronel Sabino Ribeiro - tesoureiro, Dom José Thomaz Gomes da Silva – bispo diocesano, desembargador Manoel Caldas Barreto Neto – vice-presidente, desembargador Evangelino de Faro, desembargador Antônio Teixeira Fontes, major Manoel Joaquim Pereira Lobo, doutor Antônio Batista Bittencourt, doutor Gentil Tavares da Motta, doutor Luiz José da Costa Filho, doutor Wenceslau de Oliveira Guimarães, doutor Francisco Nobre de Lacerda, doutor Deodato Maia, doutor Manoel dos Passos de Oliveira Teles, doutor Adolpho Ávila Lima.



Tobias Barreto de Menezes. Fotos: Eunice Guimarães/10abr2023

Detalhes da estátua de Tobias Barreto: toda de granito e bronze feita pelo escultor Lorenzo Petrucci. Na base sob a estátua estão os ossos do imortal enterrados numa urna de bronze. Nas placas de bronze apostas na base de pedras do monumento as inscrições foram identificadas da seguinte forma:



Placa central:

“Destas pedras que me atiram
Hei de fazer um altar”.

“O povo e o governo de Sergipe ao
dr. Tobias Barreto.
Inaugurada na administração
do Coronel dr. José Joaquim Pereira Lobo”.

No lado posterior do monumento constavam nomes dos participantes da comissão do Centenário da Emancipação Política de Sergipe.

No lado direito as últimas palavras do filósofo Tobias Barreto:

“Tudo tem sua lógica até a morte”.

No lado esquerdo a inscrição:

“Por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico
de Sergipe, foi inaugurado este monumento
do philosofo, jurista, poeta e polemista sergipano”.

É atribuído a Graccho Cardoso, administrador voltado para o engrandecimento e desenvolvimento cultural do estado, autorização para organização e edição das obras completas de Tobias Barreto de Menezes, os méritos são, portanto daquele valoroso presidente.

Após o ato inaugural seguiu a pequena família de Calíope para a Cidade de Campus do Rio Real, posteriormente município de Tobias Barreto²³, local onde residia muitos parentes de Calíope, um desses ofereceu hospedagem em espaçosa casa localizada na única praça existente na cidade, na verdade casa de um sobrinho do saudoso Tobias Barreto que atendia pelo nome de Francisco Barreto do Rosário (irmão do falecido Benevides Barreto do Rosário esposo de Calíope). Era uma casa antiga, contava o saudoso Mário, que daquela hospedagem um fato lhe ficou na memória, estando ele deitado na rede onde dormia, olhando para o teto viu algo que se mexia – era uma cobra – chamou apressadamente o cunhado da tia mostrando-lhe através da parca luz do candeeiro a querosene o réptil pendurado no telhado. Francisco calmamente foi buscar uma vara para derrubá-la, dizendo ao menino que aquilo era comum, informando que a cobra não era venenosa e que o rapazinho ficasse preparado para visitas imprevistas. Mário não tinha outro jeito senão acostumar-se. No dia posterior logo após o café composto por abóbora cozida machucada no leite, aipim cozido e broa de milho, o dono da casa o levou a “Malhadinha” (espaço físico privilegiado com várias fruteiras à exemplo de laranjeiras, mangueiras e umbuzeiros). Visando neutralizar o terror visível do rapazola, Francisco, o preveniu

²³ Em 1943, o território e o município de Campos passaram a denominar-se Tobias Barreto. <https://www.tobiasbarreto.se.gov>.



sorrindo, dando-lhe uma vara para espantar as cobras. Logo o bom anfitrião deu algumas varadas tentando e, conseguiu exterminar uma jararaca dizendo ser aquela venenosa. Mário tremia de pavor, mas continuava seguindo-o.

A estada na Vila de Campos do Rio Real revestiu-se de aprendizado para o jovem, já dizia o poeta Fernando Pessoa que, “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”; assim, Mário enfrentou a vida no interior retendo o que edificava seu caráter, a permanência da pequena família de Calíope na zona rural, moldou profundamente o dia a dia de seus componentes. Deste modo a família pode conhecer a precária casa onde nasceu o grande Tobias Barreto e, Mário teve a oportunidade de descrever com riqueza de detalhes sua primeira visita a casa do ilustre bisavô:

“...humilde casa onde nasceu o poeta e polemista sergipano, casa adquirida e conservada pelo Governo como patrimônio histórico do Estado. A pequena casa de estilo simples, tinha de frente apenas uma porta e uma janela. Ali estava funcionando uma das repartições arrecadadoras do Estado. Minha tia desejou possuir alguma coisa da velha casa, como recordação; e a pessoa que nos acompanhava retirou da velha parede um armador de rede, muito antigo, já em parte destruído pela ferrugem. E naquele instante eu pensei: aquele armador sustentara a humilde rede onde tantas vezes dormira um menino pobre, mas que seria, mais tarde uma glória da literatura nacional. Em frente à velha casa havia uma placa com os seguintes dizeres: “Aqui nasceu em 7 de junho de 1839, o poeta, polemista, jurista e filósofo sergipano Tobias Barreto de Menezes²⁴”.

²⁴ FRANÇA, Mário Barreto. Um Sonho Modificou o Meu Destino, *Revista Juventude Batista*. Rio de Janeiro/RJ. CPB, 1964, p. 16.





Registro fotográfico com as conseqüentes modificações estruturais em vários ângulos da casa de Tobias Barreto. Arquivo: Secretaria Municipal de Cultura, Juventude e Turismo de Tobias Barreto/SE, gentilmente concedido pelo atual secretário de Cultura senhor Josenilson Bispo dos Santos, 22mar2023.



Atualmente a casa de Tobias, restaurada e ampliada abriga a Secretaria Municipal de Cultura, Juventude e Turismo do município de Tobias Barreto. Mas voltando a saga do Mário, sua estada em Vila de Campos aguardando notícias do governador sobre a casa e pensão prometidas, se estendeu, enquanto isto ele se divertia assistindo os festejos de Natal, compostos tão somente das festas típicas da região nordeste, pastoris, cavalhadas e apresentações de teatro improvisadas por um grupo de artistas amadores. Naquele lugar, o rapaz pode comparar por exemplo a realização do pastoril: enquanto no Recife a festa era apresentada em palanques armados nas praças; na Vila a apresentação ocorria no interior da residência de alguém, observando-se morenas bonitas sambarem, uma delas jogou sobre Mário o seu lenço, mas ele não sabia como proceder, então lhe informaram: as meninas faziam isto ao simpatizarem com um espectador e, em contrapartida o homenageado deveria retribuir o gesto devolvendo o lenço acompanhado com algum dinheiro. Mário embora acanhado, não se fez de rogado, mesmo involuntariamente fez a 'retribuição'.

Das festas regionais na pacata Vila de Campos, a preferida por Mário foi a cavalgada realizada na Avenida Tobias Barreto em frente à residência do prefeito da cidade; contou Mário em sua autobiografia que assim se procedia: "Acontecia no meio da rua, dois postes seguravam uma corda estendida horizontalmente. E daquela corda pendiam dois cordéis na ponta dos quais havia uma argola. Os cavaleiros tinham que partir de determinado lugar trazendo uma lança enfeitada de fitas coloridas. Seria vencedor aquele que conseguisse tirar, de um só golpe, a argola pendurada. Essa argola seria entregue a alguma autoridade presente ou a alguma outra pessoa a



quem o vencedor quisesse homenagear”. Acrescentando que o fato entusiasmava a população “que aplaudia alegremente o vencedor”.

A odisseia enfrentada por Mário na vida rural estava chegando a termo, finalmente o reinício das aulas trouxe a família de volta para Aracaju, naquele momento, ainda sem receber notícia sobre o imóvel apalavrado pelo chefe do executivo estadual. A pequena família passou a visitar a Primeira Igreja Batista de Aracaju. Mário entusiasmado com a vivência evangélica seguiu a tia e foram acolhidos fraternalmente na igreja sob a liderança do pastor Djalma Cunha. Mesmo com pouca idade, o jovem assumiu o cargo de superintendente da Escola Dominical da instituição. O menino pernambucano tinha uma preocupação ressentia-se, pois necessitava completar seu curso ginásial; em Aracaju a realidade era outra, não havia à época aquele curso à noite e o menino precisava trabalhar para ajudar sua tia nas despesas da casa.

Mas em meio a tudo isto o chefe do executivo arranjou um emprego no comércio local para o índio Jacumã, naturalmente não era o suficiente para manter a família, todavia juntando o que Jacumã recebia mensalmente do emprego no comércio e a pensão de Mário como órfão de oficial do Exército, deu para a tia alugar uma casa. Entretanto, Mário, por não ter encontrado a série ginásial que deveria estudar no período da noite em Aracaju, não quis mais estudar, pensou em trabalhar como o indiozinho, ter sua própria renda e gastar como lhe conviesse. Conversou com a tia, ela entendeu plenamente, mas o aconselhou a estudar no turno da noite em qualquer curso que o ajudasse no futuro. Calíope ainda conversou com o governador sobre um emprego para o sobrinho, contudo o mandatário disse não poder dar qualquer



colocação em repartições no Estado, dando a entender que o processo ou via legal não seria daquela maneira e a tia de Mário também entendeu. Contudo, Deus tudo vê e o direcionamento foi outro, a esperada colocação chegou através de um membro da Primeira Igreja Batista de Aracaju, que tinha um armarinho – a tia de Mário – contou sua situação ao diácono Adolfo Santiago que prontamente resolveu admitir o jovem remunerando-o mensalmente com cinquenta mil réis. Mário relata essa experiência da seguinte maneira:

“Era relativamente pouco, mas me servia. Procurei ser o mais ativo possível. Meu interesse maior era impressionar bem meu patrão, para dele conseguir melhoria de ordenado²⁵.”

Percebeu Mário que por mais que se esforçasse o senhor Adolfo não poderia aumentar o salário, pois seu comércio era pequeno, mas o patrão vendo a desenvoltura e garra do jovem, se encarregou pessoalmente de dar a melhoria que o empregado merecia, entrou em contato com outro diácono da igreja de nome Jucundino de Souza Andrade²⁶, professor (genitor de Alberto Mazzoni de Andrade amigo de Mário) e este com sua influência e amizade conseguiu vaga para

²⁵ FRANÇA, Mário Barreto. Um Sonho Modificou o Meu Destino, *Revista Juventude Batista*. Rio de Janeiro/RJ: CPB, 1964, p. 17.

²⁶ Nota: ANDRADE, Jucundino de Souza. Diretor do Colégio Atheneu Sergipense, 1921-1923. Informação encontrada no Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense, Guia de Fontes (1848-1950). Parte 2 - Registro da Correspondência Recebida 1921.



Mário nos escritórios da “Firma Azevedo, Amado e Cia²⁷”, que empreendia no ramo da indústria de tecidos de algodão, lá o salário dobrou passando a receber mensalmente cem mil réis; isto sem passar pelo desgaste de estar a atender no balcão. O novo emprego lhe facultava algum tempo aproveitando para escrever versos e estudar, se preparando para concorrer a concursos.



Professor Jucundino de Souza Andrade.
Arquivo da autora

O pacato rapaz estava melhorando de vida vestia e calçava mais adequadamente, tinha seu dinheiro para as necessidades que aparecessem. Na igreja sempre mais participativo alargando, assim a manifesta direção de liderar. Sobre o jovem Mário a história Batista de Sergipe cita:

²⁷ Nota: AMADO, Paulo. Cotejando fontes, recebi do acadêmico Paulo Amado (médico), informação com o seguinte teor: “Havia nas redondezas das Ruas São Cristóvão, Laranjeiras e Santo Amaro lojas que eram dos familiares. Azevedo e Amado, são sobrenomes do clã de Melquisedeque: Gilberto, Genolino e os outros Gês de Itaporanga. Quem tinha recurso eram os Amados de São Cristóvão. Ainda lembro do escritório da fábrica, na Rua João Pessoa com São Cristóvão e depois no Edifício Hotel Palace”.



“É fato que nesse percurso encontramos a informação de que em 1925, Mário Barreto entregou à associação uma lista contendo 34 nomes de moços e moças que desejavam organizar-se em União de Moços Batistas (UMB). Quando Barreto entregou a lista com tamanha representatividade de jovens, o campo contava com três igrejas da denominação²⁸.”

Mário estava feliz por suas realizações e avanços, mas algo o inquietava, viu-se lá atrás com os estudos interrompidos por falta de curso noturno; situação vivida desde que saiu do Recife, para morar em Aracaju, onde trabalhava durante o dia, fato que o incomodava, causava espécie, mas sua vontade de vencer o fez comprar literatura tipo: livros didáticos e o programa para os exames de admissão à Escola de Sargentos de Infantaria - ESI, com sede na capital da República (Rio de Janeiro). Por sua mente privilegiada passavam tantos exemplos o mais nítido Alberto Mazzoni de Andrade (filho do professor Jucundino de Andrade), que aos 17 anos brilhava como acadêmico de engenharia, isto era um espelho para Mário que não desistia do sonho de voltar aos bancos escolares para estudar e concluir seu curso ginásial.

O tempo é implacável corre velozmente, o jovem pernambucano já há dois anos residindo em Aracaju ficava perplexo vivendo com essa lacuna, sem estudar. Enfim, boa notícia cessou a sofrida expectativa da família, afinal foi aberto na cidade de Aracaju curso à noite em colégio estadual, oportunidade que teria o jovem de voltar a estudar. Mário tinha como compromisso ingressar na carreira militar e tudo o que

²⁸ NATIVIDADE, Sandra Maria. *A Saga dos Pioneiros Batistas em Sergipe*, 2007, p. 120.



via lhe impulsionava a seguir seu propósito, transcrevo texto sobre seu entusiasmo pela carreira militar:

“E esse meu entusiasmo aumentou, quando veio em visita a alguns parentes, residente na cidade, um jovem e atlético 2º sargento de infantaria que acabara de terminar seu curso naquela escola de formação de graduados do Exército. De fato, muito bem fardado e elegante, ele começou a monopolizar as atenções principalmente das mocinhas casadoiras. Ele era sobrinho de uma senhora de tradicional família sergipana membro da nossa Igreja. Os sargentos oriundos dessa Escola traziam em volta à gola da farda um sutache branco indicativo do curso. Por esse motivo eram chamados os “sargentos-golinha”.

E eu monologava, para disfarçar o meu despeito e meu ciúme:

– Se eu já fosse também sargento de curso, garanto que ele (o sargento-golinha) não me venceria na disputa de seu coração.

O sargento, no entanto, mostrou-se mais interessado pela jovem Marita Fernandes, sua prima, a quem a própria mãe declarara que fazia muito gosto num casamento assim²⁹.”

Esse caso narrado por Mário prosseguiu e teve final infeliz, o sargento-golinha pertencia a família financeiramente abastada, com latifúndio no interior do Estado administrado pelo padraсто; o golinha fez visita ao patrimônio da família, mas mal recebido pelo padraсто - houve desentendimento

²⁹ FRANÇA, Mário Barreto. Um Sonho Modificou o Meu Destino, *Revista Juventude Batista*. Rio de Janeiro/RJ: CPB, 1964, p. 36.

entre ambos – e o sargento assassinou o padrasto. Enquanto militar, conseguiu absolvição do processo a ele imputado, já que aduziu legítima defesa. O jovem foi transferido para o Rio de Janeiro. Com a ocorrência desse lamentável episódio, Mário ficou livre e solto para conquistar o coração da bela morena que esbanjava simpatia toda cheia de vida por ter vencido um concurso de beleza na cidade de Salvador.

Ainda nesse tempo surgiu a notícia de abertura no quartel do 28º Batalhão de Caçadores de Aracaju sobre a inscrição tão sonhada para o exame de admissão à Escola de Sargentos de Infantaria. O candidato deveria ter 17 anos, submeter-se-ia a exames: físico e intelectual, dominando conhecimentos elementares de Português, Matemática, Geografia Geral e História do Brasil. A pretensão do Mário não foi fácil, o rapaz era de todo muito magro pesava apenas 45k, medindo de altura 1,68; o profissional que fazia a avaliação física certamente pensou, aquele candidato não aguentaria os treinamentos e, assim... ainda não foi daquela vez... – no laudo que causava expectativa o registro de incapacidade temporária para o serviço ativo do Exército. Mário fez apelo ao presidente da Junta Médica do Batalhão, expondo sua vida atual de rapaz pobre, órfão de pais, informando ter seu genitor pertencido ao oficialato do Exército, mas os argumentos não adiantaram, foram de todo de balde. O presidente da Junta não modificou o parecer, recomendando o jovem voltar no ano posterior, aconselhando-o a prática de exercícios físicos e que cuidasse para ter boa alimentação.

Mário voltou para o lar desmotivado, parecia até que a carreira militar estava se distanciando, logo dele, que por convicção pretendia sem demora seguir. Porém, em meio a tantos pensamentos que lhe inundaram, continuou lembrando das orientações daquele médico da Junta, nesses pensamentos lembrava do



ocorrido no Colégio Militar do Ceará quando não logrou êxito em razão da falta de preparo por ter trocado de colégio e, o currículo não lhe ser suficiente. Fez o recomendado pelo profissional da Junta Médica quanto à alimentação e exercícios, mas não achou que houvesse conseguido muito sucesso. Destarte, procurou o pastor Djalma Cunha³⁰, líder de sua igreja, dividindo com ele suas inquietações, o reverendo ouviu o moço e de pronto disse que ele não se detivesse naquelas amarguras, mas que procurasse se dedicar mais aos serviços da igreja porque “Deus haveria de prover as cousas, segundo a sua vontade”. Obediente e muito cordato Mário intensificou suas atividades na igreja como superintendente da Escola Dominical e Presidente da Mocidade, o trabalho cristão lhe fez esquecer a frustração passada no Colégio Militar do Ceará. Mário, seguiu a orientação do pastor Djalma, sua atuação na igreja não o impedia de revisar os conteúdos estudados no ginásio sempre acrescentando mais, pois se atualizava comprando literatura que enriquecia seus conhecimentos, só assim, pensava o jovem ficaria apto a participar de algum concurso que surgisse na esfera federal.

Diz o adágio popular: “Quem corre, cansa. Quem anda, alcança” e, a palavra de Deus diz: “Todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus” Rm. 8.28a. Assim para alegria e progresso educacional de Mário, fora criado em Aracaju o curso comercial noturno que passou a funcionar em uma das salas da Escola Normal do Estado, o fato foi providencial Mário viu nesse acontecimento a providência de Deus dando-lhe oportunidade a preparar-se adequadamente

³⁰ FRANÇA, Mário Barreto. Um Sonho Modificou o Meu Destino, *Revista Juventude Batista*. Rio de Janeiro/RJ: CPB, 1964, p. 37.



para enfrentar ocasionais concursos. A alegria aconteceu de forma dupla, porque a bela moreninha baiana pela qual ele estava enamorado matriculou-se no mesmo curso, um claro ensejo para conhecerem-se melhor. Até então, Mário nunca demonstrou vontade de ser tão próximo como também de desfrutar do companheirismo da atraente juvenzinha.

Aquela moça do nada, fez a proeza de despertar o lirismo poético que fluía automaticamente passando para sua pena, facilmente comparada, a água transparente de uma abundante nascente. O tempo passava e ele ficava mais enamorado quase apaixonado; tudo naquela moça lhe era inspiração: as músicas que ouvia ao seu lado, nos livros que lia – uma pessoa notável – era sempre similar a ela, as figuras encontradas nos belos postais ou revistas também o reportavam a ela, assim aquela jovem sem saber foi à época a peregrina inspiração poética do moço poeta. O próprio Mário declarava que a quase totalidade dos versos compostos naquela época, foram produção de puro enlevo, entretanto, muitos versos líricos perderam-se quando necessitou partir com destino ao Rio de Janeiro, não só os versos escritos naquela época como também algumas obras importantes para ele; tudo ficou para trás. Mas voltando a bela morena, contava Mário que passou a usar expedientes possíveis e puramente imagináveis para aproximar-se, falar um pouco que fosse, com a moça Zailde, era o seu nome, filha do primeiro Sargento do Exército João Thomaz de Aquino³¹. O jovem estava tão apaixonado pela bela moça que, não a avistar ou ouvi-la na igreja ou no colégio o fazia ficar apreensivo, entretanto a presença da moça nesses recintos ou fora deles, preenchia o mundo de Mário, pois o sorriso gracioso e os olha-

³¹ Natividade, Sandra Maria. *O Esplendor da Caminhada*. Aracaju/SE, p. 41, 2013.



res penetrantes invadiam o seu dia tornando-o mais majestoso e sonoro. Mário estava impactado pelo amor e assim descrevia sobre esse novo sentimento:

“O coração batia fortemente eu sentia um impulso irresistível de abraçá-la e beijá-la. Se fosse na Igreja, os hinos cantados, os sermões do pastor, as palestras dos moços, as orações, tudo soava aos meus ouvidos como músicas celestes, tudo era encantamento. Se fosse no colégio, até as lições dos mestres mais exigentes ou mais insuportáveis, eram facilmente por mim apreendidas, além de considerá-las as melhores lições ministradas. Perto dela, eu me sentia o mais feliz de todos os mortais. Para mim não havia jovem mais linda, nem mulher mais atraente³².”

O juvenzinho tocado pelo cupido quis levar sua preciosa namorada para a tia conhecer, fez a apresentação formal como colega, apesar de Calíope conhecê-la, pois já havia visto a jovem ao lado do pai sargento Aquino na igreja. Mário ficou perplexo, não entendeu, o certo é que não houve empatia entre as partes, Calíope não simpatizou com a jovem nem o pai dela com o Mário, aí começou o calvário dos pombinhos. O militar, apesar de Mário ser bisneto do grande Tobias Barreto de Menezes, via o jovem como um sem futuro, simples empregado do comércio e a tia, via a moça como uma menina sapeca, componente de “família sem nome e sem tradição.” Mário estava visivelmente desconfortável com aquela situação; em casa, durante um almoço, ouviu a tia dizer que ele tirasse da cabeça a ideia porque ela não estava de acordo: o rapaz ainda tentou

³² FRANÇA, Mário Barreto. Um Sonho Modificou o Meu Destino, *Revista Juventude Batista*. Rio de Janeiro/RJ: CPB, 1964, p. 37.



contornar a situação elogiando a coleguinha, expondo seu contentamento por lhe estar fazendo a corte. Calíope, retrucou tentando dissuadi-lo expondo, inclusive, a situação atual do moço e, perguntando se estava pensando em casar, porque o salário que ganhava não dava nem para comer direito. Mário mesmo sabendo da exacerbada rejeição da tia pela quase namoradinha, não deu ouvidos e a corte prosseguiu.

Mário vivia para os versos era um eterno enamorado, ainda que nutrisse paixão por Zailde, paquerava com outras duas moçoilas, entretanto, o inteligente moço tinha explicação para a ação dizendo ser como “nascentes de inspiração para os versos que produzia”. Na época era costume das mocinhas paqueradas presentear o cortejador com rosas para serem usadas na lapela da jaqueta, para desviar-se da tal identificação o arguto galã caminhava fagueiro e mais adiante retirava o adereço evitando prováveis descontentamentos. Sobre esse assunto o galanteador Mário, chegou a transcrever anúncio publicado na coluna de Alberto Mazzoni de Andrade veiculada no semanário Chic-Ponto:

“Você está sofrendo do coração ou se encontra abatido pela paixão? Não se preocupe, tome xarope de rosas murchas do bolso esquerdo do Mário Barreto França e ficará curado!³³”.

Ao ler a coluna do amigo, Mário, pensou, o remédio até poderia servir a alguém, entretanto para ele, lidando com um amor incontrollável marcado pela rejeição em casa e, a intolerância de tantos não estava sendo nada fácil.

³³ Idem, *ibidem*.



A VIDA DE MÁRIO AINDA EM ARACAJU



Mário em seu peregrinar autobiográfico, especialmente nos capítulos de “Um Sonho Modificou o Meu Destino”, se reporta a um irmão na fé que suas atitudes o marcou, chamavam-no pela alcunha de Zé Goiaba, transcrevo abaixo na íntegra, respeitando a grafia da época:

“Na 1ª Igreja Batista de Aracaju havia pessoas de elevada cultura, como era o caso dos Mazzoni de Andrade, das irmãs Sales e outros. Existiam muitos entretanto, que eram de conhecimentos primários ou de uma ignorância de causar pena. Entre estes, podíamos destacar um diácono de meia idade, que era o terror dos adolescentes e jovens da Igreja. Apelidaram-no de Zé Goiaba, alcunha a que ele atendia não só na intimidade dos irmãos como também nas suas atividades seculares. Não resta dúvida, que era um crente fiel, zeloso, assíduo aos trabalhos, mas intolerante e até certo ponto agressivo, quando se tratava de manter a disciplina na Igreja, nos trabalhos externos, ou mesmo nas excursões e piqueniques.

Para qualquer trabalho religioso ou reuniões festivas, ele era o primeiro a chegar, emprestando logo a sua espontânea colaboração, espanando os bancos, arrumando-os, enfim pondo em ordem esse ou aquele móvel, um e outro objeto de ornamento. Era ele também o último a sair, ajudando a fechar janelas e portas. Se, porém, ainda encontrava nas esquinas, próximo da Igreja, um grupo de adolescentes ou jovens que conversavam e riam, ou trocavam ideias sobre os programas das Uniões, ou faziam comentários sobre os já realizados, Zé Goiaba tinha sempre uma palavra de censura ou recomendação:



– Vocês não acham que é muito tarde? Por que não vão logo para casa?

E acrescentava, grave sempre:

– Não fica bem moços crentes ficarem nas esquinas, conversando até altas horas!

Quase ninguém dava atenção a essas reclamações de Zé Goiaba. Aquilo era natural nele; seria inútil discutir se ele estava ou não com a razão. Uma ou outra vez, entretanto, algum do grupo respondia-lhe:

– Está bem, Zé Goiaba, nós já vamos para casa. Estávamos aqui traçando planos.

E nas reuniões sociais a que ele não faltava, ficava andando de um lado para outro observando, fiscalizando... Ai daquele que demorasse mais no aperto-de-mão com uma jovem, ou que sentasse mais aconchegado a ela. Os olhares de Zé Goiaba caíam sobre ele como chispar de fogo, severos, repreensivos e incômodos. Não adiantava disfarçar: o único jeito era levantarem-se e ir para outro lugar, em que pudessem estar longe daquela indesejável fiscalização.

E ele ficava resmungando:

– Esta mocidade de hoje é um caso sério! Como é diferente do meu tempo! Mas comigo essa gente tem que andar direito!

Nas sessões da Igreja, a palavra do Zé Goiaba era sempre a mesma:

– Nós estamos nos descuidando muito de nossa mocidade. Ninguém quer mais obedecer; e depois dos cultos ficam conversando pelas esquinas até altas horas. Tenho observado que muitos estão frequentando os cinemas. Como é possível um crente frequentar essas casas de perdição. Nós devemos excluir esses frequentadores de cinema! O Pastor Djalma nessa altura das catilinárias do Zé Goiaba, intervia sorrindo cuidadosa e prudentemente, para dizer-lhe:



– Meu irmão, precisamos simpatizar com os nossos moços nas suas atividades, nos seus folguedos, nos seus anseios de servir com alegria ao Senhor.

Zé Goiaba era solteirão. Morava numa velha casa num beco escuro e sujo do centro da Cidade. Era barbeiro. Mas só pelo espírito de ajudá-lo é que alguém entraria em sua barbearia para fazer a barba ou cortar o cabelo. De quando em quando, eu ia visitá-lo para conversar com ele; mas sempre terminava a nossa conversa em discussão, sem maiores conseqüências, pois eu saía a desculpar as suas reclamações ofensivas; e ele, por sua vez, que muito gostava de mim, não guardava rancor pelas críticas que eu lhe fazia.

A 1ª. Igreja Batista ficava a um quilômetro, mais ou menos, da casa onde ele morava. Porém aos domingos ele só andava a pé, pois achava que era, pecado comprar ou pagar qualquer coisa no Dia do Senhor.

Certa ocasião, ele foi passar alguns dias numa cidade próxima da Capital sergipana. E lá enamorou-se de uma senhora ainda jovem a quem propôs casamento, tornando-se noivos.

Dessa data em diante, ele ia pelo menos dois domingos por mês visitar a noiva, e tinha naturalmente que comprar a passagem no dia de domingo. E quando eu soube do caso aproveitei para provocá-lo.

– Então, Zé Goiaba, agora o sr. paga passagem aos domingos, não é? Para namorar não é pecado fazer pagamento no Dia do Senhor.

E Zé Goiaba, quase gaguejando, respondia:

– O caso aí é diferente. Eu não posso andar a pé uma distância tão grande. O que você quer é descobrir em mim alguma coisa para acusar-me; mas olhe eu vou tomar conta de você: vai ver só!

Naquelas palavras eu descobri logo uma ameaça, por isso quando ia ao cinema, antes fazia uma inspeção



nas redondezas para ver se o Zé Goiaba estaria por ali me observando.

Chegou a época do Carnaval. Em Aracaju, naqueles idos de 1925 a folia começava muito cedo, no domingo. Sabendo disso, intencionalmente saí de casa mais cedo, apresentando a minha tia Zui uma desculpa qualquer. Eu deveria tomar duas conduções: uma de casa até a cidade e outra da cidade até a rua de Laranjeiras, onde ficava a Igreja Batista.

Desci do bonde na praça fronteira ao Palácio do Governo que naquela hora (8 horas) já estava repleto de foliões. Fiquei ali em pé alguns instantes e logo apareceram algumas meninas, minhas conhecidas, que passaram a homenagear-me com os seus lança-perfumes. Diante de tanta gentileza, justamente por parte das garotas por quem eu tanto me interessava, senti-me na obrigação de retribuir aqueles gestos de amabilidade e por isso dirigi-me a um menino que estava vendendo artigos carnavalescos. Tive, porém, o especial cuidado e inspecionar com a vista todos os recantos da Praça, fazendo a mim mesmo a medrosa pergunta:

– Será que o Zé Goiaba anda por aqui? Certificando que não estava sendo observado pelo adversário nº 1 da mocidade Batista, escolhi o lança-perfume mais barato, um frasco estreito e comprido, paguei a importância cobrada e voltei para junto do grupo das meninas foliãs para mimoseá-las com a retribuição das gentilezas com que elas me haviam recebido. E naquela batalha de esguichos de éter perfumado entre risos e gritos histéricos, as frases de protesto seguiam-se no ar:

– Assim, não! Não vê que está desmanchando o meu penteado?

– Ah! Que grosseria! Você acertou nos meus olhos!

A brincadeira estava boa, mas eu precisava ir para a Igreja, pois já era hora de começar a Escola dominical.



Despedi-me apressadamente de minhas amiguinhas, prometendo-lhes voltar outra hora; e segui rumo à rua das Laranjeiras. Quando cheguei na Igreja, os trabalhos já haviam começado. Sentei-me na classe e mal ouvia as explicações da lição, pois o meu pensamento estava distante, completamente alheio a tudo o que se passava ao meu redor. Depois da Escola Dominical, iniciou-se o culto doutrinário. O Pastor Djalma fez a sua costumeira palestra; e quando ia encerrar os trabalhos, Zé Goiaba se levantou e com ares de promotor público, disse:

– Pastor Djalma proponho que seja convocado uma sessão extraordinária, porque tenho um assunto sério e grave para apresentar à Igreja. Diante daquela declaração reveladora de algo muito importante, o Pastor Djalma convocou a sessão e deu a palavra ao proponente que pôs de pé para fazer a acusação.

Quando vi Zé Goiaba levantar-se e passear pelo auditório os seus olhares felinos, senti um calafrio correr-me dos pés à cabeça e perguntei a mim mesmo, angustiadamente:

– Será que Zé Goiaba me viu lá na Praça brincando com lança-perfume?

E Zé Goiaba começou com toda eloquência:

– Meus irmãos, a nossa mocidade está perdida! Esses moços de hoje parecem que perderam o juízo. Basta dizer que entrou hoje aí um jovem, que é membro desta Igreja, armado de punhal e isto é um absurdo!

Ouvindo aquela declaração, eu suspirei profundamente, aliviadamente, pois conclui que o caso não era comigo. E imediatamente achei, no íntimo, de fazer também a minha acusação:

– É isto está errado. Como é que um jovem crente tem coragem de entrar na Igreja armado de punhal? Mas, Zé Goiaba continuou a falar para em seguida apontar-me agressivamente e declarar:



– É o irmão Mário Barreto França!

Ouviu-se um murmúrio de admiração em toda a Igreja e todos os olhares se voltaram para mim numa surda indagação. Senti-me humilhado, arrasado do peso de tamanha e injusta acusação.

Levantei-me gelado, quase sumido dentro do terno de brim que vestia e declarei gaguejando, numa atitude de querer suplicar piedade, de quem se desculpa envergonhado:

– Mas... eu... não estou armado de punhal!

– Então o que é que você tem dentro do bolso do paletó, que está levantando no peito?

– Meus irmãos, não estou armado! O que eu tenho aqui no paletó não é um punhal!

– Ora, se não é um punhal vociferou Zé Goiaba, mostre logo o que é!

Diante da expectativa geral e do silêncio interrogativo de todos, não tive outro jeito senão tirar do bolso interno do paletó o móvel de toda aquela acusação: o fino e cumprido lança-perfume que momentos antes me causava tanta alegria, para dizer:

– É uma lança-perfume!

Baixei a cabeça e sentei-me a espera da sentença que viria certamente condenar-me.

E a voz de Zé Goiaba reboou no pequeno salão da Igreja, com essa observação:

– É muito pior. É o punhal de Satanás!

Nisto o Pastor Djalma tomou a palavra para dizer solene e gravemente:

– Meus irmãos, isto não é motivo para ser discutido em sessão extraordinária da Igreja. Isto é assunto de alçada do Pastor. Eu irei conversar com o irmão Mário Barreto França e darei depois à Igreja as explicações necessárias. Está encerrada a sessão!



E foi assim que a prudência e a paternal compreensão de um pastor conseguiram pelo conselho e pelo amor cristão o que a intolerância e a precipitação jamais alcançariam³⁴”.

O relato na íntegra cessou aqui e Mário continuou seu trabalho de moço altamente compromissado com o evangelho de Cristo, seguindo sempre a orientação de um pastor impossível de ser esquecido por razões facilmente identificadas: prudência, compreensão e empatia assim era o pastor Djalma. A pequena Aracaju tem história na vida de Mário, no pouco tempo que residiu naquela Capital passou a ser membro da PIB de Aracaju onde assumiu os cargos de: superintendente da Escola Dominical e presidente da Mocidade; completou seu curso ginasial, prestou concurso para a ESI finalmente logrando o êxito que ele tanto esperava era 1927³⁵. Assim, teve que imediatamente pedir demissão do trabalho no escritório da indústria de tecidos para rumar com destino ao Rio de Janeiro à época capital federal onde passaria a estudar. A tia Zui e o índio Jacumã foram para o interior, pois, o indiozinho estava doente. A igreja de Aracaju na época recordava Mário, enfrentava de forma pacífica as injunções do Movimento Radical que eclodiu em alguns estados brasileiros, em suas palavras descreveu o fato:

³⁴ FRANÇA, Mário Barreto. Um Sonho Modificou o Meu Destino, *Revista Juventude Batista*. Rio de Janeiro/RJ: CPB, 1964, pp. 28-29,.

³⁵ Informação obtida no *Post Factum* escrito pelo pastor Djalma Cunha na obra “Sob os Céus da Palestina” de Mário Barreto França. *Post Factum* escrito em Icaraí, Niterói/RJ, outubro/1947, conservado na 4^a. Edição, 1971, p. 12.



“Naquela época, havia luta dos brasileiros com os americanos, de forma que o Pastor Djalma Cunha, era contra os americanos, a favor da orientação brasileira nos colégios, na Casa Publicadora, e eu fiquei ao lado dele. Apesar de não ter nenhuma influência, eu fiquei do lado dele. Houve três vezes conferências do Pastor Adrião Bernardes, que era a favor dos Americanos, e nós nunca assistíamos a essas conferências, porque éramos do lado oposto³⁶.”

Em razão desse Movimento, houve na igreja da qual Mário era membro, uma cisão:

“Houve na igreja uma divisão, e o pai de uma menina de quem eu até gostava, era Sargento do Exército, fez um apelo lá, e houve uma divisão da Igreja. Eles organizaram uma outra igreja, favorável aos americanos, e nós ficamos na Primeira Igreja Batista de Aracaju³⁷.”

As lembranças quanto a residência do jovem Mário em Aracaju é basicamente esta, contudo, anos depois muito visitou sua Primeira Igreja na capital de todos os sergipanos, pregando, cantando hinos de composição autoral ou não e, declamando suas valiosas poesias.

³⁶ AZEVEDO, Israel Belo de. Entrevista para o Centro de Memória Viva dos Batistas Brasileiros. RJ/RJ, 10maio1983, pp. 07-08.

³⁷ AZEVEDO, Israel Belo de. Entrevista para o Centro de Memória Viva dos Batistas Brasileiros. RJ/RJ, 10maio1983, p. 08.

INCURSÕES DE UMA VIDA VITORIOSA



A chegada do jovem na capital federal, uma viagem impregnada por expectativas chegou ao final, cais do porto no Rio, era manhã de um promissor domingo, Mário sem conhecido algum, limitou-se a sentar na mala e um caixão de livros que levava. Um bagageiro português de sotaque carregado chegou perto do viajante e lhe perguntou para onde iria, a resposta foi: - Não sei - o carregador desconfiado o leva até uma pensão lá o jovem deixa seus dois únicos pertences a mala e o caixãozinho, neste, pelo gosto exacerbado de poesias conseguiu levar livros de seus autores prediletos como Olegário Mariano, Olavo Bilac, livros didáticos de português, matemática, geografia, enfim seus sonhos escritos ao longo dessa espera pelo concurso. Faço pausa para citar versos de seus autores preferidos:

NATAL

Jesus nasceu! Na abóbada infinita
Soam cânticos vivos de alegria;
E toda a vida universal palpita
Dentro daquela pobre estrebaria...

Não houve sedas, nem cetins, nem rendas,
No berço humilde em que nasceu Jesus...
Mas os pobres trouxeram oferendas
Para quem tinha de morrer na Cruz!

(...)

Olavo Bilac, in Poesias Evangélicas, 1946.





NATAL FELIZ

Silêncio e paz. Cabal serenidade
Como o regato azul do vasto céu,
Perdura no retiro dos pastores
E, por tudo um soluço, uma saudade
Evocativa, mansamente acordam,
A lembrar da vida os dissabores...
Como fala o silêncio! A noite santa
Desperta uma alegria mal contida
No coração tranquilo dos pastores,
E a grande paz e a doce paz é tanta
Que eles esqueceram as mágoas por completo
E adormecem a cantar...

(..)

Stela Câmara, in Poesias Evangélicas, 1946



MEU DEUS

Meu Deus é paz e amor, justiça e santidade,
Suprema perfeição que abrange a terra e os céus!
É o Deus-poder, é o Deus-pureza, é o Deus-verdade
É o Deus-luz que dissipa os mais cerrados véus!

Ele é o maravilhoso artífice do mundo,
O altíssimo Senhor que tudo pode e faz!
É o meigo Pai que ao filho ama com amor profundo
e rege, com justiça as leis universais!

(...)

Jônatas Braga, in Poesias Evangélicas, 1946

Em seus pensamentos nem se deu conta de já estar na rua, havia saído da pensão para procurar alimentar-se. O dinheiro que tinha era bem limitado mais deu também para comprar um jornal e se deteve lendo avidamente, em um anúncio de culto evangélico na Primeira Igreja Batista localizada na Praça 11, (igreja da qual foi membro)³⁸ não lhe custou muito chegar na citada igreja ainda a tempo de participar do culto. Qual não foi a surpresa de Mário ao encontrar um seminarista que havia conhecido no Recife e na conversa o seminarista o inquiriu para depois convidá-lo a ficar em sua casa. Era mês de abril, Mário recebeu aquele convite como uma benção de Deus em sua vida e, acompanhou o seminarista até sua residência, no dia posterior, ao acordar seguiu, certamente com seus pertences para a Escola de Sargentos de Infantaria - ESI, sendo recepcionado pelo secretário da Escola de Sargentos informando-lhe que a matrícula para o seu curso só aconteceria em 1º de julho e, que ele havia passado em primeiro lugar no concurso realizado na cidade de Aracaju. A alegria invadiu seu coração, mas ao mesmo tempo pensou – como fazer para permanecer dois meses no Rio – no seu entender não queria e nem podia ser pesado para aquele que gentilmente o convidou na primeira igreja.

Ainda na sede da ESI, não se deu por vencido argumentou sobre sua situação até que o secretário o enviou a falar com o comandante, diante daquele oficial, Mário relatou toda sua história identificando-se como órfão de oficial do Exército ao que o comandante num rápido rebuscar de memória lembrou ter sido colega do pai de Mário, – então chamou o Tenente-secretário – autorizando uma exceção, a partir daquele mo-

³⁸ AZEVEDO, Israel Belo de. Entrevista para o Centro de Memória Viva dos Batistas Brasileiros. RJ/RJ, 10maio1983, p. 06.



mento estava consentida a estada do jovem na Escola mesmo antes do período de matrícula regular do Curso. Mário era só contentamento divagou em seus sonhos juvenis de poeta nato, o próprio creditava seu gosto pela poesia por sua história de orfandade, assim expresso:

“Eu acredito que devido a minha situação de órfão. Eu me lembrava que podia ter uma mãe querida, um pai amoroso, e isso fez com que eu começasse a pensar em escrever poesias, sentindo a necessidade de transmitir no verso aquilo que sentia³⁹”.

Ao iniciar o curso, Mário, se dedicou com maestria não perdeu tempo com amenidades. Ao término foi classificado e designado para a cidade de Santa Maria da Boca do Monte no Rio Grande do Sul. Ao chegar percebeu não existir igreja Batista na cidade, então passou a frequentar a Igreja Metodista. Presumivelmente com um ano e oito meses no Rio Grande do Sul, um imprevisto aconteceu. Mário foi acometido por uma enfermidade identificada no intestino e fígado, a complicação de saúde não o permitiu continuar no Rio Grande do Sul. A tia, não mais em Aracaju mais já no Recife, foi comunicada às pressas deslocando-se em socorro do sobrinho. Calíope, solicitou audiência com o Presidente da República Washington Luiz adquirindo dele uma exceção, ou seja, autorização para a transferência do militar com patente de Sargento para o Rio de Janeiro⁴⁰. Fato concretizado, ali na cidade maravilhosa, serviu

³⁹ AZEVEDO, Israel Belo de. Entrevista para o Centro de Memória Viva dos Batistas Brasileiros. RJ/RJ, 10maio1983, p. 07.

⁴⁰ AZEVEDO, Israel Belo de. Entrevista para o Centro de Memória Viva dos Batistas Brasileiros. RJ/RJ, 10maio1983, p. 10.



no III Regimento de Infantaria; não há dúvida de que Deus estava à frente porque na época inexistiam essas transferências do modo como ocorreu com o jovem, as pessoas quando souberam ficaram surpresas com o fato. Desse tempo vale lembrar a participação do oficial Mário, na Revolução de 1930 lutando ao lado do Governo (Washington Luiz Pereira de Souza, período 1926-1930), ou seja, da Constituição, entretanto, venceu o lado Getulista; depois participou em Minas da Contrarrevolução de 1932, voltando para Petrópolis com mais uma luta perdida, daí estabeleceu-se no I Batalhão de Infantaria.



Mário Barreto França.



Mário, residindo no Rio de Janeiro participou da seleção para a Escola de Intendentes, de 396 candidatos selecionados, 27 receberam aprovação e Mário estava entre eles⁴¹, fez sua matrícula e, saiu como aspirante sendo classificado para a cidade de São Paulo. Ali foi membro da Igreja Batista de Vila Pompéia pastoreada por Djalma Cunha, laborando no antigo Serviço de Fundos do Exército, onde permaneceu até sua transferência para Belém do Pará. Em Belém ele serviu na Ilha do Mosqueiro e, apenas frequentou a Primeira Igreja Batista naquela época sem pastor, mas sob a direção de Ophir de Barros⁴². A década de 1930 se mostra simbólica na vida literária e profissional de Mário, foi naquele ano que tomou parte na Revolução e, depois seguiu para Santos como instrutor do Tiro de Guerra nº 11; em 1932, ano da Contrarrevolução ou Constitucionalista, viu publicado pela primeira vez em OJB⁴³, seu poema “O Último Combate”. Sobre o fato, o historiador Othon Ávila do Amaral, assim se expressou:

“Daí em diante ocupou ele o seu espaço na literatura evangélica com livros que eram editados um atrás do outro e alguns deles em reedições⁴⁴”.

Rio, São Paulo, Belém de tanto andar a serviço, foi em Santos mais precisamente na Primeira Igreja Batista de Santos que encontrou sua fiel e eterna companheira, desde

⁴¹ AZEVEDO, Israel Belo de. Entrevista para o Centro de Memória Viva dos Batistas Brasileiros. RJ/RJ, 10maio1983, p. 11.

⁴² AZEVEDO, Israel Belo de. Entrevista para o Centro de Memória Viva dos Batistas Brasileiros. RJ/RJ, 10maio1983, p. 13.

⁴³ OJB – Órgão Oficial da Convenção Batista Brasileira, fundado em 1901.

⁴⁴ AMARAL, Othon Ávila. Historiador dos Batistas Brasileiros, in *Dados Biográficos*. RJ/RJ, p. 74.



o primeiro dia que lá esteve, passou a guardar boas recordações, pois conheceu uma moça muito especial Lygia Mesquita de Souza com a qual contraiu núpcias em 1933, daí a bela jovem passou a assinar Lygia Mesquita de Souza França, jovem prendada professora e geóloga, musa inspiradora de muitos versos líricos do enamorado poeta; da união, Deus foi acrescentando os filhos que ornaram o lar do casal. Primaram os pais Mário e Lygia pelo melhor na educação das bênçãos em forma humana, os filhos muito amados: Mário Barreto França Filho - economista e desde 2014 consagrado ao pastorado evangélico: Marlene de Souza França Henrique – odontóloga-especialista em Odonto-pediatria, Márcio de Souza França – arquiteto, Marivaldo de Souza França – pastor e economista, Marli França Chaves - pedagoga, Marcos de Souza França –advogado e Marluce de Souza França – pedagoga. Na verdade seriam oito filhos mas aprouve a Deus recolher a primeira das mulheres de nome Marli, então a próxima filha recebeu o nome daquela que passou a descansar no Senhor.



Filhos de Mário e Lygia, no sentido horário – Marivaldo, Márcio, Marli, Barreto, Marluce, Marcos e Marlene. Álbum de Marluce de Souza França.



Lembro com nitidez que na família Amado, família de intelectuais sergipanos da qual figura o conhecido Gilberto Amado nascido em Estância/SE, aconteceu algo assim: nasceu uma menina seus pais Melchisedech Amado (Melk) e Ana de Lima Azevedo Souza Ferreira (Donana) deram-lhe o nome de Genoline, a criança faleceu, então os pais quando nasceu o próximo filho homem deram-lhe o nome de Genolino Amado, um intelectual sergipano nascido em 03 de agosto de 1902 em Itaporanga d'Ájuda, patrono na Academia de Letras de Aracaju da cadeira 19, a qual ocupo com honra. Na minha família em particular ocorreu fato assim, faleceu Rose Mary, a próxima menina que nasceu recebeu o mesmo nome. Para quem preza por família é fato comum, entendo este fato como preservação da memória afetiva. Percebe-se a olhos vistos que a família fez parte importantíssima na vida multiforme do militar, evangelista, professor, jornalista e poeta.

Cada cidade visitada por Mário na vida militar ou fora dela tem algo que o marcou, na cidade de Santos por exemplo, vale lembrar que o “Senhor dos Exércitos” numa situação de morte, poupou Mário; mas um colega amigo não logrou êxito, faleceu. O fato levou o jovem a escrever seu primeiro poema evangélico na caserna, “O último Combate” publicado no Jornal Batista - OJB em 1932⁴⁵, daí passando Mário a ter o compromisso de escrever tão somente poemas que enaltecem o nome de Deus, assumindo desse modo o compromisso de voltar para Cristo. Mais adiante quando de uma dessas transferências para São Paulo, visitando a Primeira Igreja Batista teve a oportunidade de ouvir o ex-padre Gióia Martins

⁴⁵ AMARAL, Othon Ávila. Historiador dos Batistas Brasileiros, in *Dados Biográficos*. RJ/RJ, Ano ... p. 74.

em série de conferências, ali o jovem rededicou sua vida à Cristo, solicitando reintegração a Primeira Igreja Batista de Santos. Ainda nessa década de 1930, lançou “No Jardim do Senhor” sua primeira obra literária, vale ressaltar que seu primeiro poemeto⁴⁶ sob o título “As Duas Estrelas” foi escrito ainda em Aracaju. Partindo dessa publicação não teve como parar de proclamar a grande obra literária que fluía, era dom de Deus. Essa publicação em especial tem história, Mário tinha aproximados 26 anos, estava como instrutor do Tiro 11 do Exército em Santos, certa vez apresentou os originais ao pastor José Nigro, ele leu detidamente e informou que levaria aqueles originais à Casa Publicadora, essa mostrou interesse em publicar, a história se resume nisto em 1934,⁴⁷ publicação desse seu primeiro livro.

Apesar da década de 1930 continuar tempo de guerra, Mário não pode levar sua esposa, enfim, a família para Belém sua próxima estada, ficando essa na residência do sogro em Santos, só ao término de um ano e meio o governo consentiu que a família seguisse ao estado do Pará. A vida militar com transferências estava insustentável, no ano seguinte aconteceu o retorno de Mário e família para o Rio de Janeiro. A situação de vida quase peregrina estava melhorando porque como oficial, no Rio, ele era classificado na Diretoria de Material de Intendência fato que o deixou na cidade por tempo considerável, estava em casa, congregava na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. Entretanto, nem tudo se constituiu

⁴⁶ NOTA: Informação obtida no Post Factum escrito pelo pastor Djalma Cunha na obra “Sob os Céus da Palestina” de Mário Barreto França. Post Factum escrito em Icaraí, Niterói/RJ, outubro/1947, conservado na 4ª. Edição, 1971, p. 12.

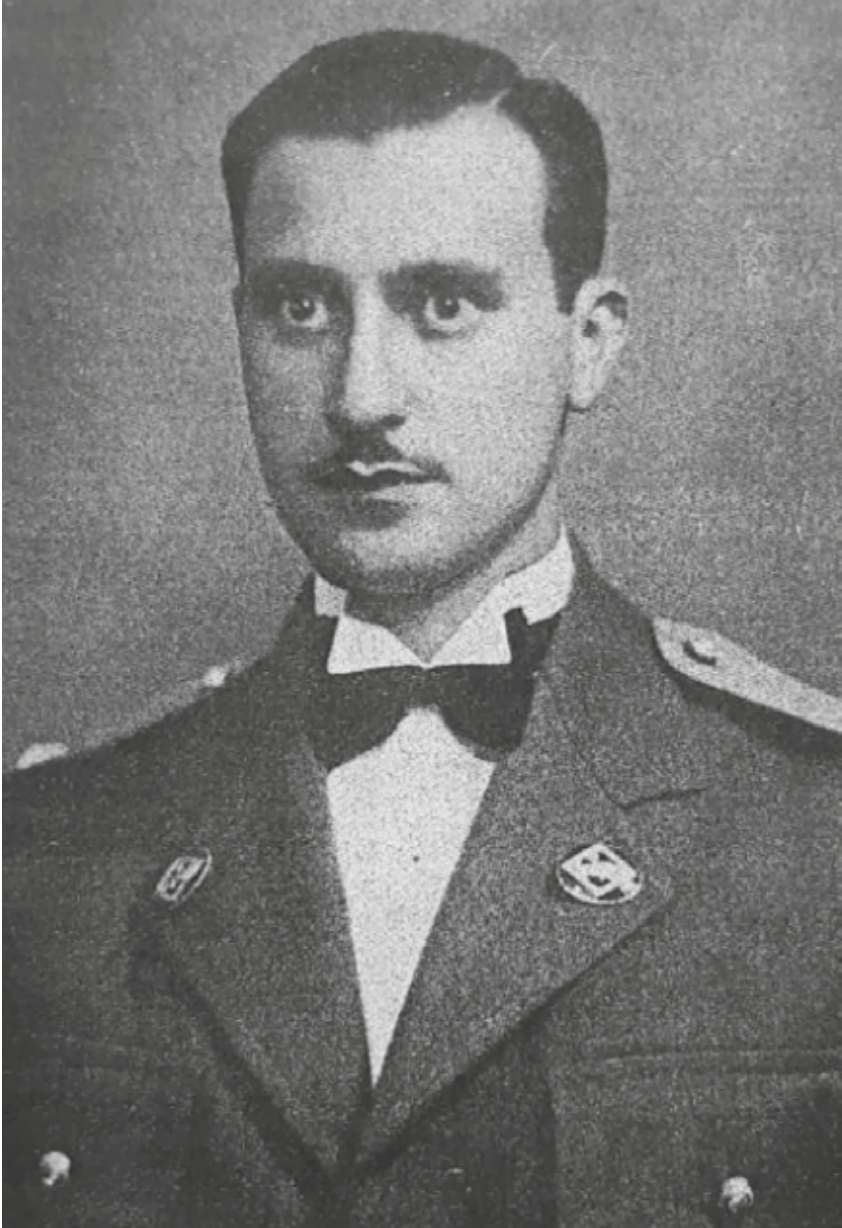
⁴⁷ AZEVEDO, Israel Belo de. Entrevista para o Centro de Memória Viva dos Batistas Brasileiros. RJ/RJ, 10maio1983, p. 16.



em mar de rosas, a vida como militar lhe apresentou algumas tensões a exemplo: quando foi mandado a se apresentar para a luta, depois preso na Ilha das Flores no Rio de Janeiro e, em seguida, sumariamente excluído das fileiras do Exército. Em meio as provações que estava passando, Mário já havia iniciado o Curso de Direito na Faculdade da capital São Paulo, mas estava em Santos, quando foi convocado pela Região Militar em São Paulo, apesar de ter iniciado o curso na capital paulista, concluiu o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito de Niterói, no Rio de Janeiro.

Voltando ao caso da exclusão, ao apresentar-se enfrentou uma pesquisa sobre as causas que o induziram a concordar com a Revolução. Respondeu que havia participado não porque aceitasse a situação, mas porque cumpria ordens. A resposta fez toda diferença, entretanto, solicitaram-lhe provas. Quando ocorreu a abertura da investigação através de Inquérito, a verdade ficou explícita: Mário, o sargento, tinha trunfo nas mãos, apresentou um telegrama do Comandante da 2ª Região Militar que o mandava apresentar-se. Então, a verdade enfatizava, tudo o que havia feito enquanto oficial, foi cumprir ordens nada mais que isto, assim, sanou a exclusão, sendo merecidamente reincluído ao Exército brasileiro.





Mário Barreto França.





Ainda como Tenente-Coronel. Acervo datado de 1967, família de João Heleodoro do Nascimento

O Rio de Janeiro ofereceu franco desenvolvimento a Mário, fez naquela cidade o Curso de Educação Física do Exército, o Rio foi verdadeiramente celeiro em sua vida cultural, cristã e profissional militar galgando patentes de Primeiro Tenente, Capitão, Instrutor, assumiu funções na Comissão de Compras do Exército, Direção Comercial do Exército promovido a Major e a Tenente-Coronel. Participou no Brasil da Revolução de 30 e da Constitucionalista de 32. Tinha vontade de ir à guerra defender seu país, mas apesar de estar incluído na lista dos que deveriam ir, lhe coube apenas, secretariar a Comissão de Compras para o Exército Brasileiro na Itália, pois a guerra chegara ao final. Deste modo Mário está a se despedir do labor no Exército Brasileiro. Assim, depois do advento da lei que dava aos militares o direito que preceituava 35 anos de idade completos ou incompletos na ativa, esses poderiam requerer transferência para a reserva num posto superior. Em razão daquele fato Mário, sem perder tempo solicitou em 1961, a patente que lhe competia, quando ocorreu sua reforma duas promoções o aguardavam - General por tempo de serviço e por tempo de guerra - portanto, “aos 52 anos de idade tornou-se o primeiro General Batista Brasileiro!”⁴⁸ Mário, avaliando a importância da vida Militar em sua existência assim se expressou:

“... Eu agradeço ao Exército tudo o que eu tenho, tudo o que eu sou, quer dizer, na parte da vida normal. Fui sempre bem recebido, muito bem aceito, tanto na parte de meus subordinados, como dos meus superiores, de forma que eu guardo do Exército a melhor lembrança”⁴⁹.

⁴⁸ AMARAL, Othon Ávila. Historiador dos Batistas Brasileiros, in *Dados Biográficos*. RJ/RJ, p. 74.

⁴⁹ AZEVEDO, Israel Belo de. Entrevista para o Centro de Memória Viva dos Batistas Brasileiros. RJ/RJ, 10maio1983, p. 14.





General Mário Barreto França. Álbum da profa. Iraci, Aracaju/1964.



POETIZAR E EVANGELIZAR, SEU LIMITE



O jovem que fazia versos líricos de rara beleza empolgou as pessoas que entendem ou apenas gostam da cultura de construir textos poéticos, enfim, de versejar são os bons declamadores daquele e deste tempo. Certo é que tudo da lavra de Mário conseguiu empolgar o grande número de admiradores da arte declamatória nas igrejas, nos saraus, nos pátios das escolas, nas encenações teatrais. Os livros eram esperados e em pouco tempo, as edições esgotavam-se país afora. Nas viagens realizadas os livros por lá ficavam não chegavam “para quem queria”, voltava o escritor com a determinação de autorizar nova edição e o fazia. Mário, nessa digressão sobre sua obra começou cedo é o que se pode designar como poeta nato, o dom lhe seguiu do berço, dom parecido com o que ocorreu com o seu bisavô Tobias Barreto quando autorizou que, ao morrer abrissem seu crânio, para em palavras comuns, que se constatasse seu grau de inteligência. A congenieidade de Mário na poesia e na composição de músicas era visível a todos. De Sergipe ele saiu impressionando por sua facilidade tanto oral como na arte de escrever. Iomael Sant’Anna⁵⁰, contou esse fato registrado em Aracaju sobre a vida literocultural de Mário:

⁵⁰ SANT’ANNA Iomael. Depoimento transcrito de texto apresentado na Academia de Letras e Artes de Mesquita, RJ/RJ, 26 de abril de 2011, p. 2. NOTA: A ASL fundada em 01 de junho de 1929, sucedeu a agremiação denominada Hora Literária (organização recreativa objetivando incremento intelectual do cidadão sergipano) essa fundada em 01 de abril de 1919.



Quando Mário contava apenas dezoito anos de idade, uma coleção de seus versos foi apresentada numa assembleia solene da Academia de Letras de Sergipe, realizada na Biblioteca Pública. O testemunho de Coriolano Costa Duclerc, num artigo para O Jornal Batista, em 1931 afirmava que “num preito de justa admiração e homenagem intelectual, a Academia reconheceu e consagrou Mário Barreto França como um poeta de mérito genuíno e comprovado, sendo ele alvo de uma verdadeira apoteose popular”.

Ainda sobre Mário, pastor Djalma Cunha⁵¹, anos depois se reportando, a fato ocorrido na cidade Aracaju:

Em 1926. Lá no salão nobre da Biblioteca Pública do Estado, o seu primeiro livro de versos, intitulado “De Joelhos...” O escritor destas linhas fez parte da banca diretora da sessão em que o jovem poeta pernambucano declamou os versos de seu primeiro livro. Foi aí onde, pela primeira vez, apareceu em público o pequeno dedo de um futuro gigante. Por esse tempo, era o nosso plumitivo, superintendente ativo e eficiente da Escola Dominical da Primeira Igreja Batista de Aracaju, com a honra de cujo pastorado era distinguido o que vai aqui falando.

Mário, como escritor seguiu a vida, iniciando oficialmente com a publicação de “No Jardim do Senhor”. Outros títulos surgiram e foram seguindo o curso normal, assim a farta produção literária do autor foi ganhando forma. O próprio

⁵¹ Cunha, Djalma. Se reportando no *Post Factum*, in “*Sob os Céus da Palestina*” de Mário Barreto França, texto escrito para a 1ª Ed. Icaraí, Niterói outubro 1947, mantido na 3ª Ed. RJ/RJ: CPB, 1963.



Mário, declarou em entrevista para o Centro de História Viva dos Batistas Brasileiros que “dezesseis dos seus livros foram publicados pela Casa Publicadora Batista”, editora escolhida pelo pastor Nigro para apresentá-lo ao público leitor de norte a sul do país. Até então, no estilo prosa Mário havia escrito somente “Madureira Chorou na Prisão”, seguiu passeando com livre trânsito nos gêneros da narrativa ou épico, dramático, concentrando-se por opção no gênero lírico. Mário incursionou na literatura recebendo influência do escritor português Abílio Manuel Guerra Junqueiro⁵² defensor do Realismo como também dos brasileiros Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac⁵³ ferrenho defensor e representante do parnasianismo, Olegário Mariano Carneiro da Cunha⁵⁴ e de Moisés Mendes Martins Junior⁵⁵.

Quando ocorreu a projeção de Barreto França haviam outros poetas evangélicos levando-se em conta os mais proeminentes: Jônatas Braga e Stela Câmara Dubois, pernambucanos. Mário não era muito afeito a sonetos como Jônatas, sua poesia ele mesmo a caracterizava como nova, gostava mesmo era de pautar sua produção em fatos reais retratando a vida diária de pessoas comuns ou inspirados na Bíblia, o realismo fazia parte de suas construções poéticas e o lirismo marcava de forma preponderante as poesias que lhe saía da alma. Poesias cheias de sentimentos, certamente este fato o

⁵² JUNQUEIRO, Abílio. Nasceu em Portugal: Jornalista, Deputado, Escritor e Poeta.

⁵³ BILAC, Olavo. Nasceu no Rio de Janeiro: Jornalista, Cronista, Contista e Poeta brasileiro. Membro Fundador da Academia Brasileira de Letras.

⁵⁴ OLEGÁRIO, Mariano. Nasceu no Recife: Poeta, Político, Diplomata, pertenceu a Academia Brasileira de Letras.

⁵⁵ MARTINS, Mendes. Nasceu em Campo Grande/MS. Escritor, Poeta, Cantor, Compositor, odontólogo de profissão, membro da Academia Mato-Grossense de Letras.



levou a ser requisitado com mais constância a eventos distintos. Quanto aos declamadores esses preferiam a poesia, percebia-se nitidamente que o soneto os conquistava, mas de maneira diferenciada. Porque apesar da poesia propriamente dita, do poema e do soneto pertencerem ao gênero lírico, é a poesia pura e simples que tem livre trânsito, justamente por não estar presa à literatura. Assim aquela poesia pura do Mário, conseguiu maior abrangência e passeia fagueira entre as manifestações artísticas. Os declamadores que o digam.

Aquele que saiu de Sergipe com uma mala contendo seus pertences levou também um caixote com seus preciosos livros, entretanto, muitos na área literária ficaram não havia como levá-los. Mário, seguiu na verdade como o adágio popular preconiza: “com a cara e a coragem”. Aquele jovenzinho venceu pelo estudo e a fé que ardia em seu coração. Ele contava que certa vez, pastor Nilson do Amaral Fanini fez uma série de conferências na África do Sul e uma jovem pediu para declamar poesia em português; a poesia declamada foi exatamente de Mário Barreto França, mas o fato não foi de estranhar já que em Angola, Moçambique, enfim nos países de maior predominância de fala portuguesa a poesia do famoso brasileiro estava presente. Para o conceituado autor “príncipe dos poetas evangélicos”, seu primeiro poema escrito amplamente declamado tem como título “O Último Combate”, seguindo-se nessa escala de declamações: “O Getsêmani” e “O Beijo da Redenção”.



O ÚLTIMO COMBATE⁵⁶

“O combate será à uma hora da tarde!”
Foi a voz que se ouviu, como horrível alarde.
Ao longo da trincheira... E o dia era tão lindo!...

– “Como é belo morrer quando se vai sorrindo
Para a luta cruel, numa manhã como esta,
Tôda cheia de luz, tôda cheia de festa!...
Era um belo rapaz que me falava.
– Escuta,
(Perguntei-lhe) não tem receio desta luta?”
Ele não respondeu, porém, sentidamente,
Cantou ao violão uma canção pungente...
E me disse, depois, com olhos rasos d’água:
– Não! eu não temo a morte! o que me causa mágoa
É me sentir tão longe, me ver tão sozinho
E não voltar jamais ao calor do meu ninho,
Onde, entre beijos bons de minha doce espôsa,
Meu filhinho me espera, e, esperando, repousa...
Quando eu vim para cá, beijando-me, êle disse
Uma frase qualquer, uma linda tolice...
Mas, depois, enxugando uma lagrimazinha,
Deu-me um livro, dizendo; - “É uma lembrança minha,
Papai! quando o senhor estiver em perigo,
Leia este livro, ouviu?! Jesus é nosso amigo!
E o senhor não será mais sózinho nem triste,
Porquanto onde Êle está tudo o que é bom existe”.

E êle continuou a cantar. Que tristeza
Começava a pesar em toda a natureza.

⁵⁶ Do livro Poesias Evangélicas. Coletânea preparada pelo Departamento da Mo-
cidade. Rio de Janeiro/RJ: Casa Publicadora Batista, n. 2. 1946, p. 123. Transcrito
conforme a grafia da época.



E eu fiquei a invejar su'alma comovida,
Porque era triste e só no deserto da vida...

A chuva começara a cair lenta e fina...
Como interrogação fatídica, a colina
Mostrou-se ao nosso olhar, cheio de nostalgia,
Perversamente verde e tristemente fria.

... ..

A luta começou terrível. A metralha
Ia levando a morte ao campo de batalha.
Gritos, imprecações e vozes de comando
Juntavam-se no espaço escuro e formidando...

Pungente agonizar de uma tarde cinzenta,
Tarde que quis ser linda e que foi tão cruenta!...

Quando a noite caiu, negra e fria, tornou-se
Mais bárbaro o combate. Era como se fôsse

Rude destruição de uma cidade antiga
Pelo ódio figadal da vingança inimiga.

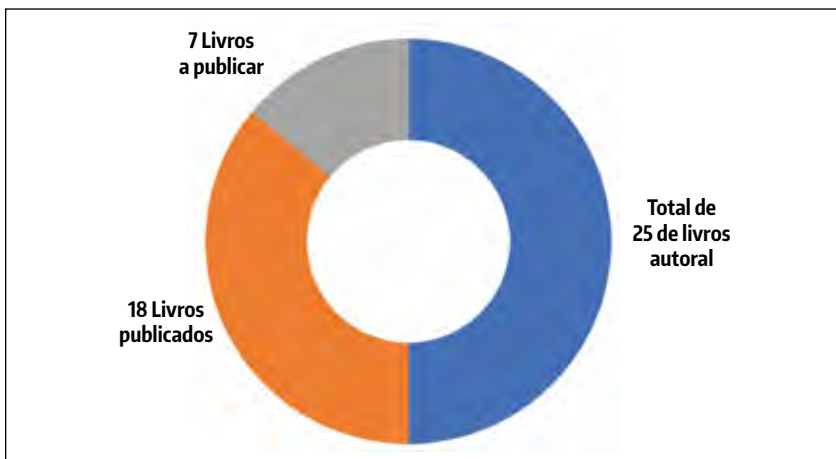
Quando a manhã raiou, o combate findara,
Mas era horrível ver tudo o que se passara...

Espraiei meu olhar pelo campo assolado,
E o pranto me feriu o coração maguado:
É que aquele soldado inda tão moço e alheio
A essas contradições do destino, encontrei-o,
Ensanguentado, assim, de bruços na trincheira,
Prendendo ao coração, numa ânsia derradeira,
Da espôsa e do filhinho, um retrato cinzento,
Colado à capa azul de um Novo Testamento.



Mário França com o peso dos anos e uma vida multifacetada demonstrava leve cansaço, em conversa com amigos informava que todos os seus livros “estavam com edições esgotadas” (AZEVEDO, 1986: 39). Apesar de seus livros serem sempre impressos pela Casa Publicadora Batista, naquele momento sabia-se que a editora passava por dificuldades financeiras, então o escritor compreendendo o problema enviou apenas dois livros para reedição: *Primícias de Minha Seara* e *Louvor dos Humildes*, mas, aceito apenas o primeiro, sendo devolvido o outro por falta das condições necessárias para impressão por parte da Casa Publicadora. As dificuldades para reedição de algumas obras se acentuavam cada vez mais, então ele recorreu a Casa Publicadora das Assembleias de Deus para impressão de um livro e reimpressão de “*Rios no Êrmo*”. Em 1983 Mário Barreto estava com 74 anos tendo produzido durante seu trajeto farta literatura com títulos que enriqueceram e enriquecem a declamação poética nas igrejas e eventos religiosos ou não. Fato é que produziu o quanto pode.

Gráfico I - Obras publicadas e a publicar



Entre suas obras editadas e publicadas destacam-se:

Ordem	Título	Qualificação
01	No Jardim do Senhor	poesias
02	Sob os Céus da Palestina	poesias
03	De joelhos	poesias líricas
04	O Louvor dos Humildes	poesias
05	Ouviu-se uma Voz nos Céus	poesias
06	Um Caminho no Deserto	poesias
07	Primícias de Minha Seara	florilégio
08	Deixai Vir a Mim os Pequenininos	poemas infantis
09	Rios no Êrmo	poesias
10	O Reino Azul das Crianças	poemas infantis
11	Como as Ondas do Mar	poesias líricas
12	Madureira Chorou na Prisão	biografia de um ex-detento
13	Lições que a Vida me Deu	trovas
14	Vejo a Glória de Deus	poesias
15	Ressonâncias do Paraíso	poesias
16	Pelas Quadras da Vida	trovas
17	Sou peregrino na Terra	poesias
18	Como as Ondas do Mar	poesias líricas

Obras a publicar:

Ordem	Título	Qualificação
01	Preciosas Promessas	trovas mística
02	Mas a Alegria Vem ao Amanhecer	trovas místicas
03	Um Sonho Modificou o Meu Destino	autobiografia
04	Corpo e Alma	crônicas e contos
05	Cantigas de Riso e Pranto	trovas
06	Achando as Asas Perdidas	poesias líricas
07	Na Paz do Senhor	poemas



O poeta Mário era eclético, cumpria propósitos, membro compromissado em várias igrejas ocupou cargos de liderança. Impossível enumerar conferências ministradas, ele se identificava com o seguimento dos moços os convites partiam muitas das vezes da própria juventude; a juventude fluminense chegou a lhe conceder título de “O Amigo da Mocidade”. E a cultura poética se configurava não só entre os adultos, mas no meio da juventude com inúmeros declamadores. O poeta sempre gostou de aconselhar, ouvir e de estar com os jovens. Apesar dos convites dos pastores Djalma Cunha e Nilson do Amaral Fanini, ele nunca quis assumir liderança eclesiástica de alta relevância, como por exemplo, o diaconato - isto por entender ser um cargo superior.

COMO PARTICIPANTE DA MEMBRESIA, DEIXOU SEU LEGADO NAS IGREJAS:

Igreja	Pastor	Cargo
Primeira Igreja Batista de Aracaju	Coriolano Costa Duclerc ⁵⁷ e Djalma Cunha	Superintendente da Escola Dominical e Líder dos jovens
Igreja Batista em Icarai	Djalma Cunha	Superintendente da Escola Bíblica Dominical
Igreja Batista do Méier	José de Miranda Pinto	Superintendente da Escola Bíblica Dominical
Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro	Francisco Fulgêncio Soren	Membro por duas vezes. Professor da Escola Dominical da Classe de Jovens
PIB de Niterói	Manoel Avelino de Souza e Nilson do Amaral Fanini ⁵⁸	Relações Públicas e professor da Escola Dominical

Há registro, entretanto, de que Mário, no Rio também frequentou a Igreja Batista de Madureira⁵⁹.

⁵⁷ Evangelista que interligava os campos AL/SE.

⁵⁸ Destaque na pregação do Evangelho de Cristo tanto no Rádio quanto na TV.

⁵⁹ AMARAL, Othon Ávila. Historiador dos Batistas Brasileiros, in *Dados Biográficos*, p. 73.



POETIZANDO



Um pouco de poesia. Aqui se vê seu estilo voltado para fatos reais, era o gostava de fazer, poetizar com fatos que lhe prendiam a atenção.

QUE É A MORTE

(Pergunta um menino doente)
- Mãezinha, o que é a morte
Que faz tanto medo à gente?
Dói morrer? E a dor é forte?

(A mãe responde): - Filhinho,
A morte é sono profundo;
Fecha-se os olhos, quietinho,
E se acorda noutro mundo!

Assim quando você dorme
Na sala, ninguém o chama;
Porém, com carinho enorme,
O leva pra sua cama.

Deus não deixa em abandono
Quem da crença se reveste:
Morrendo, dormita um sono
E acorda no lar celeste!

O poeta compôs hinos cristãos, notadamente o Hino Oficial da Campanha Nacional de Evangelização, de 1965, esse especialmente acolhendo ideia lançada pelo pastor Rubens Lopes, durante um Congresso de Mocidade realizado na Bahia,



quando rapidamente Mário escreveu a composição e de imediato se inscreveu no concurso juntamente com Gióia Júnior e outros. Para regozijo e comprovação de sua competência e responsabilidade com a fé que professava Mário obteve entre seus pares o primeiro lugar. Esse Hino sob o número 581, consta do Cantor Cristão-CC⁶⁰.

Sob o título de A ÚNICA ESPERANÇA (*)

(*) pode ser encontrado também no Hinário para o Culto Cristão – HCC/2011, onde sob o n° 526 recebe dois pequenos ajustes - o título passando a ser Cristo é a Única Esperança - e em duas linhas da última estrofe, ficando nesse formato: “cada lema da porfia. Que nos vem do céu além:” No prefácio da edição de 1990 a Comissão justifica possíveis adequações: “As mudanças em letras de hinos já conhecidos foram feitas seguindo critérios linguísticos, gramaticais, poéticos, hinológicos e teológicos”⁶¹.

Entretanto, Mário não parou por aí, escreveu várias letras de hinos, apoteose para os três primeiros Congressos com letras direcionadas a Mocidade e a Junta de Mocidade, o Hino indicado a seguir sob o número 551 é encontrado no Cantor Cristão-CC.

⁶⁰ Cantor Cristão – CC, Hinário das Igrejas Batistas do Brasil.

⁶¹ SUTTON, Joan Larie. Coordenadora Geral da Comissão que compilou o Hinário para o Culto Cristão. Prefácio da Edição/1990. Rio de Janeiro/RJ. Hinário publicado pela Editora Geográfica. Santo André/SP. 2011.



MOCIDADE

8.7.8.7.D. — 8.7.8.7.

Mário Barreto França (1909-) Harm. Antônio Azeredo Coutinho (1936-)
Mário Barreto França (1909-) Harm. Antônio Azeredo Coutinho (1936-)

1. Mo - ci - da - de, deixa o mun - do, Com seu mal e seu pe - sar,
2. Mo - ci - da - de, a vi - da é be - la Quando em bênçãos se tra - duz,

1. E pro - cura o amor fe - cun - do Que Je - sus quer te o - fer - tar;
2. Quando na alma um céu es - tre - la As promes - sas de Je - sus;

1. No a - con - chê - go dos seus bra - ços Tu te - rás con - sô - lo e a - mor;
2. Vê que o mun - do se de - ba - te En - tre as on - das da pai - xão;

1. Mo - ci - da - de, nos teus pas - sos, Se gue os pas - sos do Se - nhor!
2. Mo - ci - da - de, nesse em - ba - te, A - nun - ci - a a sal - va - ção.

Estribilho
Mo - ci - da - de, er - gue a ban - dei - ra Contra o mun - do e seus ar - dis;

Mo - ci - da - de bra - si - lei - ra, Com Je - sus se - rás fe - liz!

CC 551 - Mocidade

A ÚNICA ESPERANÇA

8.7.8.7.D. com Estrib.

CAMPANHA

Mário Barreto França (1909-)

Bill H. Ichter (1925-)

1. Do A-ma-pá ao Ri - o Grande, Do Re-ci-fe a Cui-a - bá,
 2. Nos-sa Pátria amada e i-men-sa, Nos-no po-vo humil-de e boa,
 3. Na cam-pa-nha bra-si-lei-ra Pa-ra e-van-ge-li-za-ção

1. Grita a angús-tia que se ex-pen-de: A ver-da do onde esta - rá?
 2. Tem por me-ta a re-com-pen-sa Do ce-leste e eter-no dom;
 3. Se-ja a fé nos-sa ban-dei-ra, Nos-sa espa-da, a Sal-va-ção;

1. Em São Pau-lo, no Acre ou Mi-nas, Em Bra-sília ou Salva-dor,
 2. Do Ori-ente ao O-ci-den-te E do Norte ao Sul, fe-liz,
 3. E por le-ma da por-fi-a Que ga-ran-teo céu, a -lém:

FIM

1. Pro-cla-me-mos ao di-vi-nao Bo-as No-vas do Se-nhor:
 2. Ca-da qual se torne um crente, Pa-ra bên-ção do pa-ís.
 3. "Tra-ba-lhar en-quan-to é di - a, Pois a noi-te per-to vem!"

D. S. - Pa-ra a san-ta li - de-ran-ça, Do Evan-ge-lho no Bra-sil!

D. S.

Cris-tó é a Ú - ni-ca Es-pe-ran-ça, Nes-te mun-do tão hos-til,

E o atraente em seu vastíssimo labor é que não se preocupava em auferir qualquer vantagem financeira pelos trabalhos que produzia. Mário Barreto era puro envolvimento com os movimentos para expansão da Mocidade Batista, onde tinha oportunidade de ir, falava com propriedade sempre incentivando os jovens. Sua atuação era visível, nos preparativos de organização da Junta daquele seguimento, assim Mário se expressou para Israel Azevedo⁶²:

“Esse movimento foi válido, tanto assim que nós partimos para a organização da Junta de Mocidade. Lutamos muito e terminamos ganhando. Mas o movimento (Diretriz Evangélica) também foi válido”.

Mário Barreto está inserido na história dos Batistas brasileiros, juntamente com líderes pioneiros da denominação com quem conviveu de perto a exemplo de: Salomão Luiz Ginsburg, Pereira Sales, Djalma Cunha, James Musgrave, Harvey Harold Muirhead, José Nigro, Manoel, Avelino de Souza, homens que em suas áreas de atuação muito fizeram pelo engrandecimento da denominação Batista brasileira.

CONJUNTO ICARAÍ



Deus fez com que ocorresse em Mário a transmissão ou o efeito multiplicador de suas características artísticas para

⁶² AZEVEDO, Israel Belo de. (Escritor, professor doutor, teólogo). In entrevista para o Centro de Memória Viva dos Batistas Brasileiros. RJ/RJ, 10maio1983, p. 23.



os descendentes, assim foi organizado o Conjunto Evangélico Icará composto por seus filhos moços que tocavam e cantavam. Mário compôs mais de sessenta hinos originais isto sem contar com outros que se perderam no tempo. A vocação do conhecido poeta que reputo como dom do Criador: era falar de Cristo através dos recursos que o Senhor lhe concedeu, da escrita que inspirou declamadores de textos extraídos dos livros que publicou ao longo da trajetória e, dos hinos que produzia letra e música alguns conhecidos pelo cantar dos filhos que o seguia nas viagens. Enquanto ele ministrava o Evangelho da graça, os três jovens: Mário Barreto França Filho – Barretinho (violão), Marivaldo (violão) e Márcio (acordeom) tocavam e encantavam plateias.



Lembrança do Conjunto Evangélico Icará. Mário Filho, Márcio, Marivaldo e Mário Barreto França (Postal do Conjunto Icará).



Os hinos de autoria daquele poeta são relíquias que a família guarda com extremo afeto. Mário impactou auditórios com suas composições enaltecendo o nome de Jesus, o Conjunto Icarai enquanto existiu mantinha agenda cheia, não dava conta para atender os convites que chegavam, passou a deslocar-se com maior frequência dentro do país viajando aos Estados de: São Paulo, Bahia, Pernambuco, Espírito Santo, e o Estado do Rio onde o grupo era bastante conhecido. Mas, como a vida, o Icarai, não foi diferente, depois de alguns anos, os jovens participantes foram constituindo suas próprias famílias e a vida passou a se apresentar com múltiplas atividades, enfim, enquanto conjunto desapareceu e a atividade para Mário se tornou solo, tocou a vida evangelizando, ministrando a Palavra fiel com maior obstinação em todos os rincões desta pátria.

RECORDAÇÕES DE UM TEMPO



Em suas viagens pelo Brasil, no Espírito Santo havia parada obrigatória e frequente, naquele estado mais especificamente em Pinheiros/ES. Na cidade de Pinheiros, Mário encontrou amigos de longas datas como a família de João Heleodoro do Nascimento - 1º tesoureiro da PIB de Aracaju, razão que o fez sentir-se em casa com o reencontro, lembrando dos anos de juventude na capital de todos os sergipanos, trabalhando no comércio local e participando ativamente da PIB de Aracaju. O reencontro em Pinheiros, contribuiu com reiterados convites da igreja ali instalada, onde Mário encontrava amigos queridos familiares de Heleodoro, ainda do tempo em que residiu na bela Aracaju.





Em Pinheiros/ES a família de João Heleodoro do Nascimento recepcionando o poeta General. No sentido horário: Lourdes, o filho Jovan, o esposo João (Messias), ao centro dona Emília Nascimento Mendonça com a netinha Joadi, General Mário Barreto França, seguido por Jonas, José (o Zeca) e Joel. Álbum da família de João Heleodoro do Nascimento

Sua mente fértil para produção da arte literária e musical era receptáculo de amizades que construiu das quais jamais esqueceu. Saiu jovem de sua boa estada em Aracaju com a tia Calíope, mas na memória afetiva guardou, como exemplo, a família da professora Iraci Ramos de Sousa casada com senhor Júlio Costa de Souza⁶³, ela pianista na PIB de Aracaju. Depois de alguns anos quando Mário voltou a Aracaju para ministrações da palavra de Deus, não mais se hospedou em hotéis, mas a convite do senhor Júlio, hospedava-se na resi-

⁶³ NOTA: Sr. Júlio, de profissão barbeiro, mantinha seu espaço profissional na Rua Santa Rosa, próximo ao Mercado Thales Ferraz, Aracaju/SE. Informação prestada por Dailson Oliveira dos Santos atual pastor da Igreja Batista em Pantanal, Aracaju/SE, (sobrinho da professora Iraci).



dência do casal onde morava também dona Zafira, genitora de Iraci. Em Aracaju Mário não se preocupava com transporte, Júlio, tinha um Jeep e levava seu hóspede nos deslocamentos necessários aos seus compromissos na cidade. Contava-me a anciã Iraci (i.m.) que o poeta se sentia acolhido no lar do casal, pois nos hotéis os fumantes não tinham limites, certamente não “faziam conta” dos não fumantes. Como o convidado se sentia confortável na residência do casal, para Iraci e Júlio era um prazer acolher o notável poeta-general.



Rios no Êrmo, autografado para Iraci Ramos, na época Mário tinha 54 anos. Arquivo da autora

O OCASO



Mário viveu tranquila e plenamente dedicando seu tempo as atividades que por exclusiva competência pode desenvolver. As muitas honras lhe chegaram em vida em forma diversa como títulos, gratidão pelos livros que contribuíram com o lirismo da poética evangélica nacional, entre outros. A obra que realizou durante sua caminhada ficou perenizada na memória coletiva dos pósteros, chegando a ter seu nome ilustrando logradouro como é o caso da Rua Mário Barreto França, sob o CEP 24933-650 no Bairro Jardim Atlântico Leste - Itaipuaçu - Maricá, Estado do Rio de Janeiro.

Tudo em sua vida tinha propósito definido para agradar tão somente a Deus, nada lhe chegava sem objetivo, as leituras que fazia o inspiravam a produzir sempre mais; essa a seguir, certamente, lhe causou inspiração: “Os animais do campo me honrarão, os chacais e os avestruzes, porque porei águas no deserto e rios no ermo, para dar de beber ao meu povo, ao meu escolhido; Is. 43.20a”. “Rios no Êrmo”, é título dado à época a um dos seus livros, exatamente o autografado ao casal Iraci/Júlio (de Aracaju) e dele serão transcritas poesias que farão parte desta obra.

Mário escreveu sob temas diversos deixando peças valorosas abordando seguimentos envolvendo diretamente: pátria, família, amigos, evangelização, educação, música; no viés, composição musical, no hino “Mocidade (CC 551)” a letra é uma verdadeira exortação aos jovens de todo o tempo, só para citar, vejamos a última estrofe: “Mocidade a vida é bela/Quando em bênçãos se traduz/Quando na alma um céu estrela/As promessas de Jesus;/Vê que o mundo se



debate/Entre as ondas da paixão;/Mocidade, nesse embate,
/Anuncia a salvação.”

Outro hino escrito por Mário sob o título “A Única Esperança (CC 581)” é uma declaração do lirismo que lhe enche o coração de amor a sua pátria, cantando os Estados e mostrando que a esperança é o filho de Deus, foi o hino oficial de uma das maiores campanhas de evangelização que este país já teve conhecimento. Esses hinos que aqui exemplifico constam de forma completa nas páginas 176 e 177 desta obra, aqui citarei apenas a primeira estrofe: “Do Amapá ao Rio Grande,/Do Recife a Cuiabá,/Grita a angústia que se expande:/A verdade onde estará?/Em São Paulo, no Acre ou Minas, /Em Brasília ou Salvador, /Proclamemos as divinas /Boas novas do Senhor!...”

O escritor não parava de produzir, bom ressaltar que juntamente com o filho Márcio de Souza França, dupla imbatível que fez o Hino oficial do Município de Maricá/RJ, (letra de Mário e música de Márcio). O hino está contido no CD Luar de Maricá, eis o hino:



HINO DE MÁRICÁ

Letra: Mário Barreto França
Música: Márcio de Souza França

Na cidade enamorada
Da paisagem tropical
A canção da passarada
Lembra a gente em madrigal...
Quanto amor, quanta poesia,
Cai a tarde devagar...
E a alma, em preces, se extasia



Sobre as bênçãos do luar,
Nas ondas do lago,
P'rá lá e p'rá cá
Se sonha ao afago,
Da brisa do mar...
A luz do luar...
De Maricá! De Maricá!
Mas se a noite tão formosa,
Se matiza nos rosais...
Cada "laelea" tenebrosa,
Se abre em cores divinais...
Tudo fica então em suspenso,
Da saudade que lhe dá...
A beleza fluminense,
Do luar de Maricá,
Alta noite a lua, integra,
Na lagoa e o céu aí...
Se reflete em Ponta Negra,
São José de Imbassai...
Pelas ruas ou na praia,
Fica a gente a meditar...
Quando nas águas se desmaia
Todo encanto do luar.



Mário Barreto França ao completar 74 anos; idade que ele não sabia, mas seria convocado para voltar a casa do Pai, ainda produziu, deixando alguns títulos para publicação. A vida frutífera e dinâmica do grande poeta com incursões diversas deixa muito a se pesquisar. Entre seu vasto acervo existe uma relíquia lançada pela Casa da Moeda, Série Brasileiros Ilustres⁶⁴ em Comemoração ao Centenário de

⁶⁴ [Htps://www.master32.com.br](https://www.master32.com.br)



nascimento de Tobias Barreto, 1939, 1000 Réis, com a efígie do seu ilustre bisavô.



Moeda pertencente ao acervo do poeta Mário Barreto França. Cedida pelo pastor Mário Barreto França Filho

O poeta, certamente, com a propriedade que lhe era peculiar pode muito bem recitar seu “último combate” pela existência terrena, partindo para o Pai e, este versículo o completa como o grande servo que foi: “Combati o bom combate, terminei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda” II Tm. 4.7-8.

Mário faleceu no Hospital Central do Exército no Rio de Janeiro, em 09 de setembro de 1983. Deixando, portanto, um legado inapagável.





ANEXO I

ALGUNS POEMAS DE MÁRIO BARRETO FRANÇA
RETIRADOS DOS LIVROS:

RIOS NO ÊRMO,
PRIMÍCIAS DA MINHA SEARA,
SOB OS CÉUS DA PALESTINA

A FORÇA DA GRATIDÃO

Pôrto Alegre. A cidade, em gestos imprecisos,
Contrasta da existência injusta a dor e os risos...
Sob um céu cinza-escuro, o Parque Farroupilha
Do luxo ou da miséria, alheio, compartilha...

Turistas, marginais, mulheres e soldados
Cruzam-se, quase sempre, ali, despreocupados
Com as ânsias de cada um, pois muitos vivem a êsmo
No mundo de ilusões...

E esta vida é assim mesmo...

Deitado sobre um banco estreito do jardim,
Um garoto gemia...

Uma capa ruim,

Velha e suja, cobria o seu corpo franzino;

Ah! Destino!... Destino!...

Por que vive a miséria ao lado da opulência?

São caprichos da sorte...

Afoga-se a consciência

Nos vapores do álcool, ou da emoção do jogo,

Talvez para distrair o pensamento em fogo...

O que procura o bem do próximo, se engana:

Triste de quem recorre à caridade humana;

Mostrar alguém seu erro ou confessá-lo, é em vão,

Pois tem como resposta o fel da humilhação...

Regressava, feliz, de um conclave altruísta,

A diretora e Deã do Colégio Batista.

A noite estava fria; e o Parque, desolado;

Dirigia-se ao carro ali estacionado,

Quando viu sobre um banco o menino doente;



Dêle se aproximou e, interessadamente,
Procurou descobrir quem era e qual motivo
Tornara-o pobre e só:

– Era filho adotivo

De um velho carroceiro a quem o vício houvera
Tornado em trapo humano a robustez de fera.

Sob o efeito do vinho, o pai, feria-o às vezes;
Por isso estava ali, fugindo aos seus reveses...
Não conhecera a mãe nem o pai verdadeiro,
Nem sabia dos dois a vida e o paradeiro...

Ouvindo-o, a Diretora, amiga e delicada,
Do garoto infeliz e doente se apieda;
– “Você quer vir comigo ao Colégio? (Ela indaga)
Haverei de arranjar-lhe um serviço, e uma vaga
Em meu Curso Primário;
e, após aula e remédio,
Você ajudará na limpeza do prédio...”

Ele aceitou sorrindo a protetora mão.
Que o levou ao seu carro ao lar da educação;
E fê-lo compreender como é nobre o labor
Que, em benefício próprio e alheio, é luz, vigor,
Que aclara o pensamento e o corpo fortalece
Na seara do bem, para as bênçãos da messe...

E ali, nessa colheita, áurea e farta, êle achou,
Do Evangelho do amor, a fé que o transformou;
Pois fêz brotar-lhe n’alma a sublime noção
De ordem, de disciplina e eterna gratidão.



Certo dia, a cidade inteira foi colhida
De surpresa, com a nova infausta e dolorida:
– Deu-se um golpe de estado, em trágico dissídio;
E o Chefe da Nação praticou suicídio...
No desespero atroz da existência fugace,
Houvera provocado o fatal desenlace
Para evitar, talvez, uma maior desgraça...

O comentário aumenta e, com ele, a ameaça
De um terrível motim que, rápido, se expande,
Para vingar a afronta aos filhos do Rio Grande...

Era preciso agir...
E o povo revoltado
Queria, a qualquer preço, encontrar um culpado...

Saiu a depredar e a destruir centenas
De casas de comércio e indústria...
Tristes cenas

De vandalismo horrendo e bárbaro mostravam,
Como a revolta e o mal a todos dominavam.

A turba alucinada avança ameaçadora;
Incêndios e agressões, na sanha arrasadora.
Ia deixando atrás...

Então, algum insano
Gritou: – “Mais um, ali!... Colégio Americano!
São cúmplices também... Quebra!... Quebra!...
Incendeia!...

E o ódio os insuflou contra a vontade alheia...



Nesse exato momento, o garoto que, um dia,
Naquele Educandário encontrara a alegria,
O amparo maternal, o lar amigo, o ensino:
E, apesar de estar só, de ser tão pequenino,
Percebendo a ameaça e o perigo iminente,
Salta as grades do prédio, e, já na rua, à frente
Da multidão em fúria, apela, pede, implora;
Reclama para si tôda a atenção dessa hora;
De humilde, fêz-se herói; de pequeno, um gigante;
E, de joelhos, suplica ao povo delirante:
– “Não queimem esta casa! Ah! Não queimem, senhores!
Que mal fizemos nós? Não somos causadores
De nada que mereça essa injusta agressão!
Sim, por amor de Deus, não a destruam, não!
Eu vivia tão só não tinha onde morar;
E aqui achei abrigo, amparo, estudo e lar!
Vão embora daqui! Não queimem meu colégio!...

E, erguendo o olhar aos céus, orou; – Ó Deus, protege-o!
Não deixes que esta gente o quebre e queime! Sim!
Tem piedade de nós!... Tem piedade de mim!...

*

E aquela multidão que não temia nada,
Que enfrentara a Polícia e o Exército, a pedrada,
Diante de uma criança humilde e angelical,
Hesita... pára... volta... e afasta-se, afinal...

Guanabara, junho de 1960



E O SINO NÃO TOCOU...

Cromwell – o Ditador – dominava a Inglaterra.
Às lutas sempre afeito e acostumado à guerra,
Seu coração possuía a tempera de um aço
E a dureza da pedra... O pobre ou o ricoço
Nivelavam-se ao seu imparcial julgamento.
No entanto, havia nêle, um ou outro momento
Em que perdia a calma. Então, era um perigo,
Se houvesse de aplicar a pena de um castigo...

*

Foi num instante assim, que êle, notando a falta
De um jovem militar, se enfurece e se exalta
E, sem querer ouvir qualquer explicação,
Condena-o incontinentemente à extrema punição.

*

Ninguém o fêz mudar da decisão tomada;
Nem mesmo do soldado a jovem namorada,
Que explica, chora, apela e suplica piedade
Para o seu pobre noivo... É em vão, que a austeridade
De Cromwell não se abala... Era sua virtude
Jamais voltar atrás de uma firme atitude...

*

Daquela execução marcou-se o mês e o dia,
Porquanto a hora fatal tôda a gente sabia:
Era quando, ao cair da tarde, o velho sino
Da velha Catedral – grave como o destino –
Marcava, em tristes sons e longas badaladas
O ângelus saudoso.
Esperanças fanadas



Começam a enlutar a alma daquela jovem,
Cujas súplicas e ais os corações comovem;
Porém, que
Como os seus, em nada valiam,
Que nem um favor seus rogos conseguiram
É que os homens da Côrte e os juizes, ninguém
Se atrevia a enfrentar o Ditador...

Pois bem,
Vendo tudo perdido, a jovem destemida
Tenta um plano final para salvar a vida
Do noivo condenado. Oferece ao sineiro
Tudo o que possuía em jóias e dinheiro;
Mas o velho, fiel à sua profissão,
Deu-lhe as costas, dizendo asperamente: - Não!
No dia e na hora certa, o sino há de planger!
Seja lá pra que fôr, cumprirei meu dever!

*

Chega o dia, afinal. A tarde declinava.
O pelotão da morte, em forma, se postava.
Em frente ao condenado, à espera do sinal
Do sino a badalar, na velha Cathedral.

*

Para todos, ali – testemunhas legais
Da justiça em função – os minutos finais
Pareciam sem fim...

Mas o sinal não vinha.
O próprio Ditador, presente, mal continha
A fúria, por notar que o sino não tocava.

*



O comando da tropa, a postos, esperava...
E o sino não tocou...
– Que acontecera?...Então,
Cromwell, surpreso, exige urgente explicação...

*

Enquanto isso corria, além na Catedral,
Quando o velho sineiro ia dar o sinal,
Puxando a corda ao sino, a jovem que subira
As escadas da torre, ao balado se atira
Agarra-se com êle; e seu corpo franzino
Abafou todo o som das paredes do sino.

*

Para lá, para cá, o bronze se movia;
Mas de sua intenção ela não desistia.
Disso dependeria a salvação do amado;
Por isso resistiu.
Sem nada ter notado,
Velho e surdo, o sineiro o serviço encerrou;
E, em seguida, em seu quarto humilde penetrou.

*

Tendo o corpo ferido e as mãos ensanguentadas,
Desceu a jovem noiva as escuras escadas;
E foi, a se arrastar, com grande sacrifício;
Ao lugar usual para qualquer suplício;
E onde, deixou de haver, por sua nobre ação,
Do soldado a esperada e horrenda execução...

*

Lá, encontrou, ainda, a escolta, o condenado,
Os juízes à frente e o Ditador, ao lado,



Mandando averiguar, de tudo aquilo, a causa.
A jovem se aproxima... Houve silêncio e pausa...
Diante do Ditador se ajoelha, e lhe declara
O motivo porque o sino não tocara...
Mostra o corpo ferido e as pobres mãos em sangue;
E, em lágrimas suplica, e pede, e apela, exangue:
“-Perdoai-o, senhor! Prometo que, a meu lado,
Êle há de obedecer às leis como soldado;
E, como cidadão, correto há de viver,
Honrando o seu país, cumprindo o seu dever!
Poupai-o desta vez; e em nome dêsse amor,
Perdoai-o, senhor! Perdoai-o, senhor!”

*

E o grande Ditador, vencido de emoção,
Aquela jovem noiva, ergueu-a pela mão.
Chama o soldado e diz-lhe: - “Eis teu anjo da guarda!
A seu lado honra a Deus, à Pátria e a tua farda!”
E apontando-os, declara aos seus oficiais:
- “E o sino não tocou... Deixai-os ir em paz!”

*

Assim, no alvorecer edênico do mundo,
O homem, faltoso e mau, foi também condenado
À extrema punição do seu êrro profundo,
Na troca desigual do Bem pelo Pecado;

*

Mas, um dia, Jesus fêz-se eterno vigário
Entre o homem e Deus, no convênio da paz;
E, por seu grande amor, suplica no Calvário:
- “Perdoai-o, Senhor, pois não sabe o que faz!”

Guanabara, julho de 1960



QUANDO TU CANTAS

(A todos os solistas evangélicos)

Quando tu cantas,
Há algo de divino em tua voz
Que nos fala dos céus, de coisas santas,
De místicas promessas,
E mensagens celestes para nós!

E nossa alma, contrita,
Se eleva aos áureos paramos da luz,
Onde o amor, como um sol, arde e palpita
No sagrado evangelho
Da missão salvadora de Jesus.

E no mundo diferente
Parece aos nossos olhos ressurgir,
Em novas terras e sadia gente,
Com vestes alvejadas
No sangue do Cordeiro que há de vir...

E, humildes e passivos,
Se harmonizam cantando os corações,
Achando em tua voz novos motivos
De suportar a vida
E compreender melhor as multidões...

Formosas são as plantas
Dos pés daquele que anuncia a paz;
Por isso quando em êxtases tu cantas
As mensagens de fé, queremos ver-te
E ouvir-te sempre e não deixar-te mais...



Pois teus cantos sagrados,
Com que exaltas a glória do Senhor,
Trasladam-nos aos céus, transfigurados,
Nas asas da harmonia,
Para um culto perene em Seu louvor.

Bem haja, pois, tua arte
Transmissora dos cânticos dos céus
Que leva com dulçor, por tôda a parte,
O lírico concêrto do Calvário,
Na regência magnífica de Deus.

Icaraí, janeiro de 1956

Extraída do livro **Rios no êrmo**, ed. do autor, 1963 (grafia conforme original)



TUA GRAÇA

Eu não sei, ninguém sabe,
A que espécie de espinho, certo dia,
Paulo, em preces, a Deus se referia,
Rogando que do mesmo o libertasse;
O que sei, entretanto,
É que Deus o atendeu de uma outra forma.
(Não lhe enxugando as lágrimas da face,
Nem lhe extinguindo a causa do seu pranto);
Mas lhe traçando a norma
De conduta, na vida tão madrasta:
– “Paulo, minha divina fortaleza
Se exalta e aperfeiçoa na fraqueza!
Minha graça te basta!”

Diante de uma lição tão convincente,
Paulo não insistiu;
Pois, esquecendo mágoa ou dor pungente,
Como um predestinado prosseguiu
Para o supremo alvo,

Ensinando e vivendo o próprio exemplo
Das virtudes cristãs,
Sentindo a paz beatífica de um salvo,
Deixando para trás as cousas vãs,
Pelo exemplo da eterna vocação,
Que Cristo, nossa Estrela e nosso Templo,
Nossa Esperança e nossa Salvação.



É por isso, Senhor, que quando eu penso
No grande Paulo – apóstolo do bem –
Eu me esqueço do meu pesar imenso
E sinto que de mim a dor se afasta,
Porque, no que me anima e me convém,
Tua graça me basta!

Icaraí, dezembro de 1957

Extraída do livro **Rios no êrmo**, ed. do autor, 1963 (grafia conforme original)



NÃO TE ARREPENDERÁS!

De haver a tua língua refreado
Para não proferires cousas más,
Ou cometeres faltas e pecados;
– Não te arrependerás!

De haver formado de outros bom conceito,
Ou de não ir da Inveja e Orgulho atrás;
De lutar pelo império do Direito,
– Não te arrependerás!

De haver cumprido bem promessas boas,
Ou ter sofrido tudo sem jamais
Lançar a culpa disso a outras pessoas,
– Não te arrependerás!

De haver sempre ajudado os oprimidos,
Ou ter reabilitado um incapaz;
De encorajar quaisquer desiludidos,
– Não te arrependerás!

De ter, hoje, amparado o triste e os pobres
E assegurado a muitos luz e paz;
Ou de ter dado a alguém conselhos nobres,
– Não te arrependerás

De haver pesado as frases que disseste.
Ou recusado ouvir cousas banais;
De haver buscado a inspiração celeste,
– Não te arrependerás!



De haver, de injustos, suportado a ofensa,
Ou, sem protesto, a crítica mordaz;
De ter a incréus levado a Fé e a Crença,
– Não te arrependerás!

De ter levado a cruz de cada dia
E resistido à voz de Satanás,
De haver causado aos tristes alegria,
– Não te arrependerás!

Por isso vive o ensino do Evangelho,
Servindo à Pátria e a Deus, cada vez mais,
Que, em teu viver de infante, moço ou velho,
– Não te arrependerás!

Extraída do livro **Rios no êrmo**, ed. do autor, 1963 (grafia conforme original)



O AMIGO DA MOCIDADE

Entre os títulos que os moços
Já me deram com bondade,
O de que mais gosto é este:
“O Amigo da Mocidade.”

Já sou pai de sete filhos;
Mas o tempo me promete
Que terei mais, entre os jovens,
Setecentos vêzes sete...

E, de fato, em cada um deles,
Nesta terra fluminense,
Tenho o apoio que me anima
No labor que me convence:

Que no curso dos meus dias
Já nevados de saudade,
Eu serei por tôda a vida
“O Amigo da Mocidade.”

Icaraí, junho de 1957



MOÇO, SÊ O EXEMPLO

Moço cristão do meu Brasil querido,
No meio desse povo corrompido,
Em tudo sê o exemplo dos fiéis!
Tem cuidado de ti e da doutrina;
E em todo o tempo e em qualquer parte ensina
Que a Verdade de Deus não tem revés.

Medita na mensagem benfazeja
Que, pregada no púlpito da Igreja,
Aos recantos da Pátria espalha a voz
Que vem dos céus e para os céus conclama,
A mocidade a converter-se em chama,
Para o mister bendito dos crisóis...

Quando o tributo do Evangelho cobras,
Sê o exemplo melhor das Boas Obras,
Mostrando gravidade e incorreção;
E o pérfido inimigo da alma humana,
Ao te propor a glória que profana,
Tenha a resposta decisiva: – Não!

Segue as pegadas do Divino Mestre;
E, em represália à tentação terrestre,
Transforma a tua vida num fanal,
Que indique aos viajores da existência
Que existe em Cristo a rocha da clemência,
Como porto seguro contra o Mal.



No mundo pontilhado de perigo,
Os conselhos de Deus leva contigo
E luta pelo bem, seja onde for;
E, por amor do Mártire Sagrado,
Cinge teu peito, empunha o teu cajado
E apascenta os cordeiros do Senhor!

Mas, no esplendor de tua juventude,
O anseio da conquista não te mude
No ingrato que despreza o amor dos pais;
Sê sujeito aos mais velhos; e procura,
Na humildade dos santos, a armadura
Que te defenderá de Satanás...

Ó moço, sê o exemplo da energia,
Que o povo do sertão te desafia
E ao sacerdócio de missões te induz;
Que o pátrio evangelismo te transforme
No exército da Fé, tão forte e enorme,
Que conquiste o Brasil para Jesus!

Icaraí, 25 de novembro de 1958



INDAGAÇÃO

Ó piloto invisível da existência,
Responde-me conforme resolveres:
– Na evolução biológica dos sêres,
És alma, és energia ou és essência?

A expectativa angustiosa, vence-a
A dúvida cruel de convenceres,
Na confusão das dores e prazeres,
A indagação da humana inteligência...

Talvez tu não respondas como espera
O homem vaidoso, incrédulo e perverso...
Mas... superando as névoas da quimera,

Eu te sinto, na vida e em mim disperso,
Sorrindo no esplendor da primavera,
Ou vibrando nas forças do Universo...

Extraída do livro **Rios no êrmo**, ed. do autor, 1963 (grafia conforme original)



A RESPOSTA SÁBIA

(Adaptação em versos de uma antiga ilustração)

Num recanto do vale áureo do Nilo,
Vivia um velho monge,
Cujos conselhos, prédicas e ensinoss
Atraíam diversos peregrinos
De longe, muito longe
Só para vê-lo e ouvi-lo.

Certo dia, ao raiar da madrugada,
Vindo de estranha solidão terrestre,
Bate à porta da mísera morada
Do famoso ermitão
Um forasteiro, de alma atribulada,
Que, cheio de respeito e admiração,
Suplica interessado, humilde e crente:
– “Meu irmão e meu Mestre,
Neste mundo de dores e ilusões,
Que deverei fazer, sinceramente,
Para vencer o mal das tentações?”

O monge olhou o jovem ternamente;
E disse: – “Antes, eu quero lhe pedir
Um favor, meu amigo; ajuda-me, hoje,
No trabalho do campo; o tempo foge...
E, amanhã, quando o sol no céu surgir,
O que me pede para lhe ensinar,
Pela graça de Deus, hei de explicar...”

E, nesse ajuste amigo e resoluto,
Entregaram-se ambos, com vigor,
À faina gloriosa



De cultivar a terra dádiosa,
Para a semente transformar em fruto
E o fruto, novamente, em grão e flor...

No exaustivo trabalho,
No bendito mister da plantação,
Cavando, aqui; e ali, podando um galho,
Cantava o monge; e o místico noviço
O acompanha com satisfação

Ao meio dia e em meio do serviço,
Foram sentar-se à sombra de um carvalho,
Ao lado de uma fonte
De águas frescas, correndo entre cascalhos...
Fizeram a refeição
Simples, frugal, mas de gostoso aroma;
E, após a sesta, cada qual retoma
A sua ocupação.

Quando o sol se escondeu lá no horizonte,
Voltaram para casa Que deleite!...
À mesa, à luz da lâmpada de azeite
Com as consciências puras,
Ceiam, estudaram as Escrituras
E, repletos de fé e devoção,
Prostraram-se em gratíssima oração.

Em seguida, saíram pela aldeia,
Dando aos pobres, com o mesmo pão da ceia,
As bênçãos paternais;
E, tendo um céu aberto dentro d'alma,
Foram dormir em paz.



Mas na manhã seguinte, rósea e linda,
Ao despir seu hóspede de longe,
 O velho e sábio monge
Pergunta ao forasteiro: – “Meu irmão,
 Quer aprender ainda
Como pode vencer a tentação”?

Ele porém, se inclina, poussa os lábios
 Na fronte do ancião,
E dize-lhe: – “Mestre, os seus exemplos sábios
 Já me deram a lição;
Pois aprendi, em sua companhia,
Que, pra vencer o Mal de cada dia,
Basta-nos só TRABALHO E ORAÇÃO!”...

Guanabara, agosto de 1960.



O ACHADO PRECIOSO

Na velha Índia dos sonhos do passado,
De mistério e credence,
Um peregrino, triste e desolado,
Vinha de longe como quem sentisse
O horror do seu pecado,
Perseguindo-o com o fogo dos remorsos...

*

Vinha de muito longe, e árduas distancias
Percorrera, de joelhos,
Para banhar-se nas divinas águas
Do Ganges – o ideal rio sagrado –
Mas, com a carne em chaga e olhos vermelhos,
- Resultado de mil e um esforços
Para encontrar a paz do coração –
Ele notou que fôra tudo em vão;
Pois a angústia das ânsias
E o delírio das mágoas,
Na sua vida de desesperado,
Nada, nada mudara,
Porque, quando no Ganges mergulhou,
A tradição falhara:
E mais triste, e mais velho, e mais cansado,
Ao seu destino incerto regressou...

*

Mas ao chegar ao vilarejo e à casa
Em que vivia, pobre e solitário,
Com o pensamento em brasa,



Deparou-se com o velho missionário
Que, com simplicidade e inspiração,
Lhe falou do Calvário,
Da Mensagem evangélica da cruz,
Da Fé que transfigura o coração,
Da Água-Viva da fonte da Verdade,
Da Ternura, do Bem, da Caridade;
Falou-lhe de Jesus.

*

E o pobre, até então insatisfeito,
Sentindo a luz da fé raiar-lhe n'alma
E a ventura da paz cantar no peito,
Descobriu, afinal,
Que a glória e o amor de Deus estão tão perto
De cada coração de moço ou monge,
Que os vive loucamente a procurar
Por ínvios mares, por caminho incerto,
No formalismo da Religião,
Ou nos sistemas de Filosofias,
Por julgá-los, talvez, tão alto e longe,
Que nem pensa em si mesmo os encontrar,
Pulsando nas tristezas e alegrias
Ou nas ânsias do próprio coração...

*

Por isso, abrindo os lábios num sorriso,
Confessa o peregrino;
– “É isso que eu buscava, sem saber,
Na credence da humana tradição;
Cristo é nosso destino,



É nossa luz, é nosso paraíso,
Pois quando o coração
Pode sentir e ver
A glória excelsa do Supremo Ser,
Na vida nova e mística do crente,
Deus se revela, clara e santamente,
No milagre da sua redenção.

Tu, que buscas em dogmas e ritos
E tão longe de ti, o Dom Supremo
Que garante a ventura e a perfeição,
Aprende esta lição,
Tão cheia de preceitos infinitos:
Deus está em ti mesmo, em ti existe
A celeste virtude
Que te oferta a alegria na hora triste;
Nos momentos de dores, a saúde;
E, em tudo o mais, na transfiguração
Da velhice que cansa,
A juventude eterna da esperança
E o sempre nôvo bem da Salvação!



JESUS CRISTO É O SENHOR

(A propósito da realização do 10º congresso da Aliança Batista Mundial - BWA, no Rio de Janeiro, 1960).

Ouvi, ó meus irmãos da Pátria amada!
Irmãos universais, ouvi também:
– Aos albores de esplêndida alvorada
As trombetas da Fé troando vem;
Vem chamando os cristãos do mundo inteiro
Para o nobre conclave espiritual
Que reunirá, no solo brasileiro,
A Aliança Batista Mundial.

Aqui, povos de todos os lugares
E de tôdas as raças se unirão,
Para assuntos de agora ou seculares
Tratarem com desvêlo e inspiração;
Pois todos, conduzidos e irmanados
Sob os mesmos propósitos de amor,
Hão de espargir a luz dos postulados
Do eterno Cristianismo salvador.

Patrícios de São Paulo ou de Brasília,
Do Norte, Leste, Oeste, Centro ou Sul,
Uni-vos como única família,
Em prece e esforço, sob o céu azul:
– O céu amigo que abençoa a tantos
E acolhe a todos com carinho igual,
Para exaltar a Deus em coros santos,
Na Aliança Batista Mundial.

Para a angústia do mundo em sobressalto
E o desentendimento entre as nações,
Que as Renúncias e o Bem falem mais alto,



Mais alto fale a Paz nos corações;
E para a solução dêses problemas
Que equacionam Pátria, Deus e Lar,
Por decisões unânimes, supremas,
A vontade dos céus venha imperar.

Batistas da África, Ásia e Oceania,
Cristãos Americanos e Europeus,
Para a humana e política harmonia,
A Bíblia é o código e o juiz é Deus!
Saibam Leigos, Edis, Chefes-de-Estado
Que a assembléia de cúpula ideal
É a que se firma no Alvo consagrado
Da Aliança Batista Mundial.

Só respeitando a personalidade
Sem preconceitos de qualquer matiz,
Pode-se ter a possibilidade
De construir um mundo mais feliz;
E fazendo do Amor elmo e bandeira,
Da Justiça e Verdade gládio e luz,
Proclamemos, irmãos da terra inteira:
– “Jesus Cristo é o Senhor! Glória a Jesus!”

Ouvi, ó Pátria do futuro, em provas;
Ó Povos do Além-Mar ouvi também:
– Já se escuta o clarim das Boas-Novas,
Conclamando os apóstolos do Bem;
Vinde, façamos deste magno pleito
Autêntico trunfo fraternal,
Para o culto da Crença e do Direito,
Na Aliança Batista Mundial.

Rio de Janeiro, 26 de maio de 1960

Extraída do livro **Rios no êrmo**, ed. do autor, 1963 (grafia conforme original)



SAUDADES DE MARLY

*(Homenagem à memória de minha
primeira filhinha, falecida em 1936)*

Faz tanto tempo que nos deixaste!...
Tinhas apenas um ano e meses:
– Botão de rosa, pendido na haste,
Ah! Quem nos dera ver-te outras vêzes!...

Os anos passam; vêm outros filhos
Para (quem sabe?) nos consolar;
Mas nenhum dêles, nos nossos trilhos,
Enche o vazio do teu lugar...

Na nossa vida cheia de treva,
Eras um halo de santidade;
E... nem o tempo que tudo leva
Pôde livrar-nos desta saudade.

O teu cantinho tão vago e triste
Chora a lembrança que vem de ti;
Faz tanto tempo que tu partiste!...
Por que tão cedo foste, Marly?...



HONRA A UM LÍDER

(Ao Rev. Pastor João Filson Soren, a
pedido da Mocidade Batista Carioca)

Foi no maior conclave evangelista
Que os cristãos do universo, erguendo a vista
Às plagas do Cruzeiro Celestial,
A grandeza de um povo vêm presente
E dêle um líder fazem presidente
Da Aliança Batista Mundial

Ninguém como ele manejou, mais certo,
A língua em que Camões um céu aberto
Engastou nas estrofes imortais;
Pois, com sua magnífica eloquência,
Billi Graham entre nós se fez essência
Do Evangelho messiânico e veraz.

Entre os mais destacados mensageiros
Ele se fêz primeiro entre os primeiros
Pela sua cultura e distinção,
Quando as honras de lúcida homenagem
Se transfere, entre bênçãos, para a imagem
Da Pária, no auri-verde pavilhão.

Agora, por um lustro de esperança,
Pela dêstra da nova liderança,
Que há de ser justa quanto varonil,
Os membros da cristã comunidade,
No esforço de irmanar a humanidade,
Projectarão o nome do Brasil...



Que da Aliança o próximo Congresso
Dignifique e libere o homem opressor
Das restrições de idéia, crença ou cor;
E o sentimento de igualdade humana
Reflita em cada terra soberana
Dos ensinamentos de Cristo o eterno amor.

*

E êsse, por cujos atos e áurea meta
A Nação no infinito se projeta,
Sois vós, Pastor João Filson Soren,
Por isso a Mocidade Carioca
Rende-vos preito e ao Salvador invoca
Pelo mundo e por vós sua graça! Amém!

Guanabara, outubro de 1960



SINGULAR PEDIDO DE NATAL

Uma estrêla parou sobre um presépio; e afiança
Cumprimento total de profética idéia...
E a pobreza se viu coroada de esperança,
Quando Cristo nasceu em Belém da Judéia.

Êle morreu por nós, nessa primeira vinda;
Mas, como justo juiz, na segunda virá;
Pedimos-lhe, porém: – “Naquela noite linda,
Venha nascer, ó Cristo, em Belém do Pará!”

Extraída do livro **Rios no êrmo**, ed. do autor, 1963 (grafia conforme original)



RESIGNAÇÃO

Não me queixo de Deus, mas sim da vida
Que para mim tem sido tão madrasta,
Forçando-me a quebrar – iconoclasta! –
A imagem de minha ânsia incompreendida...

Para do bem a rútila subida,
Um pouco de carinho e amor me basta:
Mas, sem saber por que, de mim se afasta
A sombra da ventura inatingida...

E eu quisera tão pouco: um seio amigo
Que me acolhesse no infortúnio e viesse,
Com desvelo e fervor seguir comigo,

Até o fim da peregrinação,
Pra dar-me o enlevo da primeira prece
E o conforto da última oração!



PERSEVERANÇA MATERNA

Foi numa vila antiga; ia morrendo o dia;
De sua velha mãe alguém se despedia:
– “Mamãe, eu vou-me embora! Esta vila mesquinha
Não cuida de outra cousa; é só da vida minha:
Que eu sou um filho mau e vivo alcoolizado,
Envergonhando aqui o povo sossegado.
Ninguém me cumprimenta e em casa me recebe;
Sou a lama da rua e a escória da plebe;
Que posso eu esperar de uma gente tão rude,
Se não tenho recurso e inda menos saúde?
Irei por esse mundo alheio sem destino!
Melhor que desprezado é viver peregrino.
Talvez a sorte injusta um dia me visite
Com um grande tesouro ou um nobre convite,
Para participar do poder ou da glória;
Então, há de mudar-se o rumo dessa história:
O povo desta vila, hipócrita e covarde,
Irá me receber com festa e com alarde,
Fazendo-me discurso e a proclamar ser eu
Um conterrâneo que sempre lhes mereceu
O profundo respeito e a nímia distinção!
Mas se isso não passar de simples ilusão
E tudo mais, enfim, na vida me falhar,
Não voltarei mendigo; em álcool hei de afogar
O corpo combalido e a calma desventurada!
Vou-me embora mamãe! A sorte está lançada”!

E, numa tarde triste, aquela mãe aflita,
Deplorando sem fé sua grande desdita,
Viu o filho partir descrente e revoltado,
Em busca de um futuro ilustre ou desgraçado...



E por isso se pôs tristonha a recordar
O tempo em que seu filho estava inda a cursar
As séries ginasiais, e em que sua esperança
Era a vida e o futuro em flor dessa criança:
Houvera enviuvado e, sem meios, se viu
Forçada a trabalhar, lavando roupa ao rio,
Cujo parco produto apenas permitia,
Com muita parcimônia, o pão de cada dia...
Mas, certa vez ouviu falar do amor de Cristo,
De sua salvação; aceitou-a; e foi isto
Que a tornou mais propícia a suportar o mundo
E a confiar em Deus; dai, ser tão profundo
O gozo que sentiu quando, humilde e abatido,
Converteu-se também o seu filho querido.
E dessa data em diante, ambos puderam ver
No milagre da fé o céu resplandecer,
Mostrando-lhes que a vida é bela, quando o amor
Induz-nos para o bem, na graça do Senhor.

E na Igreja da vila, unidos na oração,
Cada qual dedicava a Deus seu coração,
Nutrindo com prazer e com simplicidade
A virtude de dar uma felicidade
A quem, fraco e faminto, o pão lhes mendigasse,
Ou que deles o afeto humílimo esperasse...

Mas o tempo passou. E as companhias más
Afogam no vício a vida do rapaz
Que, iludido, trocou o Evangelho sublime
Pelo gozo do mundo e a embriaguez do crime...
No entanto, a velha mãe, com amor e carinho,
Fez tudo para torná-lo à luz do bom caminho:
Pedi, aconselhou, fêz ver-lhe o mal dêsse êrro...



Em vão, que êle escolheu para a fuga o destêrro
Numa terra hibernal, nessa aventura louca,
Sem uma luz no olhar, sem um riso na bôca...

Mas, sem desesperar, aquela mãe aflita
Na igrejainha da vila ardorosa e convicta,
Ia toda a manhã orar sinceramente
A Deus Todo-Bondade e Todo-Onipotente,
Para livrar do mal seu filho transviado,
Trazendo-o arrependido ao lar abandonado.
Que o tempo decorreu!... ninguém soube dizê-lo,
Não há noção de tempo e o amor vence distâncias,
Sem prestar atenção ao relógio das ânsias...

Tornara-se comum, ao romper da manhã,
Ver-se, naquela vila, o vulto da anciã
Penetrar na igrejainha e, de joelhos, ficar
Ali, horas a fio, a orar, a orar, a orar...
A cabeleira branca a emulduar-lhe a face
Era um constante aceno a quem ali passasse,
Como a dizer-lhe, assim, num lírico estribilho:
– “Peça também a Deus a volta de meu filho!”

Mas o filho não vinha e nem dava notícia...
E o que na igreja entrasse e, genuflexa, visse-a,
Mágoa e desilusão, vivia como santa...
– “Deus há de lhe escutar o apêlo amargurado!”

E êsse desejo puro inspirou tôda a vila
A suplicar aos céus para ampará-la e ouví-la;
Pois a velhinha, em meio a tanta dor e tanta
Mágoa e desilusão, vivia como santa...



E uma certa manhã de um domingo de maio,
Quando o sol penetrou no adro da igreja e um raio,
Como um beijo, pousou na nívea cabeleira
Daquela pobre mãe, transpôs calma a soleira
Da velha porta aberta um vulto singular,
Que a seu lado ficou, de joelhos, a orar...

O surrado gibão riscado dos espinhos
E coberto do pó cinzento dos caminhos,
Dava ao recém-chegado um triste aspecto, oriundo
De quem muito sofrera as agruras do mundo.
Depois, erguendo a voz em comovente prece,
Humilhado confessa e contrito agradece:

–“Senhor, eis-me de volta à terra em que nasci
E onde, feliz um dia, eu me entreguei a Ti,
Com a profunda esperança e a fé reconhecida
De que serias Tu meu guia em tôda vida...
Depois, ingrato e mau, Te abandonei, Senhor,
Como deixei meu lar pelo mundo impostor,
Em busca do prazer; mas, onde o encontraria,
Se ficara contigo a suprema alegria?

De um íntimo consôlo eu corri sempre atrás;
Mas, como o iria achar, se és Tu a própria Paz?
Perdoa-me. Senhor, e ajuda-me a levar
A cruz do meu dever ao pé do Teu altar. ”

E a mãe, notando-o, disse: – “Amem! Meu filho! Amem!”
– “Mamãe (exclama o filho) A senhora está bem?
Graças a Deus que sim! Graças a Deus que a vejo!”
E, abraçando-a, depõe na sua frente um beijo:
Beijo que ao mesmo tempo era oferta e oração
De uma alma que se dá em troca do perdão...



E a velha mãe lhe diz: – “Meu filho, eu bem sabia
Que o céu iria ouvir-me, e você voltaria!
Sim, você voltaria a Cristo e ao meu amor!
Bendito seja Deus! Aleluia ao Senhor”!

De então, naquela vila, a igreja sempre aberta,
Como sempre ficara à materna oração,
Foi um constante apêlo à alma triste e deserta
Para implorar a Deus a fé e a salvação.

E, ali, filhos e mães de todos os lugares,
Convertidos, vivendo o exemplo maternal,
Consagram a alma e a vida a Cristo, aos céus e aos lares,
Na Esperança, na Fé e no Amor Imortal.

Icaraí, maio de 1955.



MORREREI ESTA NOITE

A imprensa anuncia irada e com alarde:
“Mais um crime de morte, estúpido e covarde,
Desmerece e enodoa a civilização!...
É preciso a Justiça agir com prontidão!...”

O fato, já vulgar no nosso mundo injusto,
Se passou em Chicago: Um botequim... um susto
Uma estocada... um grito... um corpo inanimado...
A partilha cruel do dinheiro roubado...
Depois, a fuga... o alarme... os tristes comentários...
E o silêncio, afinal, nas folhas dos diários...

Mas, passado algum tempo, é preso o criminoso.
Era um jovem de cor, de semblante asqueroso,
A quem, no julgamento, o egrégio Tribunal,
Unânime, aplicou a pena capital.

Agora, na prisão, Ernesto Gaither pensa
Na extensão do seu mal, o rigor da sentença,
E procura esconder no silêncio e no jogo,
O crime que lhe traz a consciência em fogo.

Um dia, uma mulher de sua triste raça,
Notando-lhe no olhar a angústia da desgraça,
Convida-o a assistir a uma reunião,
Para prestar a Deus um culto de oração.



MEUS DIAS DE MENINO

Faz tanto tempo já!... Mas a memória,
Aos embates da sorte e do destino,
Revive na minha alma a humilde história
Dos meus dias risonhos de menino...

Na rua do meu bairro proletário,
A bola, os papagaios e os piões
Eram, para nós outros, o estrelário
De um mundo de folguedo e de ilusões...

E à noite, à luz da lâmpada da rua,
Ou o clarão balsâmico da lua,
Começávamos rindo, de mãos dadas,
O brinquedo de “rodas”, nas calçadas:

– “Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar,
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar!...”

Depois... era o brinquedo de esconder:
“Oh! Está frio!... Está ficando morno...”

Ou este assim:

Boca de forno! Forno!...

Rei, meu senhor, mandou dizer!...”

E as correrias e empurrões, e as zangas:

– Não fale mais comigo! Estou de mal!

E as pedradas nas aves e nas mangas,

E as batalhas no fundo do quintal!...

Então, a voz da minha tia, em brasa,
Queimava-me o prazer com repreensões:

Deixe disso menino! Vá pra casa

Estudar as lições!



Outras vezes, porém, eu tinha o ensejo
De ouvir, ao lhe mostrar meu boletim:
– Muito bem!... Boas notas! Dê-me um beijo!
Você há de vencer, fazendo assim!...

Doutra feita, era alguém que me narrava:
– “Era uma vez um príncipe encantado...”
E, no Natal, eu sempre costumava
Cantar na igreja, em coro, emocionado:

– “Nasce Jesus, fonte de luz!
Oh! Glória a Deus nas alturas!
Paz na terra aos homens
A quem ele quer bem!”

Faz tanto tempo já!... Ah! Que saudade
Dos meus dias risonhos de menino!
Quem me dera voltar àquela idade!...



O HERÓI DE ABETÁIA

(Ao regimento Sampaio e ao heroísmo do Sargento
Luiz Rodrigues Filho e do Capelão João Soren)

O Sargento Luiz ouvia o rádio em casa;
E, diante dessa nova, o coração lhe abrasa:
Pensou no Baipendi e nos outros navios,
Afundados de noite, em meio aos desafios
Dos agressores vis, covardes, desalmados,
Que metralhavam, rindo, os botes apinhados
De desvairadas mães, de filhos que choravam
E de esposas que ainda as ondas perscrutavam
– Quem sabe? – para enviar um vislumbre de paz
Àqueles que, talvez, não voltariam mais...

E, cômico do dever que a disciplina exige,
Farda-se, incontinenti, e ao quartel se dirige,
Para se apresentar e ter o seu fuzil
Com que defenderia a honra do Brasil...

Alguns meses depois, com a gloriosa F.E.B.,
Nalgum porto da Itália, ele também recebe,
De outros povos irmãos, a homenagem primeira,
Ao canto do hino pátrio, em frente da bandeira...
Nesse instante febril, sua alma se extasia
Na ânsia de defender essa democracia
Que, em nome da justiça, acena para o mundo,
Prometendo um futuro esplêndido e fecundo.
Onde o Direito e o Bem, irmanados no Amor,
Fazem da vida um céu de primavera em flor...



Certo dia, foi dada uma ordem ao Regimento Sampaio,
de avançar...

E a missão do Sargento

Luiz era envolver, pelo flanco, Abetáia

– Um lugarejo que servia de Atalaia

Ao exército alemão que, no Monte Castelo,
Aguardava o sinal para o combate...

Belo

E forte, ele dispôs seu grupo para o ataque,
Dizendo: - “Cada qual se bata com destaque,
Procurando elevar bem alto a nossa terra,
Defendendo as razões que trouxeram à guerra
As forças do Brasil! Que cada um se convença
Que o mundo de amanhã lavrará a sentença
De morte ou de perdão pelos feitos de agora,
Que não de servir de marco à inolvidável hora
Desta época que tem como escopo a Verdade
– Suprema aspiração de toda a humanidade!”

E a luta começou. O sibilar das balas;
As chamas a rolar pelos bordos das valas;
Morteiros explodindo e canhões ribombando;
Bombardeiros do céu granadas despejando;
E gritos e explosões, e pragas, e gemidos,
E os horrores da morte, e o sangue dos feridos,
Tudo se misturava, em delírio profundo,
Sob o luto da noite, amortalhando o mundo...

O heroico grupo avança... está quase cumprida
A difícil missão por ele recebida...

Já são poucos, então...

Calaram-se os canhões...

O inimigo abandona as suas posições...

É o assalto final...



O inimigo recua...

Mas... sobre o chão da Itália, à frouxa luz da lua,
Os corpos dos heróis, frios, ensanguentados.

Marcavam, nesse instante, os traços mais sagrados
Que haveriam de unir a família remida
No monumento ideal da Pátria agradecida...

Algum tempo depois, na piedosa missão
De mortos recolher, um jovem capelão,
Entre outros corpos, acha o do Sargento Luiz,
Sobraçando a sua arma...

E um sorriso feliz,
Nos lábios esboçado, era o argumento forte
Que ele entrara no céu pelos umbrais da morte...

Um projétil lhe houvera atravessado o peito;
Mas não morrerá logo... achara ainda um jeito
De tirar, do seu bolso, um Novo Testamento
Com saltério... e sentiu, ali, nesse momento,
O desejo de ler, pela última vez,
Como se fora seu, o Salmo vinte e três:

– “Senhor, és o meu pastor, nada me faltará!
Deita-me em verde pasto e guia-me onde há
Água tranquila e sã! Refrigera minha alma!
Dirige-me à vereda esplendorosa e calma
Da justiça e do amor! E ainda que ande sem norte
Pelo vale da sombra esqualida da morte,
Não temo mal algum, pois tu estás comigo,
Teu cajado me guia e livra do perigo;
Tua voz me consola; a tua unção me anima;
O teu cálice transborda; a minha alma sublima



Na esperança e na fé! Certo, tua bondade,
Tua misericórdia e tua caridade
Seguir-me-ão, pra sempre, entre paz e alegrias;
E habitarei, Senhor, contigo, longos dias!...”

E não lera mais nada...

A cabeça reclina

Sobre o Saltério aberto...

E, na graça divina,

Como um justo, perdoadando, em paz adormeceu,

E, como herói, honrando o seu país, morreu...

Hoje no cemitério humilde de Pistóia

– Pedaco do Brasil engastado na jóia

De uma saudade eterna – em chão da Itália, a lousa

Com um número qualquer, indica onde repousa,

À sombra do auriverde estandarte, um sargento

Que, morrendo, exaltou seu nobre Regimento,

Porque soube atender, com presteza e valor,

Ao chamado da Pátria e à voz do Bom-Pastor!

Icaraí, 1947



SOB OS CÉUS DA PALESTINA

Deixando a terra do Egito,
Olhos postos no infinito,
Pela senda peregrina,
Da indiferença desperto,
Israel vence o Deserto,
Sob os céus da Palestina.

Funda-se um reino de glórias,
Escrevendo nas vitórias
Sua histórica diamantina
E o Decálogo aparece,
Como um sol que resplandece,
Sob os céus da Palestina.

E a jovem nação se ufana
Das leis da moral humana
Que o mundo inteiro ilumina;
E esse código sagrado
Congrega o povo irmanado,
Sob os céus da Palestina.

Mas o orgulho da vaidade
Rejeita a luz da Verdade
E o próprio Amor assassina;
De então, das mágoas o travo
Reduz Israel a escravo,
Sob os céus da Palestina.

Passa a vida, o tempo corre,
Mas a esperança não morre
No peito que a Deus se inclina;



E guarda melhores dias
Pela vinda do Messias,
Sob os céus da Palestina.

Mas, em Belém, certo dia,
Numa humilde estrebaria,
Surge a Promessa divina:
“Em glória a Deus nas alturas
E em paz para as criaturas!...”
Sob os céus da Palestina.

Em graça o Menino cresce;
Com Ele, o humano interesse
Que um novo céu descortina;
Mas, seu Reino era sagrado;
E Ele foi crucificado,
Sob os Céus da Palestina...

Depois, dominando a morte,
Ressurgiu glorioso e forte
E é Deus que a Fé nos ensina;
Pois, em seu amor fecundo,
Brilha a esperança do mundo,
Sob os céus da Palestina...

Homem! se a dor te maltrata
E em teus olhos se desata
O pranto, em mágoa ferina,
Corre ao Calvário, descansa
Na cruz de Cristo a esperança,
Sob os céus da Palestina.

Icarai, IX-9-1947, pp. 21 e 22

Sob os Céus da Palestina, 4ª Edição, 1971.



ANEXO II

POEMAS DE MÁRIO BARRETO FRANÇA

DA OBRA POESIAS EVANGÉLICAS
EDITADO PELA CPB, 1946

(Grafia conservada conforme os originais)

BRASIL SONHADO

Brasil do meu amor!
Brasil sentimental de minha inspiração,
Eu quisera te ver sob a mesma bandeira
Que Cristo desfraldou por nossa salvação.

Mas entre tanta glória que te exalta,
Entre tanta riqueza e esplendor,
Infelizmente, meu Brasil, te falta
Melhor conhecimento do Senhor.

Repara o interior das tuas matas!
Teus sertões!... Tuas vilas afastadas!...
Ali onde tu és ingênuo e lindo,
Onde cantas nas vozes das cascatas,
Onde gemes nas cordas dedilhadas
E onde vives tão nosso sempre rindo...
É justamente ali, Brasil querido,
Que tu não tens o livro que te ilustre
Nem meios que o façam conhecido!

E eu te quisera ver na vanguarda do mundo
Avante desfraldando o rubro pavilhão
Que Cristo nos legou por seu amor profundo
No calvário imortal do seu grande perdão.

Assim eu te quisera e assim eu te sonho,
Contemplando o teu mar e este teu céu azul
Em que vives suspenso, em que vives risonho
No símbolo de fé do Cruzeiro do Sul.



Mas eu creio, Brasil, no milagre eloquente
Do eterno sacrifício do Senhor,
Para que sejas no mundo brevemente
Uma luz, uma benção reluzente,
Brasil do meu amor!...



ORAÇÃO DA MOCIDADE

Senhor, inclina a tua excelsa fronte
À modéstia de nossa profissão!
Temos o olhar voltado para o monte
Da nossa extraordinária redenção...

Ali, teu filho, sofredor e forte,
Dando-nos prova do seu grande amor,
Morreu perdoadando e, pela sua morte,
Sagrou-se nosso eterno Salvador.

E é por isto, Senhor, que tu nos deste
O direito de agora te pedir
A tua doce proteção celeste
E a esperança sublime do porvir.

E nós que amamos tanto nossa terra
Vimos agora humildes te implorar
Que, da cidade ao coração da serra,
A despertes pra Cristo a conquistar.

Pois, nas cidades é que impera o vício,
E nas serras a ignorância desse amor
Que te fez aceitar o sacrifício
De sofreres na cruz a nossa dor.

E os moços se corrompem nas cidades...
Os homens fazem tudo pra esquecer...
E os velhos no suplício das saudades
Já não têm alma para amar nem crer...



Senhor, qual o futuro duvidoso
Há de raiar no céu dêste país!
Piedade! Ele é tão novo e vigoroso
Que em tuas mãos seria tão feliz!

Piedade! A nossa pátria, triste embora
Eleva-te uma prece no arrebol...
E até nosso índio pela mata em fora,
Sabe adorar-te no esplendor do sol.

Escuta, Senhor, a nossa prece
Ante a beleza deste céu de anil
E, em nome de Jesus, salva e engrandece
Êste nosso caríssimo BRASIL!



O BRASIL PARA CRISTO

Levanta o teu olhar, mocidade Batista
Até onde puder alcançar tua vista,
E vê todo o esplendor de nossa pátria amada,
Toda a grandeza, toda a fortuna ignorada
Que seriam no mundo o máximo luzeiro
Se as soubesse explorar o povo brasileiro!

Porém tu, mocidade, aceita o sacrifício
De, com a Bíblia na mão, ir combater o vício,
A miséria, a indolência e o pecado infecundo
Dos que vivem sem fé chorando pelo mundo...
Desfralda o pavilhão do Evangelho de Cristo
E acorda este país para a crença, porque isto
É o problema maior da nossa economia;
Porque se tendo crença é que se tem valia...

A crença é que desperta o gosto pelo estudo
O amor pelo trabalho, o amor ao bem e tudo
Que representa em si o progresso de um povo!...
E por isto anuncia esse amor sempre novo
Que Cristo nos legou e no qual te iluminas,
Sorvendo a inspiração nas páginas divinas.

Em ti é que o Brasil descansa o seu futuro!
E o que farás então, para vê-lo seguro
Na base do progresso e à vanguarda do mundo?
Para vê-lo feliz, religioso e fecundo?
Olha-o na solidão cruel do extremo Norte:
– Pobre sendo tão rico e fraco sendo tão forte!
Repara-o no Nordeste entre secas tremendas!



É naqueles sertões do “folk-lore” e das lendas
Que os pobres lutam contra os próprios elementos
Famintos muita vez e muita vez sedentos...

E o Brasil de Goiás, Brasil de Mato Grosso
Que desprezado embora, ali se fez colosso
Na riqueza do solo e no poema rude
Que ele compôs sozinho, o amor e a virtude!

E o Brasil infeliz das tribos decadentes
Expostas à cruel exploração das gentes,
Donas de tanta coisa e sem direito a nada,
No império colossal da mata torturada!...

E esse Brasil do Sul, dos pampas verdejantes
Que cobertos de bois vão-se perder distantes!...

E o Brasil da pobreza, e do honesto operário,
Dos que arrastam na vida o trágico fadário;
Brasil comercial, ou Brasil idealista,
A tudo, mocidade, alonga a tua vista,
E desfralda com fé a bandeira da paz,
E prega a salvação e não te cales mais!

Levanta o teu olhar, mocidade Batista
Até onde puder alcançar tua vista,
E a crença a proclamar, sob este céu de anil,
Conquista para Cristo o povo do Brasil!

O CEGO DE JERICÓ

Marcos. 10.46-52

Perto de Jericó, à margem do caminho,
Costumava sentar-se esmolando sozinho,
O cego Bartimeu.

Ah, ele nunca vira

A paisagem sorrir sob um céu de safira,
Os rebanhos pastando em campos verdejantes
E os olhos de seu pai, de bênçãos transbordantes...
Porque era, infelizmente, um cego de nascença,
Mergulhado na dor de sua treva imensa...

E êle no íntimo d'alma, exclamava – “Quem dera
Achar êsse Jesus que milagres opera!
Pois tanto imploraria e choraria tanto
Que Êle havia de ter piedade de meu pranto,
E me daria então a luz para os meus olhos,
Guiando-me na vida entre tantos escolhos” ...

Certo dia, porém, ele estava esmolando
Quando ouviu um rumor de turbas caminhando.
Prestou toda a atenção e descobriu sem custo
Que era Jesus quem vinha – o poderoso e justo
Mestre e Senhor

E quando ouviu que perto estava,
Na esperança de ser escutado, gritava;
– “O', Filho de Davi, tem piedade de mim!
E livra-me, Senhor, destas trevas sem fim!”



E muitos em ameaça exclamavam: – “O’ tolo,
Cala-te! E em silêncio encontrarás consolo!...”
E êle gritava mais: “Jesus eu creio em ti!
Tem piedade de mim, ó Filho de Davi!”
E’ que êle meditava: “Ah, se agora não falo,
Onde irei... onde irei outra vez encontrá-lo?!”
Se me passa veloz essa oportunidade,
Nunca mais eu verei minha felicidade”.

E Jesus que entre a turba ia calmo seguindo,
Solícito parou aquela voz ouvindo.

“Chamai-o! Ele exclamou. Trazei-mo sem demora
Porque na sua angústia êle suplica e chora!”
E foram-no chamar, na alegria que inflama:
– “Levanta-te com fé, porque o Mestre te chama!
Tem esperança e vai!”

E êle a capa deixando
Correu para o Senhor, de gozo transbordando.
E disse-lhe Jesus: – “Que queres tu que eu faça!”
E o cego respondeu: – “Que eu veja a tua graça!
Que eu tenha vista, Mestre!”

E Jesus lhe falou:
“Vai em paz! vai em paz! Tua fé te curou!”

Quando ele abriu o olhar, na mais grata surprêsa
Contemplou extasiado a linda Natureza,
E o céu azul, e o campo enfeitado de flores,
E o horizonte a sorrir em nuvens multicores...
Porém nada mais belo êle viu do que a luz
Refletida no olhar dos olhos de Jesus.



A CONVERSÃO DE PAULO

Atos 9.1-18

Saulo, o perseguidor do Evangelho sublime,
Depois de consentir na execução de um crime,
Em que Estevão morreu sob o apedrejamento
Da turba revoltada em seu ódio sangrento,
Conduz-se aos principais dos sacerdotes, para
Com ordens prosseguir na vingança que ansiara,
E afim de receber cartas para Damasco
Para a Jerusalém, como um rude carrasco,
Prisioneiro trazer todo aquele que achasse,
Que o nome de Jesus em público falasse.

Nem uma nuvem só o céu escurecia.
Com todo o seu fulgor brilhava o Meio-dia.
Saulo em meio ao caminho, impaciente e apressado

Julgava-se feliz no seu zelo inflamado,
Pois pensava que assim fazendo conquistava
A aprovação de Deus por quem tanto zelava.

Nisto vindo do céu uma luz muito forte,
Mais forte do que o sol, num prenúncio de morte,
Fê-lo cair por terra atônito e medroso...

Que surpresa cruel para o Saulo orgulhoso...
E uma voz muito meiga, uma voz muito doce,
Vinda daquela luz na su'alma ecoou-se:



– Saulo! Saulo! porque me persegues? que anseio
De vingança e de morte envenena o teu seio
Contra todos os meus discípulos amados?
Saulo! Saulo! és ingrato em teus ferros pecados
Ante a suave dulçor daquela voz divina
A censura do amor a su'alma ilumina...
E Saulo que a chorar em terra a face esconde
Perguntou-lhe:

– Quem és, Senhor?

E a voz responde:

– Eu sou Jesus a quem tu persegues! Escuta,
É muita ingratidão seguires esta luta
Contra os rosais do amor que plantei nos caminhos
Com meu sangue a cair da corôa de espinhos
Contra a divina luz dos meus ensinamentos
E a minha caridade a êsses povos sedentos:
Contra a lição de fé que escrevi solitário
Com minha expiação sôbre a cruz do Calvário;
Contra o meu Evangelho, o Evangelho da graça...

E Saulo diz: - Senhor, que queres tu que eu faça?

– Levanta-te, lhe diz a mesma voz amiga,
E vai para a cidade e espera que eu te diga
Que te convém fazer!

Mas, quanto na cidade,
De joelhos ele orava em sincera humildade,
Um servo do Senhor a vista recobrou-lhe
E, batizando-se após o Evangelho explicou-lhe...

Ei-lo agora, a falar às multidões aflitas
Sedentas de perdão, de graças infinitas
Perseguido, humilhado aos ódios inclementes...
Salve, em sua missão, o Apóstolo das gentes!!



DENTRO DA VIDA

Não creias nunca na felicidade
Que sorri nos prazeres do pecado,
Porque no fim do seu dulçor ela há de
Deixar-te o coração amargurado.

A alegria do mundo é mentirosa;
Mas, para envenenar-te a alma sincera,
Mostra-te só o lado cor de rosa,
Quando é negro o outro lado que te espera.

Ah! Não te iluda o carnaval da vida
Nem a miragem do prazer do mundo,
Porque êsse gôzo ideal que te convida
Tende a levar-te ao pélagos profundo...

Confia no teu Deus que não te ilude
E não voltes atrás os teus olhares!
Luta, rezando a prece da virtude,
Sob as bênçãos dos céus crepusculares!

Não creias nunca na alegria louca
Que o vício te oferece em áureas taças,
Que êsse beijo profano em tua boca
É a cicuta de tôdas as desgraças...

Do coração e d'alma faze um templo
E, o bem fazendo a todos, vai seguindo,
Pelo esplendor de seres como exemplo,
Pela delícia de viveres rindo.



AS DUAS IMPRENSAS

Viram-se certa vez no cenário da vida
Uma nuvem de luz e uma luz refletida.

E a nuvem disse: - Eu sou o luzeiro do mundo,
A Imprensa Secular cujo saber profundo
Tem levado a ciência, o progresso altaneiro
E a civilização pelo Universo inteiro.
Porém de quando em quando eu sou falsificada
Para explorar sem dó a vida profanada,
Expondo-a sem remorso aos olhares do povo
Como uma história a mais para um romance novo...
Nos limites do Bem sou a glória da raça.
Mas explorando o Mal sou a maior desgraça!

Porém a luz falou: Sou a Imprensa Batista!
Aclaro o coração de quem logo me avista.
Do palácio do rico à cabana do pobre,
Da modéstia do humilde à fartura do nobre,
Da malóca de um índio, à choça sertaneja,
Das grades de um presidio aos salões de uma igreja,
A tudo e a todos levo o sublime confôrto

Das promessas de Cristo a quem se julga morto...
Sou a propagação do Bem e da Verdade,
Da Esperança, da Fé, da doce Caridade!
Sou a voz de Jesus clamando do Calvário
No Evangelho do amor ao povo perdulário:



“Vinde a mim, vinde a mim todos que andais cansados
E o meu jugo tomai, que os corações maguados
Felizes fa-los-ei como a vida de uma ave,
Porque meu fardo é leve e o meu jugo é suave!”

Sou o gládio da Fé no amor iluminado,
Os erros combatendo e afastando o pecado!
Eu sou o refletor desse clarão divino
Que esclarece o caminho ao pobre peregrino!
Eu sou o porta voz desse Deus – Caridade
Que é o caminho do céu e o céu da Eternidade!

E a luz sorrindo ao mundo e a nuvem bipartida,
Opostamente então seguiram pela vida.



A CRIANÇA E A IMPRENSA CRISTÃ
(DIÁLOGO)

(Cenário: Uma paisagem, uma estrada. Duas crianças: ambas com faixa; uma “A Criança”, outra “A Imprensa”. Ao levantar o pano cumprimentam-se.)

A CRIANÇA:

Sou o botão de rosa da existência
Que desabrocha aos beijos da manhã;

Sou da beleza humana a pura essência
Que perfuma no amor a alma cristã.

Sou a esperança promissora e boa
Que surge no horizonte do porvir;
Sou a ingênua bondade que perdoa
Pois não sei enganar e nem mentir.

Sou o fruto de todos os amores,
Glorificando as árvores do bem;
Faço o homem esquecer os dissabores
Para pensar num céu, sorrindo além...

Sou a promessa cândida, bendita
Enchendo de alegria a alma do país,
A aurora de uma era que palpita
Nos corações repletos de ideais.



Sou o gesso que o homem como artista,
Segundo seu caráter vai moldar;
Posso-lhe ser a esplêndida conquista,
Ou então o fracasso a lhe magoar...

Porém... bem haja essa alma iluminada
Que saiba na virtude me ascender,
Para que eu seja a bênção mais sagrada
Que a humanidade possa receber!

A IMPRENSA:

Sou a imprensa cristã, o abecedário
Da doutrina sagrada de Jesus,
Que anuncia o milagre do Calvário
Realizado nos braços de uma cruz.

Sou o cinzel perfeito da virtude
Talhando os caracteres para Deus
Sou o fanal que guia a juventude
Nos seus anseios, nos projetos seus...

Eu sei contar histórias verdadeiras
Que são exemplos de heroísmo e fé
De vidas que se deram prazenteiras
A Deus, como Abraão, Jacó, José...

Sei lembrar a vida dos profetas
E, de Jesus, o amor universal;
Sei recitar os versos dos poetas
Na mais pura cadência musical.



Gosto de dar conselhos às crianças
Para que tenham sábios corações
E vivam sob a luz das esperanças
De cumprir as mais épicas missões...

E relembro os apóstolos amados
Que por Cristo lutaram com valor;
Mas, acima de tudo, aos desgraçados
Prego o evangelho do perdão e amor!

A Criança apertando a mão da Imprensa:

Se assim és, eu te elejo companheira
Neste mundo de luta desigual;
Serás a minha sábia conselheira,
Para, pensando em Deus, vencer o mal.

A Imprensa dando maternalmente, o abraço à Criança

Pois bem, unidas, na extensão terrestre,
Viveremos teu sonho juvenil...
E serviremos nosso grande Mestre
Pela felicidade do Brasil!
(Cai o pano)



O NASCIMENTO DE JESUS

Pela estrada silente em que o sol refulgia,
Sob a bênção de um céu tão límpido, seguia
A virgem nazarena, a bem-aventurada,
Pelo meigo José assim acompanhada.

Inda sorria ao longe a doce Galiléia!..
Iam de Nazaré a Belém da Judéia,
Porque sendo também da casa de Davi
Iam, conforme a lei, para alistar-se ali.

Meiga a terna, Maria em Deus se jubilava.
Breve seria mãe; e por isso anelava
Aconchegar ao seio o Filho prometido
Pelo piedoso amor do seu Senhor querido.

Já a noite envolvia em sua escuridade
O risonho perfil da pequena cidade,
Quando o infeliz casal as ruas percorria..
Mas era sempre alegre o rosto de Maria.

Foram de casa em casa em busca de hospedagem;
Nem uma casa só e nenhuma estalagem,
Possuía um lugar, uma casa sequer
Onde passasse a noite a bendita mulher.

E foram recolher-se em uma estrebaria.
O vento rodopiava e a noite estava fria.
E sem conforto algum, Maria reclinou-se
Aos ombros de José num sorriso tão doce.

E cumpriu-se o tempo em que daria à luz,
Nasceu-lhe num sorriso o menino – Jesus.
Toda solicitude e todo o amor materno
Envolveu-o na luz do seu olhar tão terno.



OS PASTORES DE BELÉM

A ante-manhã surgiu pomposa, sôbre flores
Como uma apoteose esplêndida de cores...
O céu límpido e azul, as campinas viçosas,
Virentes como o mar, salpicadas de rosas.
Os rebanhos no pasto e os pássaros em bando,
Tudo se despertou em festas exultando.

À margem de um regato em que as águas cantavam,
Deitados sôbre a relva os pastores velavam...

Nisto uma legião de arcanjos, de surprêsa
Numa auréola de luz de sublime beleza
Surgiu aos olhos seus como um sonho divino
Ao som maravilhoso e lírico de um hino.

Ah! Dir-se-ia que o céu se transportava à terra
Com tudo o que de belo o seu ambiente encerra.
E a voz angelical com cítaras sagradas
Transportavam pra longe as almas delicadas,
Às etéreas regiões que a inspiração somente
Poderá descrever numa estrofe eloquente.

E a glória do Senhor sôbre êles repousando
Perplexos os deixou, tanta luz contemplando.

E um anjo lhes falou: - "Não temais! êste dia
Boas novas vos dou e de grande alegria:
Na terra de Davi, pela graça do Amor,
Vos nasceu o Senhor que é Cristo, o Salvador!



Esse sinal vos dou: achareis o menino
Todo em panos envolto, em seu sono divino,
E deitado, a dormir, sôbre uma manjedoura!

E no mesmo momento uma luz muito loura
O céu, a terra e tudo em resplendores veste

E os anjos do Senhor, na abóbada celeste,
Os cânticos entoando, e as cítaras tangendo
Envolto numa auréola, iam vinham dizendo:

– “Glória a Deus! Glória a Deus nas sublimes alturas!
Paz na terra! E feliz vontade às criaturas!!”

Quando os anjos ao céu em cânticos voltaram
Os pastores então felizes exclamaram:

– “Sigamos a Belém ver o acontecimento
Notificado a nós por Deus no firmamento!”

E seguiram com pressa à pobre Estrebaria
Em que estava Jesus sob o olhar de Maria.

E viram com prazer e com grata surprêsa
Que melhor do que o luxo era aquela pobreza;
Mais belo que a visão dos anjos, entre luz,
Era o meigo sorrir nos lábios de Jesus,
E muito mais sutil que a música divina
Era o doce cantar de Maria, em surdina,
No seu seio de mãe embalando o filhinho
Entre beijos de amor, de ternura e carinho.

E voltaram entoando o canto do pastor,
Alegres, exaltando a glória do Senhor.





ANEXO III

NESTE ANEXO APENAS DUAS POESIAS DO LIVRO
“DIAS E NOITES”, (1881), DE TOBIAS BARRETO DE
MENEZES, BISAVÔ DE MÁRIO BARRETO FRANÇA¹,

1 LIMA, Silva da Jackson. **História da Literatura Sergipana**. Aracaju/SE: FUNDESC, 1986, pp. 262, 265.



VÔOS E QUEDAS
(Fragmentos)

Quebrei a c'roa de espinho
Que a minha fronte sangrou:
Como a serpe ocupa o ninho
Que o pássaro abandonou,
Jaz em meu peito o desgosto...
Do abismo lava-me o rosto
A onda crepuscular;
De minh'alma a fibra extrema
Sai nas unhas do problema
Que não se deixa pegar...

Ver o mistério eriçado
Rodeando os mausoléus,
Morrer... subindo agarrado
No escapamento dos céus,
É triste! Mas é a vida...
O homem, de tanta lida
Cansado, indagando vai:
Chora embalde, grita, escuta,
E a terra, mãe prostituta,
Não lhe diz quem é seu pai!...

E a humanidade rolando
De queda em queda a gemer,
E o pensamento voando,
E o coração a bater;
Do gênio augusto aos ouvidos
Mas chegam vagos ruídos,
Que soam: Deus aí vem...
Eu digo a Virgílio terno:



Foste com Dante ao inferno,
Leva-me a ele também.

.....

Na cabeça, que arde e pensa,
Lança embalde os ópios seus
A noite, esta gruta imensa,
Cheia da sombra de Deus.
Para a alma entenebrecida,
Pelos mistérios perdida,
Sem fé que vale a razão?
É como a tocha tremente
Que a Sonâmbula inocente
Leva na pálida mão.

Abalo as ramas celestes,
E um fruto só me não cai;
Seguro dum anjo as vestes,
E o anjo em fumo se esvai!
Quando cuido, em ledó sonho,
Beijar um vulto risonho,
A aurora grita: sou eu!
E a natureza, acordada,
É toda uma gargalhada,
Que zomba do engano meu...

De tudo a ira reçuma:
O pego profere além
Sua palavra de espuma,
De sal e raiva e desdém.
Na mata o cedro detento,
Despeitado pelo vento,
Que a coma lhe esfrangalhou,



Range os dentes agastado...
Será, meu Deus, irritado
Contra a mão que o enraizou?

Mas o homem... que emudeça,
Que se contente em chorar,
Joelhe, curve a cabeça,
E deixe-se coroar...
Coroar de espinhos duros,
Cercar de dias escuros,
Por isso o que se lhe dá?
Ah! Como é trêmula a crença
Firmada na recompensa
Diferida para lá!...

Lá mesmo, onde não se chora,
Onde se vive feliz
Fala Tasso a Eleonora,
E Dante abraça Beatriz?...
Sinto já monotonia
Neste sol de todo o dia,
No riso destas manhãs;
Contemplo, triste, pasmado,
O giro desorientado
De tantas ideias vãs.

.....
Lutar com o anjo da sorte
Para dizer-lhe: venci!..
Tremenda luta, que a morte
Contempla ao lado, e sorri;
Noites sorver, que consomem,
E não ser mais do que um homem



Pequeno, tosco, vulgar,
Ao muito libando amores
Nos degraus inferiores...
Assim... não quero lutar!

Pois que não sou um eleito
Para as conquistas da luz,
Eis a vida, eu a enjeito,
Amarro-a nos pés da cruz;
E vou-me, espírito audace,
Mais livre no desenlace
Que a hora extrema produz,
À claridade, em que ondeiam,
Deslubram, cantam, vagueiam
Verdades, mistérios nus.

.....

Da vida escura, mesquinha,
Quando a alma solta os seus ais,
Como os pios da avezinha
No enleio dos espinhais,
Voa talvez de repente...
Oh! Sim... que eu morra contente,
Nem ouça o pranto dos meus:
Sob a campa, em abandono,
Não me acordeis do meu sono,
Deixai-me sonhar com Deus!...

(1865)



O GÊNIO DA HUMANIDADE

Sou eu quem assiste às lutas,
Que dentro d'alma se dão,
Quem sonda todas as grutas
Profundas do coração:
Quis ver dos céus o segredo;
Rebelde, sobre um rochedo
Cravado, fui Prometeu;
Tive sede de infinito,
Gênio, feliz ou maldito,
A Humanidade sou eu.

Ergo o braço, aceno aos ares,
E o céu se azulando vai;
Estendo a mão sobre os mares,
E os mares dizem: passa!...
Satisfazendo ao anelo
Do bom, do grande e do belo,
Todas as formas tomei:
Com Homero fui poeta,
Com Isaias profeta,
Com Alexandre fui rei.

Ouvi-me: venho de longe,
Sou guerreiro e sou pastor;
As minhas barbas de monge
Tem seis mil anos de dor.
Entrei por todas as portas
Das grandes cidades mortas,
Aos bafos do meu corcel,
E ainda sinto os ressábios
Dos beijos que dei nos lábios
Da prostituta Babel.



E vi Pentápolis nua,
Que não corava de mim,
Dizendo ao sol: eu sou tua,
Beija-me... queima-me assim!
E dentro havia risadas
De cinco irmãs abraçadas
Em voluptuoso furor...
Ânsias de febre e loucura,
Chiando em polpas de alvura,
Lábios em brasas de amor!...

Travei-me em lutas imensas,
Por vezes, cansado e nu,
Gritei ao céu: em que pensas?
Ao mar: de que choras tu?
Caminho... e tudo que faço
Derramo sobre o regaço
Da história, que é minha irmã:
Chamem-me Byron ou Goethe,
Na frente do meu ginete
Brilha a estrela da manhã.

E no meu canto solene
Vibra a ira do Senhor:
Na vida, nesse perene
Crepúsculo interior,
O ímpio diz: anoitece!
O justo diz: amanhece!
Vão ambos na sua fé...
E às tempestades que abalam
As crenças d'alma, que estalam,
Só eu resisto de pé!...



De Deus ao imenso ouvido
A Humanidade é um tropel,
E a natureza um ruído
Das abelhas com seu mel,
Das flores com seu orvalho,
Dos moços com seu trabalho
De santa e nobre ambição,
De pensamentos que voam,
De gritos d'alma, que ecoam
No fundo do coração!
(1866)



ANEXO IV

TRANSCRIÇÃO DOS POEMAS MANUSCRITOS* POR MÁRIO, NO ÁLBUM DE EMILIA PERRUCCI, 1923

* Poemas manuscritos extraídos do Álbum da saudosa Emília Perruci, oferecidos por Mário, Recife/PE, em 1923, portanto, há 100 anos. Acervo profa. Ycléa Cervino (filha de Emília), Recife/PE, 01/03/2023.

O Sino

O sino dobra. Aquelle som maguado
Das badaladas pelo espaço corre...
E parece um soluço sufocado,
Uma illusão, que vai fugindo... e morre.

O sino tange. E é como o olhar cansado
Que o azulado ceo, triste, percorre.
A tarde cai. E o sino amargurado
Tange inda um pouco, um pouco mais... e morre.

Assim também, é o coração da gente,
Que vai cheio de illusões, e ardente
Sobe orgulhoso, do Ideal, a torre.

Mas chega um dia, que o terrão o invade.
E no triste silencio da saudade
Bate inda um pouco, um pouco mais... e morre.

Mário Perretto França

O SINO

O Sino dobra. Aquelle som maguado
Das badaladas pelo espaço corre...
E parece um soluço sufocado.
Uma illusão, que vai fugindo... e morre

O sino tange. E é como o olhar cansado
Que o azulado ceo, triste, percorre.
A tarde cae. E o sino amargurado
Tange 'inda um pouco, um pouco mais... e morre

Assim também, é o coração da gente,
Que vive cheio de illusões, e ardente
Sobe orgulhoso, do Ideal, a torre.

Mas chega um dia que o terrôr o invade.
E no triste silêncio da saudade
Bate 'inda um pouco, um pouco mais... e morre

Mário Barreto França



Desalento

(Para o teu álbum de luz,
uma gota de terra. MB)

Que frio! A tarde esvai-se lentamente,
E o sol morrendo ao horizonte doira,
Cicia o vento e o mar solista, chora...
E a brisa acorta delicadamente.

Parece que, minh'alma se evapora
No crepúsculo da tarde. É desorienté
Eu me sinto distante, longe, ausente...
Na pallida illusão de tu te agora.

Que frio! Como é triste a solidade!...
Morre uma illusão numa saudade,
E de saudade esvai-se um coração.

Que frio! A minh'alma se debruça,
No silencio da tarde, que solista,
Na dor cruciante da recordação.

Para a senhorinha Emilia Tereza uma
pallida lembrança de Mario B. Franco

DESSALENTO

*(para o teu álbum de luz,
uma gotta de treva, MB)*

Que frio! A tarde esvai-se lentamente,
E o sol morrendo ao horizonte doira.
Cicia o vento e o mar soluça, chora...
E a brisa açoita delicadamente.

Parece que, minh'alma se evapora
No crepúsculo da tarde. E descrente
Eu me sinto distante, longe, ausente...
Na pallida illusão de ver-te agora.

Que frio! Como é triste a solidade!...
Morre uma illusão numa saudade,
E de saudade esvai-se um coração.

Que frio! A minh'alma se debruça,
No silêncio da tarde, que soluça,
Na dor cruciante da recordação.

Para, a senhorinha Emília Perruci uma pallida
lembrança de

Mário B. França



FAC-SÍMILES

14 o jornal batista - domingo, 31/08/14

notícias do Brasil batista

Mário Barreto França: Infância e juventude de um obstinado

Sandra Natividade, membro do Conselho Editorial

Por dever de justiça e registro na história não só dos batistas em Sergipe, mas no país, entendemos trazer o feito à ordem, nas pesquisas que temos empreendido desde 1998 sobre a denominação batista em solo sergipano pouco encontramos sobre o poeta condôrilo saudoso Mário Barreto França. Há um registro de atuação do jovem Mário Barreto no primeiro livro que escrevemos A Saga dos Pioneiros Batistas em Sergipe, 1913-2003, publicado nas comemorações dos 90 anos da PIB de Aracaju e conseqüentemente da presença batista no Estado, contudo um registro em passant, colhido em pesquisa no nosso jornal oficial OJB de 4 de junho de 1923. No início deste ano, conversando com o presidente da PIBA pastor Paulo Sérgio dos Santos, tivemos a informação que viria ministrar a palavra num domingo, 26 de janeiro de 2014; Mário Barreto França Filho (ordenado ao ministério da palavra pela PIB de Maricá, RJ) em maio do corrente ano. Ficamos felizes, pois tínhamos a oportunidade de colher subsídios sobre seu genitor, entretanto houve um desencontro, estávamos na 94ª Assembleia Convencional da CBB em João Pessoa, PB, mas gentilmente o pastor Mário deixou algum material e, certamente enviaremos mais informações sobre seu genitor que reparamos como um dos maiores pastores evangélicos desta pátria.

Mário Barreto França nasceu no Bairro da Boa Vista na cidade do Recife, Pernambuco em 14 de fevereiro de 1907, filho de José Eduardo França e Thionila Barreto França, ficou órfão precocemente, o pai era oficial do exército e faleceu aos 28 anos de idade, deixando a pequena família entulhada - Mário com apenas oito meses e Thionila - viúva aos 16 anos de idade. Mais tarde a jovem Thionila chegou a contrair nupcias com um contabilista lá da Venezuela brasileira, daí o menino Mário passou a residir com sua bisavó materna, dona Grata Mafalda Barreto de Menezes, viúva do filósofo e jurista sergipano Tobias Barreto de Menezes. Sem qualquer explicação após alguns meses a genitora le-



Inauguração do Monumento a Tobias Barreto, no dia 24 de outubro de 1920, em Aracaju

vou o menino de volta para o seu convívio, uma ação falha, pois a frieza e indiferença demonstrada pelo marido com a presença da criança não permitiu que vissemos sob o mesmo teto, fato que levou o pequeno órfão a retornar ao casarão da bisá Mafalda, local onde o poeta condôrilo Tobias Barreto de Menezes viveu seus dias finais. A jovem mãe se entristeceu com a atitude do marido passando a procurar refúgio nas visitas corriqueiras à família, uma dessas na casa da irmã caçula acamada por febre amarela. Thionila acabou contraindo a moléstia - a irmã faleceu - e ela após poucos dias de contágio também foi vítima fatal da perniciosa enfermidade. O pequeno Mário ficou órfão de mãe 1 ano e quatro meses depois da morte do pai, portanto aos dois anos de idade.

Aos 13 ou 14 anos Mário passou a residir na cidade de Aracaju, Sergipe, nos idos de 1920. Contou Mário em autobiografia publicada à época pela então revista Sociedade Batista, fatos marcantes de sua vida citando naturalmente Aracaju como um de seus domicílios, já que residiu na bela Recife, Acre, Belém, Aracaju, Rio Grande do Sul, São Paulo, radicando-se definitivamente na cidade do Rio de Janeiro.

A infância do poeta Mário foi exemplo de superação e obstinação. Observamos uma meninice multifacetada coroada de êxito, inicialmente pela educação recebida no lar e continuada na escola. Os primeiros anos de vida numa família humilde e equilibrada a presença da mãe, da bisá entrando em cena uma bondosa tia de nome Caliope Barreto de Menezes residente no

extremo norte do país que providencialmente em visita a genitora Grata Mafalda, resolveu levar consigo duas das crianças que a anciã criava, Mário foi um dos escolhidos. Caliope e seu esposo Beneditos não tiveram filhos, adotaram um indolente e a família cresceu, já que levaram as duas crianças da bisá Mafalda. O abrupto falecimento do tio Beneditos pregou uma peça na vida de Mário, Caliope em busca da saúde do marido mudou-se do Acre para Belém. A morte inevitável de Beneditos fez Caliope aturar as malhas voltando definitivamente a sua cidade natal, Recife, ali trabalhou costurando para uma freguesia rarefeita, começou a migrar de residência, Rua do Lima, Rua Marechal Deodoro próximo à velha estação de trem de Encruzilhada no Bairro do Festosa, Bairro de Boa Vista e finalmente Bairro da Torre. Caliope aceitou o Evangelho de Cristo, a vida tomou novo rumo, seguiu prosperando e cuidando dos filhos que Deus tinha lhe dado, a igreja prestava o apoio necessário, por intervenção do pastor Pereira Sales, as crianças foram matriculadas no Colégio Americano Batista, localizada à época na Madalena.

Mário fez sua pública declaração a Cristo aos dez anos por ocasião de uma Série de Conferências ministrada na Igreja Batista da Torre pelo pastor Salomão L. Ginsburg - foram seus contemporâneos na classe de intermediários, José Lins de Albuquerque, Enoch Verçosa e Waldemar de Oliveira. Mário tinha um objetivo que o perseguia: ingressar no Colégio Militar, queria seguir a carreira do pai. Estudou no Ginásio Estadual Pernambucano, onde destrutou do convívio

com mestres renomados a exemplo dos professores Osvaldo Machado, Ulisses Pernambucano, padre Cabral, Cônego Jonas Tourinho, poeta Farias Neves Sobrinho e Agamenon Magalhães. O Ginásio Pernambucano arrojado, tinha reconhecido o mais famoso corpo docente do estado, muitos professores da Faculdade de Direito do Recife ensinavam na instituição a exemplo de Osvaldo Machado, padre Cabral, Cônego Jonas Tourinho, poeta Farias Neves Sobrinho e Agamenon Magalhães. Mário não perdia tempo se esmerava em todas as matérias, tinha como professor de português o padre Cabral muito competente e exigente, que estimulava os alunos a prática da redação. Certa ocasião houve um representativo evento no Recife, o professor passou como tarefa e Mário tirou a maior nota e as melhores referências na redação. A perspicácia aliada ao conhecimento fez daquele professor de português o instrumento para orientar no estudo da língua pátria não somente o jovem Mário, mas os demais alunos, apançando nele o gosto pela criação e composição em prosa e versos. Os alunos produziam satisfatoriamente seus trabalhos literários como recompensa, foram publicados no jornal mantido pelo ginásio.

Há uma interrupção nessa trajetória, Caliope, convidada para residir em Aracaju pelo presidente da Província do Estado de Sergipe, numa época de transição entre Pereira Lobo e Craccho Cardoso, receberia daquele estado casa e pensão, vez que o estado prestaria justa homenagem ao grande jurista Tobias Barreto de Menezes. Os restos mortais do illustre

sergipano procedentes do cemitério de Santo Amaro, no Recife, tinham chegado ao estado e ficariam na praça onde seria erigido o monumento como gesto de gratidão e justo reconhecimento dos sergipanos ao legado de Tobias. A tia Caliope chegou a Aracaju trazendo o índio Jacuman e Mário, sendo hospedados, naturalmente às expensas do governo provincial num dos melhores hotéis da cidade até a data da aludida inauguração. Assim começa a história de Mário na PIB de Aracaju anos, porém, a pequena família passou algum tempo na cidade natal de Tobias Barreto, à época denominada Vila de Campos do Rio Real, posteriormente denominado município de Tobias Barreto, localizado a 127 km de Aracaju. Caliope e família hospedaram-se na residência de Francisco Barreto do Rôndão, sobrinho de Tobias e irmão de Beneditos seu falecido esposo.

A estada em Vila de Campos durou até o reinício das aulas quando a tia Benedita e o irmão foram para Aracaju. A vida pacata no capital do menor Estado do Brasil proporcionou a Mário nas horas de folga do trabalho laboral, fazer o que mais gostava; escrever sonetos, romãs e poesias, muitas poesias, prazer que cultivava desde sua cidade natal, contudo segundo sua autobiografia muitas delas perdidas nas mudanças que o próprio tempo se encarregou de fazer. Em Aracaju Mário trabalhou inicialmente como vendedor no Armazém do diácono Adolfo Santiago e depois por intervenção do genitor do saudoso Alberto Mazoni, no Escritório da Azevedo Amado. O trabalho e os afazeres normais do dia a dia não lhe tirou o foco da vida cristã, o jovem era um líder, foi superintendente da Escola Dominical de sua igreja e ainda na década de 1920 quando o campo sergipano contava apenas com 3 igrejas da denominação batista, ele seguia preparando a juventude, chegando a organizar uma lista com nomes de moços e moças para a fundação da União de Moços Batistas no Estado. Depois de Aracaju o obstinado jovem retornou a Recife e depois viajou para o Rio de Janeiro em busca de seu sonho, a carreira Militar. Mário casou-se com Lygia Menquita de Souza

notícias do brasil batista

o jornal batista – domingo, 31/08/14

15



constituiu uma prole composta por Marlene, Mário Filho, Márcio, Marivaldo, Marcos, Marli e Marluce; trabalhando e estudando chegou ao generalato do Exército Brasileiro, foi um dos maiores poetas deste país. A poesia de Barreto França é um verdadeiro deslinde de alguém sensível e comprometido com sentimentos de fé, educação, amizade, esperança, amor, humildade, temas que acentuaram de perto a vida do homem Mário, servo do Deus altíssimo.

Neste mês de agosto dedicado pelo calendário da denominação à mocidade batista, apropriada está a poesia de Mário Barreto França de seu livro Rios no Ermo, sob o título - Moço, sê o exemplo. Essa poesia apesar de escrita em 1958 continua atual, um chamamento à juventude contemporânea.

Moço, sê o exemplo

Moço cristo do meu Brasil querido,
No meio desse povo corrompido,
Em tudo sê o exemplo dos fiéis!
Tem cuidado de ti e da doutrina;
Medita na mensagem benfazeja.
Que, pregada no pulpito da igreja,
Aos recantos da pátria espalha a voz
Quem vem dos céus e para os céus conclama,
A mocidade a converter-se em chama,
Para o miser berlido dos crises...
Quando o tributo do Evangelho cobras,
Sê o exemplo melhor das Boas Obras,
Mostrando gravidade e incorrupto;
E o perido inimigo da alma humana,
Ao te propor a glória que profana,
Tenha a resposta decisiva: - Não!
Segue as pegadas do Divino Mestre:
E, em repulsa à tentação terrestre,
Transforma a tua vida num fanal,
Que indique aos viajores da existência

Que existe em Cristo a rocha da clemência,
Como porto seguro contra o mal,
No mundo pontilhado de perigo,
Os conselhos de Deus leva contigo
E luta pelo bem, seja onde for;
E por amor do Martiré Sagrado,
Cinge teu peito, empunha o teu cajado
E apascenta os cordeiros do Senhor!
Mas, no esplendor de tua juventude,
O anseio da conquista não te mude
No linguço que despreza o amor dos pais;
Sê sujeito aos mais velhos; e procura,
Na humanidade dos santos, a armadura
Que te defendes de satanás...
Ó moço, sê o exemplo da energia,
Que o povo do sertão te desafia
E ao sacerdócio de miséris te induz;
Que o patre evangelístico te transforme
No exército da fé, tão forte e enorme,
Que conquiste o Brasil para Jesus!

General Mário Barreto França

Matéria publicada em OJB, 2014.

MÁRIO BARRETO FRANÇA,
RESGATE DE ALGUMAS CAPAS DE SEUS LIVROS



Rios no êrmo
Edição do autor - Mário Barreto França
Capa feita pelo autor - 1ª edição 1963
Editora Souza Marques
Rio de Janeiro/Guanabara
Acervo da autora



O Louvor dos Humildes,
Casa Publicadora Batista,
3ª Edição, 1966
Arquivo do pastor: Israel
Pinto Pimentel / Maceió/AL.16dez2022.



O Reino Azul das Crianças
Casa Publicadora Batista
1ª Edição 1971, Rio de Janeiro/GB.



Exemplar autografado em Pinheiros/ES,
1967, para Jamlix, filha de José
Nascimento Mendonça amigo de Mário
desde Aracaju.
Arquivo de: Jamlix Garcez Nascimento
Mendonça, abr/2023.



Deixai vir a Mim os Pequenininos,
JUERP, 3ª Edição, 1968.
Arquivo do pastor: Israel
Pinto Pimentel/Maceió/AL.
16dez2022.



Pelas Quadras da Vida, JUERP,
RJ/RJ, 1ª. Edição 1969.
Arquivo do pastor: Israel Pinto
Pimentel, Maceió/AL. 16dez2022.



Sob os Céus da Palestina
Casa Publicadora Batista, 4ª Ed, 1971.
Arquivo de: Nely Soares Ferreira,
Rio de Janeiro/RJ/jun/2023.



Primícias da Minha Seara,
Publicação JUERP/3ª Edição, 1984.
Arquivo de: Maria José Rocha
Mota, de Aracaju/SE 26dez2022.



MEMÓRIAS DA IGREJA BATISTA PIONEIRA EM SERGIPE



Últimas capas de livros.
Pertencem ao acervo da família do saudoso Mário Barreto França, RJ/RJ.
07mar2023.



ICONOGRAFIA



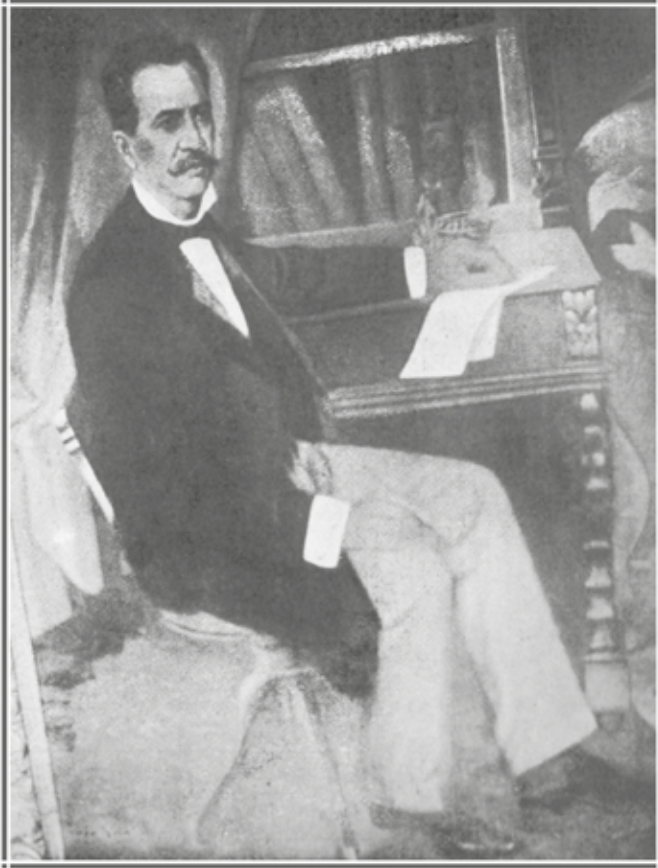
Mário Barreto França





Mário Barreto França
Acervo da família





Tobias Barreto de Menezes. O poeta condoreiro, bisavô de Mário Barreto França



REFERÊNCIAS E FONTES



AZEVEDO, Juarez. *A Bíblia Falou, Tá Falado!* Rio de Janeiro/RJ: Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, 1984.

Autobiografia de Mário Barreto França – Um Sonho que Modificou o Meu Destino, publicação em capítulos pela *Revista Juventude Batista* coleção nr. 21 ao 40. Rio de Janeiro/RJ, 1964.

AMADO, Genolino. *Um Menino Sergipano, (Memórias)*. Rio de Janeiro/RJ: Editora Civilização Brasileira S/A, 1978.

BARRETO, Tobias. *Discursos*. Rio de Janeiro/RJ: Editora Pongetti, 1926.

Entrevista por Israel Belo de Azevedo (pastor) para o Centro de História Viva dos Batistas Brasileiros. Rio de Janeiro/RJ, 10/05/1983.

CALDAS, Maria Hermínia. *Colégio Estadual Atheneu Sergipense*. Aracaju/SE: Editora J. Andrade, 2020.

FERREIRA, Ebenézer Soares. *Reflexão: Centenário de nascimento do poeta Mário Barreto França*. Rio de Janeiro/RJ: OJB, 8/03/2009,

FRANÇA, Mário Barreto. *Rios no êrmo (poesias)*. Rio de Janeiro/GB: Editora Souza Marques Ltda, 1963.

GHEDIN, Evandro e FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Questões de Método na construção da pesquisa em educação*. 2ª Ed. São Paulo/SP: Editora Cortez, 2011.

GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario Bio-Bibliographico*, Edição do Estado de Sergipe. Rio de Janeiro/RJ: Empresa Gráfica Editora Paulo, Pongetti & C, 1925.



LIMA, Jackson da Silva. *História da Literatura Sergipana*. Vol. II – Fase Romântica. Aracaju/SE: FUNDESC, 1986.

MELLINS, Murilo. *Aracaju Romântica que Vi e Vivi anos 40 e 50*. Aracaju/SE: Editora J. Andrade, 2007.

NATIVIDADE, Sandra Maria. *A Saga dos Pioneiros Batistas em Sergipe (1913-2003)*. Aracaju/SE: Editora J. Andrade, 2007.

POESIAS EVANGÉLICAS – Coletânea preparada pelo Departamento de Mocidade. Biblioteca da Mocidade nº 2. Rio de Janeiro/RJ: Casa Publicadora Batista, 1946.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica*. 23ª ed, Petrópolis/RJ: Editora Vozes Ltda, 1978.

SANT'ANNA, Iomael. Artigo: Mário Barreto França, Príncipe dos poetas evangélicos brasileiros. Mesquita/RJ, 2011.

SILVA, Francisco Bonato da. *Os Cristãos Batistas em Pernambuco (1885-2020) – A cronologia da sua história*, 2ª Edição ampliada e revisada. Olinda: Livro Rápido, 2022.

SILVEIRA, Junot. *O Romance de Tobias Barreto*. Brasília/DF: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.

FRANÇA, Mário Barreto. *Sob os Céus da Palestina*. 4ª edição. Rio de Janeiro/GB: Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira – Casa Publicadora Batista, 1971.

FRANÇA, Mário Barreto. *Primícias da Minha Seara*. 3ª edição. Rio de Janeiro/RJ: Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, 1984.

FONTES ELETRÔNICAS

Mensagens pessoais, fotos e depoimentos via: WhatsApp, E-mails, Consultas a sites:

Emerson Mendonça Góes Silva, Itajuípe/BA.

Joadi Silveira Mendonça Gomes, Campos/RJ.



Mirian Mendonça Queiroz, Linhares/ES.

Nely Soares Ferreira, Campos/RJ.

Mário Barreto França Filho (pastor) PIB de Maricá/RJ.

Shirley Maria Santana Rocha (jornalista) Aracaju/SE, – transcrição de poemas, 2023.

Dailson Oliveira dos Santos, pastor, Igreja Batista em Pantanal – Aracaju/SE.

Jamlix Garcez Nascimento Mendonça, São Mateus/ES.

Marluce de Souza França, RJ/RJ.

Josenilson Bispo, Tobias Barreto/SE, 21/03/2023.

<https://www.clientes.infonet.com.br>. Acesso maio 2023.

<https://www.mariobarretofranca.blogspot>. Acesso em 2022,

<https://www.pt.m.wikipédia.org>. Acesso em 2022.

<https://www.portaldamooca.com.br>. Acesso em 30dez2022

<https://www.fuiserviajante.com>. Acesso em 13fev2023.

<https://www.wikipédia.org>. Acesso em 13fev2023.

<https://www.recantodasletras.com.br>. Acessado em 04abr2023

<https://www.master32.com.br>

<https://www.pt.m.wikipédia.org>. Acessado em 15maio2023

<https://www.wikiwand.com>. Acessado em 25maio2023

<https://www.repositorio.ufrn.br>. Acessado em 25maio2023

<https://www.asl-se.org.br>. Acessado em 30 de maio de 2023

[www.https://tobiasbarreto.se.gov](http://www.tobiasbarreto.se.gov). Acessado em 19062023

CESSÃO DE MANUSCRITOS

Profa. Ycléa Cervino, Recife/PE.



IMPRESSOS

Jornal O Christão, 1929, Aracaju/SE.

Othon Ávila Amaral (jornalista e escritor) – acervo particular.
Cornélio Procópio/PR.

INSTITUIÇÕES VISITADAS E ACERVOS PESQUISADOS

Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro/RJ/2014.

CEMAS - Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense
(1848-1950), Aracaju/SE, 2023.

IHGSE - Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju/SE, 2014.
Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro/2014.

Seminário de Educação Cristã - Recife/PE/2023.

ACERVO ICONOGRÁFICO E DOCUMENTAL

Família de João Heleodoro do Nascimento:

Emerson Mendonça Goes Silva

Geisa Nascimento Bahia Maia

Iêda Evangelista do Nascimento

Jamlix Garcez Nascimento Mendonça

Joadi Silveira Mendonça Gomes

Mirian Mendonça Queiroz

Família de Mário Barreto França:

Mário Barreto França Filho

Marluce de Souza França

ACERVOS PARTICULARES

Eunice Guimarães Garcia

Israel Pinto Pimentel

Josenilson Bispo

Maria José Rocha (Zezé)

Nely Soares Ferreira



SOBRE A AUTORA



SANDRA NATIVIDADE



CLEIBER VIEIRA SILVA

Jornalista, Presidente da Associação Sergipana de Imprensa



Herbert Spencer, filósofo inglês do século XIX, dizia que “a opinião, em última análise, é determinada pelos sentimentos, não pela inteligência.” Que seja! E daí? Daí que a opinião não deve ser falsa, mas refletir o sentimento daquele que opina. Pois bem, aqui vai a minha sobre a confreira Sandra Maria Natividade: jornalista, escritora, pesquisadora e mulher de fé. Fé no que diz e faz. Coerente, objetiva e controlada, age com sensatez e procura transformar tudo em algo produtivo e útil. Profissionalmente marcada pela dedicação e pela eficiência, tem o poder da liderança no seu DNA intelectual. Aliás, é o que concentra o próprio nome Sandra: protetora da humanidade, protege, defende e ilumina. Daí, talvez, inconscientemente, seja a sua busca do significado da vida na religião, pois, além de doar bons ensinamentos, Maria e Natividade gera sempre coisas positivas: o bem, o bom, o belo... Eis porque é soberana em tudo que faz.

Assim vejo, sinto e admiro essa mulher.





ALBERTO GOMES E JOADI S. MENDONÇA GOMES

Campos dos Goytacazes/RJ.



Sandra!

Quando se conta uma história, especialmente uma história que envolve a organização de uma igreja, ainda assim, parafraseando Lord Byron, a riqueza dos acontecimentos: “se deve mais à eloquência dos historiadores do que aos fatos em si”.

Devo dizer que o seu estilo de escrever nos proporciona uma leitura bastante agradável, que enriquece a importância dos fatos.

Parabéns pelo seu empenho em passar às gerações futuras – e as atuais, o exemplo dessas pessoas, no bom sentido, obstinadas que inspiram gerações.





FRANCISCO BONATO PEREIRA DA SILVA*
Membro Efetivo do IAHGP - Instituto Arqueológico,
Histórico e Geográfico Pernambucano. Recife/PE



Conheci Sandra Natividade há cerca de trinta anos, quando ela fazia suas primeiras pesquisas sobre os primórdios da Igreja Batista de Aracaju, buscando resgatar os fatos da origem dessa agência do Reino de Deus, mais especificamente a mudança de algumas famílias da IB de Penedo para Aracaju, onde se uniram a alguns Cristãos Batistas residentes em Aracaju e formaram o Núcleo que se tornou a Igreja Batista de Sergipe, hoje a PIB de Aracaju. Na época eu pesquisava as origens da minha Igreja – a IB do Cordeiro, no Recife, o que nos deu interesses comuns.

Essa primeira pesquisa de Sandra Natividade resultou na obra *A Saga dos Pioneiros Batistas*, publicado em 2007, resgatando a história dos cristãos Batistas no Estado de Sergipe, desde os primórdios da Primeira Igreja Batista de Aracaju e

* Engenheiro Civil (UFPE 1976), Bacharel em Direito (UFPE 1971), Especialista em Direito (Estácio 2004), Estudos Avançados em História da Igreja (STBNB, 2002).



do seu pastor Horácio Gomes de Araújo, e de todas as igrejas cristãs Batistas e das instituições sociais Batistas, na busca do resgate espiritual e social do homem. Esta obra enriqueceu a bibliografia histórica cristã e Batista e estimulou outros a seguir essa vereda que se estrada do conhecimento sobre esses até então quase desconhecidos cristãos Batistas.

A segunda obra de Sandra Natividade - *A Luz brilhou na terra dos cajueiros*. Panorama Histórico dos Batistas em Sergipe (1913-2013), em coautoria com Maria de Lourdes Porfírio Trindade dos Anjos, foi uma edição ampliada da primeira obra, lançada na comemoração do Centenário dos Batistas em Sergipe.

A sua terceira obra *O Esplendor da Caminhada* enfoca a Primeira Igreja Batista de Aracaju, a Igreja-mãe das igrejas cristãs Batistas do Estado de Sergipe, lançado também em 2013, na comemoração do seu centenário, enfocando a vida dessa comunidade de fé.

Após estes livros enfocando a vida das comunidades cristãs Sandra Natividade, escreveu *Profissional de Secretariado em Sergipe –Enfoques e Flashes*, 2017.

A trajetória como Escritora lhe valeu a eleição para ingresso em Sodalícios culturais e literários em seu Estado.





YVONE MENDONÇA DE SOUSA

Professora, Escritora, Membro da Academia Literária de Vida



Escritora e pesquisadora emérita é uma intelectual de espírito irrequieto e pertinaz. Na concepção de Aurélio, grande dicionarista, pesquisar é buscar com diligência, inquirir, perquirir, investigar. Assim, o pesquisador é um desbravador da história e de fatos na maioria das vezes latentes e desconhecidos e que vêm à baila através da força hercúlea dos pesquisadores. Sandra Natividade, traz em seu DNA essa força já demonstrada em todos os seus trabalhos publicados e esgotados. Apaixonada pela História como ciência é capaz de enfrentar todos os percalços para identificar a veracidade dos fatos e produzir um trabalho de escol. Quem lê os seus livros sai encantado pela objetividade e imparcialidade do seu estilo literário sempre perlongando com sapiência e responsabilidade o resultado de sua obra. O pesquisador não é um poeta que doura a linguagem com lindas imagens. Ele se angustia e trabalha com afinco para trazer a lume apenas a verdade. Gasta seu tempo, suas energias, seus recursos, mas,



sempre com um sorriso de felicidade porque ama o que faz e porque é também um construtor da História. É assim que eu vejo a pesquisadora Sandra Natividade, orgulho do nosso Sergipe e quiçá do nosso Brasil.



MARIA LÚCIA MARQUES CRUZ E SILVA

Bióloga, Professora Mestre em Educação, Pesquisadora, Escritora,
Fundadora e Presidente da Academia Maruinense de Letras e Artes-AMLA.



SANDRA MARIA NATIVIDADE: uma jóia das letras sergipanas. Jornalista, pesquisadora, escritora e acadêmica da Academia Literária de Vida - ALV, e da Academia de Letras de Aracaju - ALA, Sandra Natividade é, antes de tudo, uma pessoa que carrega o dom de colecionar amigos, com uma habilidade que lhe é peculiar. Por intermédio da querida e saudosa professora Maria Lígia Madureira Pina, entre outras pessoas do seu seletto círculo social, tive o privilégio de ganhar a atenção dessa competente escritora. O resultado de tudo isso foi a construção de uma sólida e sincera amizade, que se preserva como um precioso presente.

No rol de suas obras publicadas, Sandra Natividade levou aos leitores excelentes trabalhos de pesquisa historiográfica: Profissional de Secretariado, em Sergipe (o mais recente - 2017), cargo que ela exerceu com zelo e competência. E, além de *A Luz Brillhou na Terra dos Cajueiros*, publicada em parceria com a professora Dra. Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade



Anjos, escreveu *A Saga dos Pioneiros Batistas em Sergipe (1913-2003)*, publicado em 2007 e *O Esplendor da Caminhada: síntese histórica da Primeira Igreja Batista em Sergipe (1913-2013)* também em 2013. É que este trabalho toca na autora destas linhas.

No bojo da história dos Batistas em Sergipe, é gratificante buscar nas páginas do tempo, uma marcante passagem por esse segmento evangélico. Embora procedente de família que professa a religião católica, na infância (década de 1950) Maria Lúcia frequentava a Escola Dominical na cidade de Maruim/SE, que era ministrada pela igreja Batista. Foi nessa época que Lúcia, suas irmãs e, acredita-se, outras crianças pobres, tiveram contatos, pela primeira vez, com lápis coloridos, para essas atividades de cunho pedagógico/religioso. É impossível esquecer uma folha branca, com o desenho vasado de um barco flutuando, conduzido por uma figura humana representando Jesus Cristo. O nosso Salvador Jesus teve a sua túnica pintada de vermelho, que tocava águas serenas e que foram tingidas de azul-celeste. Um cenário que traduz fielmente o que representa a presença Dele em nossas vidas.

Volvendo mais uma vez o olhar para as fascinantes pesquisas de Sandra acerca da história dos Batistas em Sergipe, constata-se que, esse segmento religioso, procedente dos Estados Unidos da América, foi instituído no Brasil em 1871 (em Santa Bárbara do Oeste/SP) e, em Sergipe, instalou-se em Aracaju, no início do século XX. Mais tarde, essa denominação chegaria em Maruim, no ano de 1926, por iniciativa de Antônia Rosa Nunes.

Parabéns, Sandrinha, por sua brilhante trajetória, pelos trabalhos inspiradores como fontes de pesquisa e, em especial, pela oportunidade de registrar uma memorável passagem em suas letras.





EDSON SILVA NASCIMENTO (DIDA)*

Maestro. Coral da Academia Sergipana de Letras
e Coral dos Funcionários Aposentados da CEF



Para meu deleite, a confreiira profa. Sandra Natividade traz ao nosso conhecimento uma pessoa que já teria importância pelo parentesco com o grande ícone sergipano Tobias Barreto de Menezes, que foi Mário Barreto França, bisneto daquele campista, que teve uma infância como todos os meninos daquela época, ou seja, brincadeiras nas ruas, amigos que se encontravam todos os dias, dentre outras coisas.

O destino pregou algumas peças em Mário, fazendo que fosse acolhido por parentes. Mas quem se apega a Deus e tem fé, vê mudanças que vão acontecendo como no caso de Mário Barreto. Depois de tantas dificuldades, se tornar professor, militar que começa em escola de sargento e depois alcança o terceiro maior posto do exército, general de brigada, realmente é o destino traçado por Deus. Escritor com

* Membro do Movimento Acadêmico Antônio Garcia Filho da ASL, Academia Capelense de Letras e Artes e Academia Literocultural de Sergipe.



vários livros publicados, músico com composições, homem que aprendeu a amar e servir a Deus, um vencedor. Posso dizer, que a ilustre confreira profa. Sandra Natividade, vem nos mostrar pessoas exemplares, inclusive que servem de parâmetro para os dias atuais.

Estar acompanhando os trabalhos da professora, escritora, acadêmica Sandra Natividade, só aumenta meus conhecimentos. Gratidão!



GERVAL DE OLIVEIRA PEREIRA

Pastor da Igreja Batista Nova Jerusalém em Aracaju, Escritor e Capelão pela UNIPAS



Conheci a irmã Sandra Natividade quando atuei como Diretor de Evangelismo e Missões e depois como Secretário Interino da Convenção Batista Sergipana, e a nossa amizade se fortaleceu quando viajamos para a Assembleia da Convenção Batista Brasileira em 2004, na cidade de Belo Horizonte/MG.

No Ano de 2007 lançou sua primeira publicação, uma obra que desperta o interesse do povo Batista em Sergipe *A Saga dos Pioneiros Batistas em Sergipe*, obra Literária, que na verdade, vejo como um Documento que narra de maneira fiel a História dos que nos antecederam Plantando Igrejas, fazendo Missões, levando a Boa Nova do Evangelho, cumprindo o “Ide” de Jesus Cristo com alegria, muita fé e fervor.

Em 2013 conheci a obra Literária *A Luz Brilhou na Terra dos Cajueiros*, ela em parceria com a escritora Maria de Lourdes Porfirio Anjos; onde vi o interesse e a empolgação da autora, a irmã Sandra, pela História dos Batistas Sergipanos, continuou levando aos seus leitores empolgação e interesse em conhecer detalhes



desta bela História, cujas páginas relatam as lutas e conquistas da nossa Denominação.

No geral lançou quatro livros autorais e agora, nos brinda com *Memórias da Igreja Batista Pioneira em Sergipe* mais um Livro, mais uma inspiração para os seus leitores. Mais uma obra que com certeza edificará a nossa vida.

Minha gratidão a minha amada irmã em Cristo, pela sugestão e ajuda, pois através desse incentivo, senti-me motivado a escrever nos anos de 2020-2021 o livro onde conto a minha História. Uma autobiografia sob o título *Vivendo 100% sem Estômago*, onde enfatizo minha vivência sem estômago desde 2014, obra literária lançada em 2022, organizado pela escritora e com o seu total apoio.

A minha oração é que Deus continue a abençoar a irmã Sandra e que o Espírito Santo continue inspirando-a.

Minha Jornalista Sandra Maria Natividade, louvado seja Deus por sua preciosa vida.





ISRAEL PINTO PIMENTEL,
Pastor, Professor. Maceió/AL.



Querida e amada irmã e amiga Jornalista Sandra Natividade, eu sempre dou muitas e muitas Graças a Deus por Ele ter me permitido conhecê-la e privar desta sua excelente e maravilhosa amizade! Por tudo que você tem escrito, artigos e livros, tem sido para mim motivo para dizer-lhe do meu apreço, como também agradecer a Deus por dar-lhe está maravilhosa capacidade de transferir para o papel o que Deus tem colocado em sua mente e coração. Que Deus continue lhe abençoando cada dia mais e mais. Esta tem sido nossa sincera oração.





MARCOS MONTE
Pesquisador. Maceió/AL.



Escrever é um verbo transitivo direto, mais precisamente expressar-se por meio da escrita. Podemos também dizer que é uma das maneiras das pessoas se comunicarem. A jornalista e escritora Sandra Natividade é uma delas, que comunica as suas pesquisas e vivências de forma clara e objetiva através dos artigos e livros que tem escrito. Ler o que Sandra escreve transporta-nos ao ontem e reafirma o hoje, como também nos aprovisiona com novos conhecimentos, enfim é fonte de informações. Já me delicieei com seus livros e levei outras pessoas a fazerem o mesmo.





MARIA DE FÁTIMA CAMPOS DA SILVA

Relações Públicas, Jornalista, Mestre e Doutora em Ciências da Educação.



Jesus, filho de Deus, exemplo de coragem, generosidade e determinação. Modelo de conduta e sabedoria. Quando da sua passagem entre nós, mostrou de forma amorosa como perseguia seus objetivos e mantinha firme seus valores, apesar das dificuldades e provações.

Sandra Natividade, mirando-se nesta sabedoria e detentora de muita fé – um poço de bondade que nunca seca – competência e retidão a serviço de Deus.

Com a proposta de trazer à tona a trajetória de João Heleodoro do Nascimento primeiro tesoureiro da Igreja Batista pioneira em Sergipe, e do renomado poeta Mário Barreto França, a autora incursiona por caminhos muitas vezes de difícil acesso para, em uma incessante coleta de informações e dados, brindar-nos com passagens fidedignas, dando luz à história destes importantes cidadãos e homens de fé. Ao percorrer por estes caminhos a autora traz aos seus fiéis leitores um valioso presente de diversidades e pluralidades de entendimentos.





PATRÍCIA VERÔNICA NUNES CARVALHO SOBRAL DE SOUZA*

Professora Titular do Curso de Mestrado e Doutorado
em Direito da Universidade Tiradentes (PPGD-UNIT)



As obras literárias de Sandra Natividade são fontes inesgotáveis de inspiração e reflexão. Cada livro escrito por ela cativa minha imaginação e me transporta para mundos fascinantes.

Uma característica marcante em seus livros é a forma como utiliza a linguagem de maneira poética e envolvente. Suas palavras fluem suavemente, criando uma atmosfera única que nos envolve desde a primeira página. Cada frase é cuidadosamente construída, revelando o domínio que Sandra tem da escrita.

A diversidade temática presente em suas obras também nos impressiona. Ela aborda desde questões existenciais

* Pós-Doutora em Direito Digital pela Mediterranea International Centre for Human Rights Research dell Università Mediterranea di Reggio Calabria (Itália), Pós-Doutora e Doutora em Direito Público - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Doutora em Educação - Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre em Direito Público - Universidade Federal de Sergipe (UFS).



profundas até problemáticas sociais contemporâneas, sempre com uma sensibilidade aguçada. Seus personagens são complexos e realistas, o que nos conecta emocionalmente com suas histórias.

Sandra Natividade consegue explorar as motivações, medos e anseios de cada um dos seus leitores de forma magistral. Isso cria uma camada de empatia entre o leitor e as figuras literárias, tornando a experiência de leitura ainda mais enriquecedora.

A escrita de Sandra também possui uma habilidade única de criar atmosferas e cenários detalhados. Ela transporta o leitor para lugares repletos de luz, cores e sons. É como se fosse possível sentir o calor do sol ou o cheiro da chuva enquanto mergulhamos nas páginas de seus livros.

Outro aspecto a ser evidenciado é a sua capacidade de transmitir mensagens e temas complexos de forma sutil e perspicaz, fazendo-nos pensar sobre a vida, o amor, a sociedade e o sentido da existência. Suas palavras têm o poder de nos fazer questionar e repensar nossas próprias convicções.

A variedade de estilos literários que Sandra Natividade domina é admirável. Ela transita com facilidade entre a poesia, o romance e até mesmo o conto. Essa versatilidade demonstra seu talento e sua capacidade de se reinventar em cada obra.

Ao mergulhar nas páginas dos livros de Sandra Natividade, sinto-me parte de uma jornada emocionante. Suas palavras nos levam a explorar novos horizontes, a ponderar sobre a condição humana e vivenciar emoções intensas. Além de ser uma talentosa escritora, Sandra Natividade também deixou sua marca como uma exímia servidora durante o tempo em que fomos colegas no Tribunal de Contas de Sergipe.



Sua competência, seriedade e ética eram evidentes em todas as suas atividades.

Esses valores se espelham, também, em suas obras literárias. Em seus livros, há sutis reflexões sobre a honestidade, a justiça e a responsabilidade social. Suas histórias despertaram em mim uma consciência mais aguçada sobre as injustiças presentes em nossa sociedade e a necessidade de agir de forma íntegra e comprometida.

Sandra Natividade tem o dom de criar personagens que retratam a complexidade humana e suas lutas internas. Ela nos faz considerar sobre a importância de tomar decisões éticas em situações difíceis e explorar os limites morais que enfrentamos em nossa jornada.

É notável como Sandra Natividade sempre conseguiu unir sua excelência como servidora pública com a sua habilidade como escritora. Ela usa sua experiência profissional para enriquecer suas histórias, trazendo autenticidade e um olhar aguçado para os desafios enfrentados no serviço público.

Parabéns, estimada confreira Sandra Natividade.



SHIRLEY MARIA SANTANA ROCHA

Jornalista, Presidente da Academia Literária de Vida.



*“Escreva isto para a geração futura, para que um povo
que está por vir louve ao Senhor”. Salmo 102.18*

Tenho na lembrança as palavras do pastor Jables Nogueira: *“... Conheço a autora, e posso afirmar que ela é idônea, tanto no aspecto espiritual quanto intelectual”*. Esse é o perfil bem escrito e revelador de Sandra, não conheço ninguém que não tenha uma palavra de elogio para o caráter e personalidade de Sandra Maria Natividade. Foi nos corredores da FIT-Faculdades Integradas Tiradentes que a conheci. Corria anos 1983 a 1986. Depois da formatura partimos em direções diferentes. A reencontrei nos gabinetes do Palácio Olímpio Campos, 1988 – ambas, funcionárias do Estado; e voltamos a nos encontrar durante a Bienal de Livros de Itabaiana em 2012. Feliz reencontro, aí a convidei para participar de uma das nossas reuniões da Academia Literária de Vida. E ela gostou. Maria Lígia Madureira Pina, a presidente, admirou seu currículo e a



apresentou às confreiras que apoiaram por unanimidade seu nome e o convite foi feito e aceito. Ela tomou posse em 1º de dezembro de 2013, escolhendo a cadeira de n. 12, cuja patrona é Flora do Prado Maia. Desde então tem sido uma confreira atuante que enobrece a casa de Lígia Pina.

O primeiro livro que ela ofereceu a Academia foi *A Saga dos Pioneiros Batistas em Sergipe*, quando da sua posse. A publicação de 2007 era em homenagem aos 90 anos da existência dos Batistas em Sergipe. E assim ela prosseguiu trazendo à luz, toda garra, a persistência e a fé em Deus dos seus irmãos. O livro é um registro fidedigno dos vultos pioneiros no nosso Estado, pessoas que vieram de outros Estados e de outros países, esses, enfrentando dificuldade da língua, do clima, tudo pela fé; há relatos sobre todos os pastores, as missionárias, as primeiras igrejas em diferentes municípios, os conflitos para alcançar a sociedade até então apenas católica ou mesmo os que não professavam religião nenhuma. São informações preciosas para a História, acompanhadas de fotos (como ela conseguiu tudo?), atas, os trabalhos desenvolvidos ao correr do tempo... Impressionou-me o envolvimento das mulheres; desde cedo, sua importância para a chamada das crianças, da organização num todo, das caminhadas por lugares distantes e desconhecidos. De vários nomes citados vamos reconhecendo alguns e relembrando suas passagens através o rádio ou jornais da época que chegavam até nós. Não imaginávamos a força que haveria de vir dali.

Mas Sandra achou pouco, e escreveu mais dois livros *O Esplendor da Caminhada* e *A Luz Brilhou na Terra dos Cajueiros*, (por comemoração do centenário dos Batista em Sergipe) registrando fatos e fotos da sua igreja Batista. Alguns tópicos foram reeditados para complementar, acrescentar, forne-



cendo à história informações preciosas dentro da época, dos acontecimentos, fontes inesgotáveis para os pesquisadores e estudiosos do presente e do futuro. Jamais a Igreja Batista de Sergipe será esquecida, sobre seus vultos importantes e sua caminhada por trilhas cheias de pedras, tudo está gravado nas palavras escritas com zelo por Sandra.

Como pesquisadora (fanática!) Sandra Natividade está sempre ansiosa para concluir um trabalho. Reclama quando da procura das fontes, na demora das respostas, para decifrar a grafia de algumas pessoas... Revela-se nisso sua responsabilidade. Começou deve concluir.

Sandra não ficou só focada na igreja, escreveu *Profissional de Secretariado em Sergipe Enfoques e Flashes*, em 2017— quando deixa em 242 páginas um documentário sobre a profissão das secretárias, trabalho sempre exercido pelas mulheres ao longo de décadas. Também necessitaram de muita garra, dedicação, sendo sempre anjos de guarda dos chefes, mas nunca agradecidas por muitos. Foi uma batalha para serem reconhecidas como profissionais de fato. É um livro precioso, pois ninguém jamais escreveu sobre isso no Estado. Com testemunhos e fotos. Sandra trabalhou por muitos anos como secretária, conhecia o dia a dia, os conflitos e as horas gratificantes. Conheceu e ajudou pessoas nesse período e também foi ajudada. Vale a pena conhecer um pouco de tudo isso. Foram vidas de mulheres batalhadoras por um lugar ao sol. Depois, ainda trabalhou coordenando livros com histórias de vida de, digo eu, “escritores anônimos”, revelados sob a organização dessa pesquisadora e escritora, Sandra Natividade. É o caso do livro *Eu Senti/Eles Viram* de Edina Teles do qual tive o prazer de escrever o comentário da contra capa. História de vida de uma mulher diante de inúmeras dificuldades, mas aberta à



manifestação de Deus, e portadora de fé inabalável. Depois, Sandra Natividade organizou o livro do pastor Gerval de Oliveira Pereira, lançado em 2022 - *“Vivendo 100% Sem Estômago”*. Trata-se da saga de um pastor em busca do caminho a Deus e os embates contra uma doença que usurpou seu estômago, mas, não levou sua fé.

Tenho certeza que não ficará por aqui essa vontade de desbravar, historiar. Sandra vai continuar abrindo gavetas, visitando arquivos, perguntando às pessoas, indo em busca da informação onde elas estiverem. Receba toda honra que merece Sandra Maria Natividade!



Sandra Maria Natividade, nasceu em Aracaju, estudou e trabalhou em sua cidade, concluindo o curso secundário, à época, em 1974, graduando-se em 1985 no Curso Comunicação Social com habilitação em Jornalismo nas Faculdades Integradas Tiradentes-FITs atual Universidade Tiradentes-UNIT, posteriormente, 2006 submeteu-se a especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior na Faculdade São Luís de França, Aracaju. É membro dos Sindicatos dos Jornalistas e Radialistas do Estado de Sergipe, do Conselho Editorial de O Jornal Batista/RJ, da Associação Sergipana de Imprensa – ASI, Academia Literária de Vida – ALV, Academia de Letras de Aracaju – ALA, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE e da União Brasileira de Escritores – UBE núcleo de Aracaju.

Trabalhou no serviço público estadual, municipal e federal exercendo cargos de natureza burocrática: coordenadora e professora de cursos profissionalizantes, assistente técnico, secretária executiva, locutora-entrevistadora, assessora de gabinete, assessor técnico e analista de controle externo. Memorialista, é autora de diversos trabalhos sobre a presença da denominação batista em Sergipe, bem como da história do Secretariado Executivo sergipano.

